



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>

325 a. 17.



Vet. Por...



R I M A S
DE
JOÃO XAVIER
DE MATOS.

325 a. 17

RIMAS
DE
JOÃO XAVIER
DE MATOS
ENTRE OS PASTORES
DA ARCADIA PORTUENSE
ALBANO ERITHREO
DEDICADAS A' MEMORIA
DO GRANDE
LUIZ DE CAMÕES
PRINCIPE
DOS POETAS PORTUGUEZES
DADAS A' LUZ
POR
CAETANO DE LIMA E MELLO.

TOMO SEGUNDO.

Nova Edição.

LISBOA

NA TYPOGRAFIA DA ACADEMIA R. DAS SCIENCIAS.

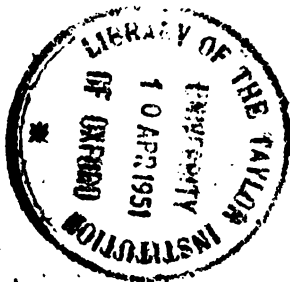
1827.

Com licença da Comissão de Censura.

Vende-se na loja da Viuva Bertrand e Filhos, ao Chiado.

Mettido tenho a mão na consciencia,
E não fallo senão verdades puras,
Que me ensinou a viva experiencia.

CAMÕES. *Son.* LXXXVII.



PROLOGO.

JUDICIOSO Leitor, justamente persuadido de que te foi grato o trabalho, que tomei de juntar, e offerecer á tua curiosidade o Primeiro Tomo das Poesias de JOÃO XAVIER DE MATOS, me animei a continua-lo, para te dar a ler o Segundo. As contínuas molestias, que o Auctor tem padecido, e padece, não permittião que elle ainda se desse á luz, e muito menos as Tragedias; porém a impaciencia d'alguns curiosos não consente se espere, que elle o possa rever com o socêgo, que pede a materia, nem que deixe de se juntar a miscellanea, que com repugnancia do A. vai no fim. Se fores pio, rogo-te que dissimules; se o não fores, peço-te que o não leias.

Vale.

SO-

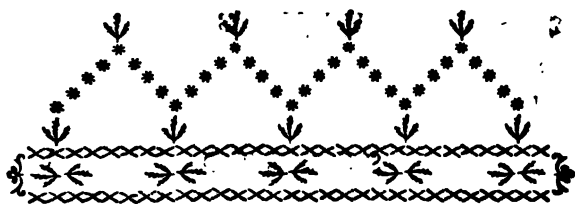
100



[Faint, illegible text covering the majority of the page, possibly bleed-through from the reverse side.]

100

100



SONETO

EU chorarei de Amor tão tristemente
Por hum modo tão novo, e desusado;
Que quem nunca o tiver exp'rimetado,
So de ouvir seus effeitos o exp'rimente:

Direi n'um breve escrito a toda a gente
Quantos casos por mim ja tem passado;
Porque saiba qualquer desesperado,
Que inda ha outro mais triste descontente.

O' vós, que Amor, com mostras de innocencia,
De novo as sans vontades contamina,
Sem lhe valer a antiga experiencia,

Quando lerdes em mim quanto ella ensina,
Fareis dos vossos erros penitencia,
Que os meus erros serão vossa doutrina.

S O N E T O

Têmão embora a morte os que aferrados:
Aos grossos cabedaes, que possuem,
Nunca tão brevemente presumião,
Que lhes fossem das mãos arrebatados

Têmão deixar co' a vida os começados
Muros das altas casas, que erigião;
A cara esposa, os filhos, que crescião,
Os brandos leitos, os tremós dourados:

Que eu sem bens, e sem casa, vagabundo,
Mal coberto c' o manto da indigencia,
Ja não temo da morte o horror profundo:

No que me tira não me faz violencia;
Que o melhor modo de sahir do Mundo,
He cheio ou de miseria, ou de innocencia.

SONETO

JA la-vão sete Lustros; que este monte
Berço me foi: ja da vital jornada
Mais de meia carreira está passada;
E cedo iremos ver outro Horizonte:

A mão ja treme, ja se enruga a 'fronte,
Ja branqueja a cabeça, e co' a pezada
Consid'ração da vida mal gastada,
Vai-se apagando a luz, seccando a fonte.

Pouço nos resta, que passar ja agora:
E para as derradeiras agonias
De tantos annos, aproveite hum' hora.

Esperanças, temores, vãos porfias,
Paixões, desejos, ide-vos embora;
Favor, que me fareis por poucos dias.

S O N E T O

JA^ome não enganais, rostos fingidos,
Inda em mais formas que Proteu mudados,
A contrafeitos risos costumados,
Quaes em fonte Sardonica bebidos.

Algun fructo dos males padecidos
Hão de tirar os bem exp' rimentados,
Que he vir a conhecer dissimulados,
Raras vezes no Mundo conhecidos:

Ja sou outro; mudei de qualidade;
Fechou-se o coração: ficai de fóra,
Subtis imitadores da verdade:

Ide-vos d'elle, para sempre, embora:
Que ja não tem as portas da amizade.
Tão faccis de se abrir, como até agora.

SONETO

Aquelles deus, que oppositos sempre andarão
O Amor, e a Fortuna, as mãos se derão:
Ambos meus inimigos se fizeram;
Que a não ser isso, nunca se ajuntarão.

Ambos a mim á falsa fé chegarão,
Destruindo, assolando, em fim vencêrão;
E depois que os despojos recolherão,
Entre si repartidos os levarão.

Não me levarão niandos, nem grandezas,
Estimações, thesouros, nem privança,
Cousas, que para mim não são riquezas:

Levarão-me a alegria, e a esperança:
Joiás de mais valor, que vejo presas
Nas mãos de huma Mulher, e huma Criança.

S O N E T O

Chegon, Pastora, o termo derradeiro
 Dessa paixão, que cego me trazia;
 Tão fria está, que não está tão fria
 A mesma agua na força de Janeiro:

Ja posso estar sem ver-te hum dia inteiro;
 Hum mez, hum anno, hum seculo estaria;
 E c'o mesmo socego te veria
 Nos braços do mais rustico vaqueiro.

Onço o teu nome, e ja não sinto aquella
 Suave commoção, que experimentava:
 Custou-me, mas triumphei da causa della;

E as cores, com que Amor te retratava,
 Ja te não pintão tão formosa, e bella:
 Olha como a paixão me allucinava.

SONETO

JA me não venço, Amor, de hum gesto lindo,
Nem de huma voz de Circe encantadora;
Ja venci, ja triumfei da mão traidora,
Da mão daquella, que me andou ferindo.

Dize-lhe, que, o seu jugo sacudindo,
Os ferros quebro, que arrojéi té agora;
E, que se rir costuma de quem chora,
Que eu ja não choro, e que me fico rindo.

Que neste dia; da razão armado,
Quebrei o encanto, desatei o enredo:
Dia por certo bemaventurado!

Mas que não cuide, que o fugir-lhe he medo;
He odio; e que so vou acompanhado
Da viva dor, de lho não ter mais cedo.

S O N E T O

EM batalha campal me desafia
Cupido, so por so. Não sei que faça;
Se houvera so valor, e não desgraça,
Nenhum recejo de o vencer teria:

Mas quem sempre da sorte desconfia,
Porque lhe fora em toda a vida escassa,
Que triumphos espera de quem traça,
Para matar, enganos cada dia?

Eu bem sei que a mata-lo so me atrevo;
Mas para me vingar, sem desvarios,
Bastão as sem-razões, que delle escrevo.

Se elle quier, venha-a; verá meus brios:
Que eu amo a Deos, e ao Rei; e obrar não devo
Contra a Lei, que prohibe os desafios.

S O N E T O

CONTRA o poder de vossas mãos, Senhora,
Quem ha de resistir? Se basta ve-las,
Para morrer de amor por gosto nellas,
Para vos declarar por vencedora.

A mesma Natureza se namora
De tão formosas mãos, de mãos tão bellas;
E se eu sou digno de jurar por ellas,
Juro, que outras iguaes não faz ja agora.

Por ellas deixa Amor da Mãe os braços;
E, beijando-as, os ferros passadores
Nellas vos põe, ja feitos em pedaços:

Pois acha nessas mãos, mais sup'riores,
Mais suaves farpões, mais doces laços,
Para prender, para matar de amores.

S O N E T O

V Ai, ó caro Limano, que a ventura
Não se fez para mim, vai ver aquella,
Como a qual nunca viste outra tão bella
Em graça, em discrição, e em formosura.

Pinta-lhe a melancolica figura,
Em que aqui fico a suspirar por ella:
Pinta-lhe a dor de não poder ir ve-la,
Se he que podes fazer-lhe esta pintura.

Dize-lhe, que te invejo a liberdade
De ir ver seus olhos, unico conforto.
Que eu teria na minha enfermidade:

Dize-lhe, em fim, que fico tal de absorto;
Que mais te quiz dizer; mas que a saudade
Não deixou dizer mais, pois me tem morto.

SONETO

SE quem te vê, bellissima tyranna,
 Morrer por ti de amores se não sente,
 Leite mamou de Libyca Serpente,
 Ou parto foi de alguma Tigre Ircana:

Quem haverá, que, vendo a soberana
 Graça gentil de teu olhar somente,
 Não se abraze na luz resplandecente,
 Na viva luz, que dos teus olhos mana!

Como pertendes pois, que eu te resista?
 Se a tua, nunca vista, formosura,
 Para vencer as mais, basta ser vista!

Mas se he porque em mim vês tanta brandura,
 Que tens em pouco a gloria da conquista,
 Culpa quem me não deo alma mais dura.

SONETO

EM ti mil Graças sempre estão chovendo :
 Se falas, Graças mil se estão ouvindo ;
 Mil Graças nessa bocca se estão rindo ;
 Graças mil nesses olhos se estão vendo :

Beijão-te humas as mãos ; outras correndo
 A teus mimosos pés, te vão seguindo ;
 Humas por tuas faces vem subindo ;
 Outras por teus cabellos vão descendo.

Não são só tres as Graças, milhões dellas,
 Que te acompanhão tão gentil figura,
 Ficão, postas em ti, sendo mais bellas.

Ja quiz conta-las, mas achei loucura ;
 Que he reduzir a numero as Estrellas,
 Contar as Graças nessa formosura.

SONETO

Aquelle rosto, aquelle affavel rosto,
 Cheio d' um não sei que, mais do que agrado,
 Sempre innocente, sempre delicado,
 Tanto ao nascer do Sol, como ao Sol posto;

Aquelle sitio, que servio de encosto
 (Ditoso sitio!) a tanto bem amado;
 Aquelle chão, por elle já pizado,
 Cujas pégadas beijarei por gosto;

Tudo me manda Amor, que n' alma traga:
 Nem, por mais que nos fuja o tempo leve,
 Esta viva lembrança em mim se apaga.

Ninguem riscar memórias taes se atreve;
 Pois so a mão da morte he que as estraga;
 Quando a pena de Amor he que as escreve.

S O N E T O

Para que em mim os olhos tens pozeste,
Tão cheia de piedade, e de brandura?
Para que lhe augmentaste a formosura
No lindo movimento, que lhe déste?

Se foi, para ferir-me, que os moveste,
Deixa-me agradecer-te esta ventura;
Torna a ferir-me, que eu não peço a cura
Das chagas immortaes, que me fizeste.

Se me vires cobrir de amargo pranto,
Não perguntes porque; pois não duvidas,
Que a causa és tu, meu Bem, de eu chorar tanto:

São sangue d'alma as lagrimas vertidas;
E á vista do aggressor não causa espanto;
Que torne a sahir sangue das feridas.

SONETO

Nunca mais tornarei a ver teu rosto ;
Porque Amor, a quem tenho consultado,
Diz, que não sabe, que o pergunte ao Fado,
De cuja negra mão pende o meu gosto :

De quem foi sempre a meu allivio opposto,
Que bem devo esperar? Desenganado
Ja me tem a experiencia do passado ;
Nunca mais tornarei a ver teu rosto.

Eu o disse mil vezes, na memoria
Eu o disse mil vezes, quando vinha
De conseguir de amor tanta victoria :

Que a gloria de te ver, que me mantinha,
Quando não fosse breve, por ser gloria,
Sempre havia acabar-se, por ser minha.

SONETO

DO. Tinha as mansas ondas apartava
 No seu pobre batel Albano hum dia,
 Baccador de muita pescaria,
 Com que apenas a vida sustentava:

Com os olhos nas praias, que deixava,
 Cheio das saudades, que trazia,
 Da Nympfa o doce nome repetia,
 Da Nympfa, por quem tanto suspirava:

Chegando á praia: opposta se entristece
 O saudoso Albano, de tal sorte,
 Que vivo não, mas morto ja parece:

Salta n' avia, e diz: Cruel transporte!
 Triste de quem se ausenta, que padece
 Hum saudades mais cruel, que a morte!

SONETO

Qual depois de horrerosa tempestade,
 De que a vida escapou, sabindo a nada,
 Vem c' o vestido unico molhado,
 Movendo as gentes todas á piedade:

Tal eu depois da negra escuridade,
 Em que estive até agora sepultado,
 Surjo ante vós, ó Jonia, destroçado,
 Dos procellosos mares da saudade.

Elles no fundo abysmo me tiverão:
 Elles ás altas nuvens me levárão;
 Mas salvei-me onde tantos se perderão.

Piedade, oh Jonia! A huns elhos que chorárão,
 E que no mar do pranto, que fizerão,
 Por milagre de Amor não se affogárão.

SONETO

Qual munda rez, de pés, e mãos ligada,
Sem fazer ao cutêlo resistencia,
Quer Jonia que eu me cale, e que a violencia
Traga sempre a razão sacrificada.

Quer que humã alma, de amor ao jugo atada,
Tenha em soffrer tamanha persistencia,
Que no affrontoso carro da paciencia
Va em triumpho publico levada.

Que mais quèrerá Jonia? Que inda ufano
Da causa vil, por que de novo peno,
Adore o erro; conhecendo o engano?

Va Jonia amar hum coração pequeno,
Que antes a Furia reduzido Albano
Comerá ferro, beberá veneno.

SONETO

Enganei-me com Jônia: paciência:
 Cuidei que achasse hum coração constante;
 E que debaixo de hum gentil semblante
 Morasse huma alma cheia de innocencia:

Achei, em vez de amor, huma apparencia,
 Que passou por verdade, e a cada instante
 Huma alma enganadora, hum genio errante;
 Enganei-me com Jônia: paciência:

Oh! Quem antes de amar a conhecêra;
 E então tivera, como tenho agora,
 Hum coração de bronze, e não de cêra.

Mas se era costumada a sêr traidora,
 Fez muito bem, obrou como quem era,
 Que não fora mulher, se assim não fora.

SONETO

NAõ vades hoje ao campo, ó Lavradores ;
 Deixai, Nymfas do Tejo, as aureas teias ;
 Cesse nas praias, cesse nas Aldeas
 Vosso trato, Barqueiros, e Pastores.

Vós Virtudes, vós Graças, vós Amores,
 Descei do Ceo ; e em festivaes Choreas,
 Sernanas, Nymfas, Dryades, Nápeas,
 Dai a Anarda, commigo, altos louvores.

Este he de nós o Idolo adorado :
 Vede, que Amor, e o Tempo, ante seu vulto,
 Hum a foice, outro as settas tem quebrado :

Faz annos e pezar do seu insulto :
 Ah ! festejai hum dia tão sagrado,
 Que até estes tyranos lhe dão culto.

SONETO

V. Ai, Genoveva: os favores ventos
 Em paz te levem pelas ondas mansas;
 Que erguendo os olhos, e espalhando as tranças,
 Bem podes serenar os Elementos:

E se de ir ver estranhos aposentos,
 Te hão de seguir altissimas bonanças,
 Fiquem sem vida as nossas esperanças,
 Fiquem com premio os teus merecimentos.

Dos altos dons, que te negou Lisboa,
 Abrir os cofres á fortuna vejo,
 E que em Paris com elles te coroa:

E em quanto se não cumpre o teu desejo,
 Escuta alegre, o que de tí pregôa
 Em França o Sana, em Portugal o Tejo.

SONETO

N Um tronco Amor á vista dos Pastores
 O arco, e as settas pendurado havia,
 Pois quiz, em teu obsequio, ter hum dia
 Ociosos os ferros passadores.

Huma capella de cheirosas flores
 Elle nas crespas azas te off'recia;
 E cheio de doçura, e de alegria,
 Cantando derramou estes louvores:

Vive, Nymfa gentil, desfruta a gloria
 Da minha protecção, que entre os humanos
 A ninguem concedi tanta victoria:

Vive a pezar dos seculos tyrannos;
 Que de teus bellos annos a memoria
 Ha de durar, em quanto houverem annos.

SONETO

ANarda, vossa Mana será bella;
Porém a par de vós nunca o parece,
Que huma so graça vossa lhe escurece
Todas as graças, que se encontram nella:

Ja que lhe quereis bem, tende a cautela
De a não levar comvosco onde apparece;
Vós o sabeis, o Mundo o reconhece,
Pois á vista do Sol não luz a Estrella.

Bem que mil vezes me digais, que minto,
Tenho razões tão altas de sobejo,
Que ignala-la com vosco não consinto.

Não sei se he illusão do meu desejo,
Só sei que, vendo os olhos seus não sinto,
Isto que sinto, quando os vossos vejo.

SONETO

O Ra aqui, ora alli, ferindo a gente
 Anda Amor, em teus olhos disfarçado;
 E por não ser (como he razão) culpado,
 Diz, que lho mandas tu, não sei se mente.

Quando teme passar por delinquente,
 A teus cabellos voa, onde enredado
 Dentro delles está, como em sagrado,
 Armande laços de ouro subtilmente.

Mais do que Amor, és tu quem nos maltratas;
 Pois as mortes, que faz, tu lhas decretas;
 Que elle com ser cruel, tem Leis mais gratas

Trazes todas as almas inquietas;
 Porque tens com que as prendes, com q as matas,
 Nos cabellos grilhões, nos olhos settas.

SONETO

EM brando verso celebrar queria
Os bellos annos de Marilia bella;
E co' a Lyra na mão, e os olhos nella,
Mais que ás Musas, influxo a Amor pedia.

Elle que ja mil flores lhe trazia,
Em quanto lhe formava huma capella,
Mandando-me calar, diante della,
Em alta voz em seu louvor dizia:

Tu, ó Jove immortal, que dos humanos
Dás, e tiras a vida, em vituperio,
Não so dos Altos Reis, dos vís Serranos;

A de Marilia, por maior mysterio,
Dilata, que, sem ella fazer annos,
Não se sustenta o meu famoso Imperio.

S O N E T O

V Aõ de valor, vãõ de Fortuna armados,
 A conquistar o Mundo Heroes valentes;
 E na testa de exercitos rompentes,
 Voltẽm de mil despejos carregados;

Soltos ao vento mil pendões ganhados,
 Co' as ja captivas numerosas gentes,
 Cortem do mar as tùmidas correntes
 Altas galéras de esporões dourados;

Entrem por Grecia, e Roma; á generosa
 Sombra de arcos triumphaes de palma, e louro,
 Oução acclamações em verso, e prosa;

Que eu maiores triumphos enthesouro,
 Contente da conquista gloriosa
 De huns olhos pardos, de huns cabellos de ouro.

SONETO

NÃO foi, Marília, a tua formosura
 Quem me prendeo a solta liberdade,
 Outras são as cadeias, que a vontade
 Beija por gosto, arrasta por ventura.

O frágil dom de huma gentil figura
 Voa nas azas da primeira idade,
 E da pallida mão da enfermidade
 O mais ligeiro toque a desfigura.

Teu grande coração, tua alma grata,
 Teu claro espirito, de virtudes cheio,
 Desprezador de todo o ouro, e prata,

He so a formosura, em que me enleio;
 Que esta, quando do corpo se desata,
 Para o Ceo torna a ir, de donde veio.

SONETO

Vós, areosas Escalabitanas
 Margens do Tejo, a cujo antigo assento
 Deo nome o curvo, o bellico instrumento,
 Que orna o cinto das gentes Africanas,

Croadas de Salgueiros, e Espadanas,
 Vede alegres o meu apartamento;
 Que eu vou, como ja fiz, n'outro aposento
 Infamar, com meus ais, outras cabanas;

Mas se a vizinha, se a furiosa cheia,
 Que ja nos traz boiando o Chopo, e a Faia,
 Ameaçar de mais perto a vossa Aldeia;

Porque respeite o sitio desta praia,
 Mostrai-lhe, que aqui fica, sobre a areia,
 Escrito o nome da formosa Oliaia.

SONETO

EM torno de hum Altar, onde apparece
 Da bella Olaja o magestoso vulto,
 Inquietos amantes lhe dão culto
 Por mãos d' hum Sacerdote, que lh'off'rece.

O devoto Ministro Amor parece,
 Mas vive nelle disfarçado o insulto:
 Ah! Foge, Olaja, de quem anda occulto,
 Dizendo, que he Amor, sendo interesse.

Não cridas sempre que, em hum peito humano,
 São de Amor as offeras singulares,
 Limpas de má tenção, como as de Albano;

E para o sacrilegio castigares
 Da mão sagrada, que dirige o engano,
 Fecha-lhe o Templo, esconde-lhe os Altares.

S O N E T O

Qual o menino, pela mão levado
Para ver algum publico festejo,
Sem saber regular o seu cortejo,
No meio está dos mais, como pasmado.

Tal eu, Senhora, pela mão guiado
De hum festival, de hum candido desejo;
Junto c'os mais, a illustre mão vos beijo,
Sem que possa louvar-vos de admirado;

Mas se os puros affectos da vontade
Tambem são eloquentes neste dia,
Sirva de panegyrico a humildade;

Pois sei, que para vós tem mais valia
Os sãos conhecimentos da verdade,
Do que os dons soberanos d'harmonia.

SONETO

AOs santos bosques do Tojal me guia
A mão fiel de hum festival cortejo;
E entre as ramas vagando o Monstro vejo,
Que faz dos filhos seus crua ignaria.

Co'a curva fouce, que na mão trazia,
Os louros corta insignias de festejo;
E c'uma voz, que la se ouviu no Tejo,
Trabalhando, cantando, assim dizia:

Para o justo Saldanha, que ennobrece,
Que adorna, e felicita a nossa idade,
Torne este louro, que á sua sombra cresce.

Quem terá contra elle authoridade?
Se a mesma estragadora mão lhe tece
A coroa immortal da eternidade.

*Indo o A. fallar ao Eminentissimo e Reverendissimo
Cardeal Patriarca, estando na sua quinta do Tojal, em
dia dos seus annos.*

SONETO

Trazet do Ceu medicinal virtude
 Ao Regio Infante alegre melhora;
 Annuncial á tímida Maria
 Do amado esposo a proxima saude.

Por mais que a vasta medicina estude,
 Em que vamente o Medico se fia,
 Não acerta sem vós, não têm valia,
 Que pôde mais a natureza rude.

Os rogos accedais, que vos entoa
 O assustado Belem, a pobre gente,
 Os Vassallos, a Corte, o Rei, Lisboa;

Nem só Pedro, e Maria este mal sente;
 Fez-se contagio, a toda a parte voa,
 E todo o Portugal ficou doente.

*Na Magestade de S. M. A. R. o Serenissimo Senhor Infante
 D. Pedro*

SONETO

Quiz ver o Sol de noite, o Luar de dia,
Benigno rosto na horrorosa Alecto,
Ser de torres no ar novo Architecto,
Vastos sertões atravessar sem guia.

Quiz achar nos Infernos harmonia,
Na Gloria confusão, o mar quieto;
Quiz ver hum Corvo branco, hum Cisne preto,
A neve ardente, a lavareda fria;

Quiz contar as areias do Oceano,
Do sepulcro de Jove achar certeza,
De altos mysterios descobrir o arcano;

Quiz em fim, pervertendo a Natureza,
Formar hum novo caos, buscando Albano,
Mulher com fe, Fortuna com firmeza.

SONETO

A Bre as azas de linho, Ave rasteira,
 E sobre o campo azul do mar salgado
 Leva em paz o meu filho idolatrado,
 Que vai buscar, sem mim, praia estrangeira,

Vai, de seus annos na estação primeira,
 Do bafo maternal desamparado;
 O Cep sereno, o vento socegado
 Te facilitem a feliz carreira.

Das ferreas unhas as prisões desata;
 E leva hum filho de sua Mãi ausente,
 Carga mais rica, que todo o ouro, e prata:

Se não por filho meu, por innocente;
 O perigoso baixo, o vil pirata
 Fuja, fuja de ti: voa contente.

M O T E.

Da meu não quero mais, que o meu desejo.

G L O Z A.

S O N E T O

Quem corre apoz do bem, que não alcança,
 Porque de Amor algum vil premio intenta,
 Offende Amor, que Amor não se alimenta
 Da grosseira materia da esperança.

Feliz o meu amor, que sem mudança
 No seu puro desejo se sustenta:
 Com elle satisfeito se contenta:
 A si se tem, por fim, em si descança.

A causa donde vem, que eu não explico,
 Tal virtude me dá, desde que a vejo,
 Que todo nella transformado fico:

Nem outra alguma recompensa invejo,
 Que se com meu desejo estou tão rico,
De meu não quero mais, que o meu desejo.

NOTE

Ou me leva, ou não partas de Lisboa.

GLOZA.

SONETO

A Partar-me de Marcia pertendia,
 Marcia, a quem mais, do q' a mim mesmo, amava;
 E se de imaginar que me apartava,
 Antes de me apartar morrer temia.

Curvando o corpo sobre a vata hum dia,
 Da areia o meu batel desencalhava;
 E vendo então, que o barco ja nadava,
 Deitando-o para o mar, partir queria.

Esque o vento se agita, a agua se altera;
 E hum mar, que em flor me rebentou na prôa,
 Torna a pôr-me na praia, onde estivera.

Quando esta voz a meus ouvidos soa r
Ah não fujas, aonde vés? espera,
Ou me leva, ou não partas de Lisboa.

M O T E.

Das industrias humanas te estás rindo.

G L O Z A.

S O N E T O

Podem contra leões, contra serpentes,
 Por arte os homens defendem a vida;
 Que a lança, a espada, a setta despedida,
 São para isso as armas competentes.

Podem contra piratas insolentes
 Salvar a liberdade na fugida,
 E nas masmorras, quando a vem perdida,
 Põem a pouco limar grossas correntes.

Tudo podem fazer; mas contra os laços,
 Que tu lhes teceas, não lhes val, fugindo,
 Nem pés ligeiros, nem ferposos braços;

Pois como sabes, com teu gesto lindo,
 Prender-lhe as mãos, embarçar-lhe os passos,
Das industrias humanas te estás rindo.

SONETO

O Roxo Baccho, que espremendo estava
 Maduros caxos, que em Setembro cria,
 Porque soube dos Deoses, que este dia
 A Anardina, gentil se dedicava;

Em ricas taças derramando andava
 O espumante licor, pai da alegria,
 E em lugar da suavissima Ambrosia,
 Com elle hum brinde a todos preparava:

Dando sinal o'o verde Tirso erguido,
 Bebendo forão em louvor daquella,
 Que o mez honrou de Baccho tão querido:

E a seus annos tecendo huma capella,
 Os mais Deoses ficárão, so Cupido.
 Tornou voando para os olhos della.

*A morte da Illustrissima e Excellentissima Senhora
 Condessa de Pombeiro.*

SONETO

Fugi, prazeres, de quem chora, e sente
Não vos de Marcia a divinal figura;
De alegres corações não falta gente,
Que, em vão, por vós trabalha, e vos procura.

Mostrai-me, se podeis, a formosura
Da minha Marcia; por quem choro ausente;
E vinde, então chamar-vos-hei ventura,
Que antes não me podeis fazer contente;

Pois se nenhum alívio podeis dar-me,
Para que vindes, tendo esta certeza,
Para que vindes sem razão cançar-me?

Mostrai-me Marcia, ou desisti da empresa,
Porque sem ella sempre haveis de achar-me.
Posto á sombra das azas da tristeza.

SONETO

Querendo erguer, em honra deste dia,
 Ao teu nome huia estatua, imaginava
 Sobre a digna materia, e duvidava
 Se de bronze, ou de marmore a faria;

Mas o Tempo, que tudo destrua,
 E ja cantando o teu louvor andava,
 Das fracas mãos a obra me tirava,
 E ençostado na fouce, assim dizia:

*Pede ao teu Lixo o musico instrumento,
 Se do bom Telles, com voz clara, e pura
 Queres cantar o alto nascimento:*

*O meu poder estatuas desfigura,
 E no Mundo hum feliz merecimento,
 Mais que nas jaspez, em boas versos dura.*

*Fazendo annos o Illustrissimo e Excellentissimo Senhor
 D. Francisco Xavier Telles.*

SONETO

Os rijes ventos, que as prizões quebrarão,
Nos penhascos as ondas desfizerão;
E tanto contra o Ceo se revolvêrão,
Que ao Ceo subindo, as nuvens salpicarão:

Batendo, as fracas velas se rasgárão,
No fundo mar o meu batel mettêrão;
Tanto por morto as gentes me tiverão,
Que salvo em terra de me ver pasmárão.

Ellas nos grossos mares enrolado
Sahir-me virão a beijar devoto
O milagroso chão, que me ha salvado:

E ellas me virão pendurar por voto
Neste Templo, á Piedade consagrado,
O meu vestido mal enxuto, e roto.

M O T E

Ou me leva, ou não partas de Lisboa.

G L O Z A.

S O N E T O

A Partar-me de Marcia pretendia,
 Marcia, a quem mais, do q' a mim mesmo, amava;
 E se de imaginar que me apartava,
 Antes de me apartar morrer temia.

Curvando o corpo sobre a vata hum dia,
 Da areia o meu batel desencalhava;
 E vendo então, que o barco ja nadava,
 Deitando-o para o mar, partir queria.

Esque o vento se agita, a agua se altera;
 E hum mar, que em flor me rebentou na prôa,
 Torna a pôr-me na praia, onde estivera.

Quando esta voz a meus ouvidos soa
Ah não fujas, aonde vês? espera,
Ou me leva, ou não partas de Lisboa.

M O T E.

Das industrias humanas te estás rindo.

G L O Z A.

S O N E T O

Podem contra teões, contra serpentes,
 Por arte os homens defendem a vida;
 Que a lança, a espada, a setta despedida,
 São para isso as armas competentes.

Podem contra piratas insolentes
 Salvar a liberdade na fugida,
 E nas masmorras, quando a vem perdida,
 Pouse a ponceo limar grossas correntes.

Tudo podem fazer; mas contra os laços,
 Que tu lhes tocas, não lhes val, fugindo,
 Nem pés ligeiros, nem ferpocca brayas;

Pois como sabes, com teu gesto lindo,
 Prender-lhe as mãos, embarçar-lhe os passos,
Das industrias humanas te estás rindo.

SONETO

NUm valle, cujo nome não sabia,
Rodeado de tortas Oliveiras,
Por toscas escarpadas ribanceiras
Huma tarde hum Pastor me conduzia.

Abafadas montanhas dalli via,
Fazendo sombra ás placidas ribeiras;
E as macilentas luzes derradeiras
Phebo nas negras aguas escondia.

Pastor, (lhe digo) que medonhos ares!
Parece que mais funebre não fora
O mesmo domicilio dos pezares.

Pastor, fajamos, vamo-nos embora,
Que ficará, se eu fico, estes lugares
Inda mais tristes, do que os vejo agora.

SONETO

Chorai, Graças, chorai: chorai Amores,
 Que em fim morreu: ... mas não queirais sabe-lo,
 Que arrancareis o lucido cabello,
 E quebrareis os ferros passadores.

Mas se de tantas almas os clamores,
 Chamando por Anarda, hão de dize-lo,
 Sabei, que ja daquelle rosto bello
 Não vereis mais as engraçadas cores!

Ligeira mão de negra enfermidade
 Truncou em flor aquellas esperanças,
 Que hião ja rebentando em nossa idade.

Ah! Conagrai-lhe funeraes lembranças;
 E nos Altares da immortal saude
 Cravaí as settas, penduraí as tranças.

*No morte da Mostresissima e Excellentissima Senhora
 Condessa de Pombeiro.*

S O N E T O

Que dons, dignos de ti, off'receria
 Hoje aos teus pés, Pastor illustre, e honrado !
 Nascestes Grande, vives abastado,
 E eu (como tu sabes) sem valia.

Fruta? Caça? Teu campo tudo cria.
 Fiel rafeiro? Muitos tens ao lado,
 Huma rez enfezada? Tu tens gado,
 Que cancei, quando quiz conta-lo hum dia.

Que resta? O coração? Bem se conhece
 Que todo he teu, que se te humilha, e dobra,
 Qual boi, que ao jugo o manso collo off'rece :

So posso dar-te, porque em fim me sobra,
 C'os parabens, que hum dia tal merece,
 Mil beijos ncssas mãos, de quem sou obra.

*Fazendo annos o Illustrissimo e Excellentissimo Senhor
 Conde da Vidigucira.*

SONETO

PObre, ou rico, vassallo, ou Soberano,
Ignaes são todos, todos são parentes,
Todos nascêrão ramos descendentes
Do tronco antigo, do primeiro humano.

Saiba, quem de seus titulos ufano
Tomá por qualidade os accidentes,
Que duas gerações há so diff'rentes,
Virtude, e vicio, tudo mais he engano.

Por mais que affecte a vã Genealogia
Introduzir nas veias a nobreza
De melhor sangue, do que Adão teria;

Não fará, desmentindo a Natureza,
Que seja, sem virtude, a Fidalguia,
Mais que hum triste fantasma da grandeza.

R I M A S

M O T E.

Accendo as tochas sobre os teus Altares.

G L O Z A.

S O N E T O.

OS versos que cantei ja n'outra hora
Ao baixo som do rustico salteiro;
Ora vendo correr claro ribeiro,
Ora ouvindo cantar ave sonora;

Outros ja feitos ao romper da Aurora,
Dourando o cume do empinado outeiro;
Outros áquelle assumpto derradeiro,
Que estimo mais, que todos, ainda agora:

Todos, á vista dos que tu tens feito,
Estranhos, puros, novos, singulares
São de Musa infeliz parto imperfeito;

E as folhas dos seus mesmos exemplares
Queimo, e com ellas por maior respeito,
Accendo as tochas sobre os teus Altares.

M O T E

Déste a morte ao Auctor da Vida.

G L O Z A.

S O N E T O.

CRavados pés, e mãos, e da cabeça
Inclinada no peito escorregando
Gottas de sangue pelo rosto brando,
Que a ser cadaver pallido começa:

Do coração, que a lança lhe atravessa,
Remedio para o Mundo está manando;
E ha povo inda tão barbaro, e nefando,
Que por Filho de Deos o desconheça!

Se está neste Exemplar da penitencia
A Profecia de Daniel cumprida,
Porque fazeis incredula a exp'riencia?

Que pena a tanto mal será devida?
Confundistes a culpa co' a innocencia:
Déste a morte ao Auctor da Vida.

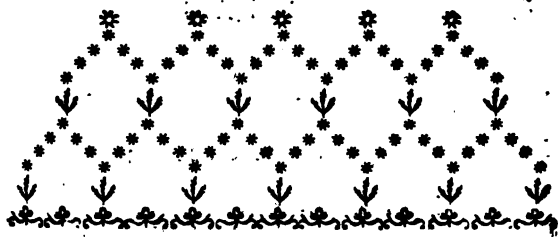
S O N E T O

V Inde, ó Anjo da paz, e da alliança,
 Dos Reis, e dos Profetas suspirado;
 Honra daquelle, por quem sois mandado,
 E dos Padres do Limbo alta esperanza.

Mas ah, Senhor! (Tristissima lembrança!)
 Não venhais, que vos tem aparelhado
 Os homens, para o hombro, e para o lado,
 Vergonhoso madeiro, agúda lança.

Porém Vós sabeis tudo; e ja falarão,
 Gheios do vosso Celestial conforto,
 Os mesmos, que de Vós profetizarão.

Serão sem fructo as petições do Horto;
 Que aquelles dous primeiros, que peccarão,
 Não poderã viver, sem ver-vos morto.



O D E S

I

INfeliz instrumento,
Cithara sem ventura, se algum dia
Adormeceste o vento,
E o Tejo recostado a voz te ouvia:

Se os famintos cordeiros,
Ouvindo os ecos teus no monte agreste,
Ja dos altos outeiros
Em confuso tropel descer fizeste:

Se as sonoras abelhas
Para escutar-te, as azas encolhêrão;
E erguendo as sobrancelhas,
As cabeças os Satyros moverão:

Se

Se o tyranno Cupido
 Com suas aureas cordas ja brincou ;
 E no ar suspendido,
 Mãi vezes suspirando te escutou ;

Se implacaveis rigores,
 Ja venceste de Nymfas desdenhosas ;
 Se destros tangedores
 Ja te enfeitárão de purpureas rosas ;

Ja la vai essa idade ;
 Dos olhos me fugio tão doce estado ,
 Com maior brevidade ,
 Que luz , e morre o lume fusilado .

Cithara minha , a Deos ,
 Ja não serás das minhas mãos emprego ;
 Querem que seja os Ceos
 Esta a ultima vez ; que a mim te chego :

Os Ceos , os Ceos o querem ,
 Que assim a dura Amada o quer , e manda ;
 Os ouvidos lhe ferem
 Os ecos teus , e d'elles não se abranda .

O ronco mar batendo
 Nos vãos cachopos , com que em vão peleja ;
 O estampido horrendo
 Do turbulento Ceo , quando troveja :

Os espantosos ventos
 Fortemente abalando os troncos graves:
 Os sentidos accentos
 De mil nocturnas, e agoureceiras aves:

Quer a minha ventura,
 Que ainda seja mais grato aos seus ouvidos,
 Do que toda a ternura
 Das tuas vozes, e dos meus gemidos.

Offendem-na elamopes
 Nascidos de respeito, e de piedade:
 Não quer ouvir louvores
 Guiados pela mão da sã verdade.

Outras cordas mais altas,
 Outra mais destra mão, outro instrumento
 Virão supprir as faltas
 Do teu fraco, e mortal merecimento.

De hum susto reverente
 Eu me confundo, e gelo, a lingua se ata:
 Quem he que de repente
 Das mãos tão alto assumpto me arrebatá?

Ouve, Anarda formosa,
 Dos bellos olhos, do engraçado riso,
 Os louvores gostosa,
 Que eu manchei com meo rustico juizo.

Tu, Cithara calada,
 No antigo ramo deste tronco secco,
 Sempre dependurada,
 So ferida dos ventos, farás eco.

II

Socega-te, e respira,
 Formosa Melibea: que semblante
 He esse cheio de ira!
 Ouve-me hum pouco, escuta-me hum instante;
 Póde ser, se me ouvires,
 Que em vez de raiva, so d'amor suspires.

A mão do vencedor,
 Que ensanguetada na batalha he gloria,
 He infamia, he horror,
 Se depois, abusando da victoria,
 Se vê de novo erguida
 Contra a misera gente ja rendida.

Formosa vencedora,
 Como te atreves a ferir o peito,
 O peito, que te adora?
 Desses teus olhos ao poder sujeito
 Não matem teus rigores
 Hum alma, que por ti morre de amores.

Se a pouca resistencia
Te diminue a gloria da conquista,
Desafia a violencia
D'algum Tigre cruel, que te resista,
Que eu, inda que podera
Resistir a teus olhos, não quizera.

Não são teus olhos bellos,
Como são os mais olhos, que segura
Bem póde a gente ve-los,
Sem suspirar de amor, nem de ternura;
Mas os teus podem tanto,
Que so de ve-los me derreto em pranto.

Formosas sombras, onde
O criminoso Amor, réo de mil mortes,
Tão destro a mão esconde,
Para ferir os corações mais fortes;
Que dessas cores pretas,
Por mais se disfarçar, tingio as settas.

Correm de toda a parte
Tenros Amores, que voando, e rindo,
Nas azas vão levar-te
Os rotos corações, que estás ferindo:
Tão cruento tributo
Receber podes com semblante enxuto?

Oh que de almas humanas
 C'o laço na garganta estão pendentel
 Dessas negras pestanas!
 Levas hum pezo tal, e não o sentes?
 E vives descançada
 De tão tristes despojos carregada?

Tu es a que não queres
 Mais que hum só coração por teu captivo?
 É tanto aos outros feres,
 Que para os escutar lhes dás motivo:
 Ouve o meu se, que sente
 Cousas, que junctas se achão raramente.

Nelle negros enganos
 Não forja a vil, a sordida mentira;
 Sentimentos humanos
 He quanto encobre, he quanto em fim respira;
 He mestre dos amantes,
 Tem palavras mais doces, que elegantes.

A grosseira esperança
 De hum fim commum, q'igual a gente ás fêras,
 Não he onde descança
 Hum grande coração, que ama de véras:
 Hum grande coração
 Tem mais louvavel, racional painão.

Da tua alma os destines,
 As cousas grandes, que o teu genio encerra:
 Estes são os divinos,
 Doees contrarios, que me fazem guerra:
 Delles ando ferido,
 Delles tenho pos gloria o ser vencido.

Ninguem, ninguem me valha,
 Aonde contra mim taes armas vejo,
 Que morrer na batalha,
 He a gloria maior do meu desejo;
 Com tão bello inimigo,
 Inda a gloria he maior, do que o perigo.

Contra mim novos raios
 De teus formosos olhos arremeça,
 Farás, que entre desmaios,
 Em quanto não morrer, mais raios peça;
 Fere, derriba, e mata,
 Que eu te prometto não chamar-te ingrata.

• Chama agora fraqueza
 A' minha sujeição: crimina, e infama
 A minha singeleza:
 Dize que he falso o rito, impura a chama
 Deste meu sacrificio;
 Fere-me a alma, faze o teu officio.

Outros modos procura
 De aruinar o meu tranquillo estado;
 Segue a minha ventura,
 E em campo contra mim põe-te a seu lado;
 Que por tal homicida,
 Em obsequio da mão, beijo a ferida.

III

Fez-me calvo este monte,
 Que inda hum lustro não ha que florescia;
 Seccou-se aquella fonte,
 Que arrebatada para o mar corria;
 Murchou-se este arvoredor,
 Despegou-se este rigido penedo.

Nestas desconjuntadas,
 Carcomidas paredes, algum' hora
 Eu ja vi levantadas
 Soberbas torres, que não vejo agora;
 Chuveu, subiu a cheia,
 E fez o Tejo praia onde era Aldeia.

Pouco a pouco batendo
 Cavou o mar tão horridas montanhas,
 Como se lhe estão vendo
 Cada vez mais as humidas entranhas,
 Té o ferro deste arado
 Se tem feito ha tres dias mais delgado.

Assim nos vai levando
 Hum dia, tão diff'rente de outro dia,
 O Padre venerando,
 Que faz dos proprios filhos iguaria:
 Ah Tempo avaro, e forte,
 Companheiro da vida, irmão da morte!

Tu, que prendes ousado
 A teu carro veloz ligeiros ventos,
 E em gyro arrebatado,
 Fazendo tão contrários movimentos,
 Co' as rodas de diamante
 Tudo atropelas, que se põe diante:

Derribas a columna,
 Desfazes pouco a pouco a rocha erguida:
 E da mesma Fortuna
 Fazes mudar a face desabrida;
 E não podes, ao menos,
 Vencer em mim contrarios tão pequenos:

Que he do teu soberano
 Invencivel poder? Se a paixão cega
 Do fraco peito humano
 (Por mais que por mim passes) não socega?
 Esta alma he por ventura
 Mais do que o ferro, mais que a pedra dura?

Tempo, que tudo gastas,
Gasta-me esta paixão, que o peito encerra;
Mas tu, tu so não bastas
Para a gastar, para fazer-lhe guerra:
Tempo, não podes nada,
Se de ti zomba huma alma apaixonada.

Mas que milagre he este?
Que he isto, justos Ceos, que em mim presinto,
Que resplendor Celeste
Me vai allumjando! Eu vejo extinto
O horror dos olhos meus:
Foi o tempo? Ou fui eu? Fostes vós, Ceos.

Ja os amortecidos
Olhos contente para vós levanto;
Ja dou promptos ouvidos
A'quellas vozes, que desprezei tanto:
Respiro como d'antes,
Inda venha igual bem aos mais amantes.

IV

ALviçaras, humanos,
 Morreu, morreu Amor: á fria terra
 Forão, forão com elle os vis enganos,
 Com que ja vos fez guerra:
 Aqui o Deos vendado,
 Sem honras funeraes jaz sepultado;
 Nem merecia te-las,
 Que os malfeteiros são indignos dellas.

Não houve em verso, ou prosa
 Quem o triste Epicedio lhe cantasse;
 Não houve mão de amigo, que piedosa
 Os olhos lhe cerrasse;
 Ninguém teve a lembrança
 De lhe dizer se quer: Em paz descança.
 Acabou' desta sorte,
 Rio-se d'elle a Fortuna, o Tempo, e a Morte.

Eu fui quem aos impulsos
 Da dor de impias cadeias, que trazia,
 Dos denegridos pés, dos roxos pulsos
 Despedacei hum dia
 Tão vergonhosos laços;
 E ja soltas as mãos, livres os passos,
 Eu fui quem deste modo
 Venci o vencedor do Mundo todo.

De hum novo esforço armado,
 Triumfar, ou morrer (disse a Cupido)
 Foste no Lago Estygio mergulhado,
 Para não ser ferido?
 Se la houve com tudo
 Para o filho de Thetis ferro agudo,
 Padece o mesmo damno
 Tu, que es hum falso Deos, hum Rei tyranno.

Entre os braços o apérto,
 Dentro d'aljava as settas se quebrarão;
 E de hum mortal frio suor coberto,
 Os ossos lhe estalarão.
 Por Marfiza chamou:
 Mal disse o nome amado, e suspirou,
 Beijando-me na face,
 Pedindo-me por ella que o soltasse.

Com que vergonha o digo!
 Então os braços afrouxei hum tanto;
 Quiz perdoar-lhe, contendi commigo,
 Paro, vacillo, em quanto
 Mil cousas me lembrarão,
 Não sei se d'agua os olhos se arrasarão;
 Lembrou-me o quanto excede
 A mão que dá, a pobre mão que pede.

Qual Eneas piedoso,
Vendo Turno a seus pés pedindo a vida,
Suspendeu por hum pouco duvidoso
A espada no ar erguida:
Té que vendo-lhe ao lado
Pender o cinto de Palante amado,
Com tão triste lembrança
Nelle executa a ultima vingança.

Tal eu, vendo pendentés
Do hombro do inimigo os via farpões,
Inda c'o fresco sangue de innocentes,
Humanos corações:
De novo me enfureço,
E c'uma setta o peito lhe atravesso,
As azas sem conforto
Bateu espavorido, e cahio morto.

Esta a Tragedia triste,
Estas as settas, este o arco, e a venda,
Que serão testemunhas do que ouviste,
Despojos da contenda:
Jacte-se Alcides forte
Menos de seus triumphos; porque a morte
Do porco de Erimantho,
E da Hydra fatal, não valeu tanto.

Com a pelle Nemea
 Cubra a robusta espadao victorioso,
 Que estas insignias dão-voa outra idea
 De caso mais famoso:
 De Amor queixosas gentes,
 Vinguei-voa, e vinguei-me, andai contentes;
 Ja la vão os enganosa,
 Morreu Amor, alviçaras, humanos.

V

Musa minha, voemos,
 Onde as Virtudes morão:
 Nossos versos levemos,
 Por onde nunca nossos versos forão:
 Ja sobre as nuvens levantar-me vejo.
 Ah não sejamos Icaros do Tejo!

Que Horizontes são estes!
 Que Paiz! Que habitantes!
 Toco os Orbes Celestes!
 Bebo o lume dos Astros rutilantea!
 Como ja vejo deste sitio estranho,
 A Terra tão pequena, o Sol tamanho!

Tu,

Tu, que as casas passeias
Dos Animaes Celestes,
Que as terras allumeias,
Que as flores pintas, que as montanhas vestes;
Mostra-me o Signo, dize-me que Estrella
Virão nascer de Anarda a filha bella.

Mas aqui chega a armada
Têsta do roubador,
Da sempre celebrada,
Formesissima filha de Agenor;
Tão enfeitada a fronte não trazia,
Quando com ella pelo mar fugia.

O' Signo venturoso,
Alegria do Mundo,
O' Nuncio do formoso
Verão, a que abre a porta Abril fecundo,
A quem serás fatal de hoje em diante,
Vendo em ti Marcia o seu Natal brilhante.

Constellação propicia
Serás a toda a gente;
Nos campos de Fenicia
Não pascias por certo tão contente,
Como depois que vas nos soberanos
Orbes de Marcia assignalando os annos.

No Zodiaco ardente,
 Tu não tens companheiro,
 Que não gyre contente:
 Sacode o vello o humido carneiro:
 Os abraços redobráo de alegria
 Os dous Irmãos em honra deste dia.

Olhando-te de inveja,
 Cada hum delles arde;
 Quer o Ceo que assim seja,
 Hum por não vir mais cedo, outro mais tarde;
 Não he assim a casta Caçadora,
 Que entre o rebanho das Estrellas mora.

Não he assim Lucina;
 Porque logo que nasce
 Esta illustre Menina,
 Disse, beijando-a na virginea face:
Descei, ó Musas, a cantar-lhe em verso:
Vinde, Virtudes, embalar-lhe o berço.

Deos te salve, mimosa,
 Tenra, innocente planta,
 O' mão, ó voz ditosa,
 Que primeiro que as outras te acalanta:
 O Ceo, de quem es fructo abençoado,
 Te livrará do fascinante olhado.

Des-

Dessas Graças Celestes,
Que sobre ti descêrão,
Guarda intactas as vestes:
Por ti as Virgens do meu Coro esperão:
Co pé descalço accesas brazas piza,
Serás do Templo meu Sacerdotiza.

Se hoje fora o insulto
Desse vão Herostrato,
Que estragando o meu culto,
Se fez odioso ao Mundo, ao Ceo ingrato:
Ardêra o Templo, o Simulacro ardêra,
Sem que outro filho de Philippe houvera.

Não são os ascendentes,
De que elle procedia,
Que os teus mais excellentes,
De mais conselho, de mais grão valia:
Faça dos filhos cru manjar Saturno,
Darás materia de maior Cothurno.

Quando Clotho engrossado
O brando fio tenha
Do tempo teu dourado,
E a Primavera saõonando venha;
Quando a luz da razão dobrar seus raios,
Tornem a vir Abris, voltarem Maios;

Então cheia de glória,
 De assombro, e maravilha,
 Lerás a antiga historia
 Dos generosos Pais, de quem es filha;
 E elles tendo em ti glorias iguaes,
 Verão a filha, de quem forão Pais.

Inda agouros mais dignos
 Eu li no volumoso
 Livro dos Destinos,
 O quinto dia deste mez famoso;
 Dia capaz, de que os Varões mais castos
 Te verão lançar nos Lusitanos Fastos.

Vós, Tagides vizinhas,
 Ide escolher redondas
 Quatro brancas pedrinhas,
 Que mais polirão as lambentes ondas;
 Com ellas numerai, entre os humanos,
 Quatro formosos apraziveis annos.

*Fazendo annos a Illustrissima e Excellentissima Senhora
 Dona Maria Rita Castello-Branco.*

Tu,

VI

TU, brilhante Chimera,
Sonho dos acordados
Vai tentar essa gente, que te espera;
Que os já desenganados
Não crem promessas vans, faustos agouros,
De sonhados thesourós:
Fortuna, não es nada,
Nem tu podes ser mais que imaginada:

Chamem-te nas campanhas
Arbitra das victorias,
Chamem-te protectora das façanhas
Nas corrupta historias;
O primeiro, que os gelos mal seguros
Forçou dos Alpes duros,
Confesse que te deve
Esses triumphos, que de Roma teve.

Mas de que lhe serviste?
Se no meio da gloria,
Sacudindo os cabellos, lhê fugiste,
Levando-lhe a victoria?
N' um Templo aërio, hum culto imaginario
Te dê Jugurtha, e Mario,
Scipião, e Pompeo,
Nenhum destes Varões te conheceu.

Di-

Dizem , que o cofre abrindo
 Das riquezas avatas ,
 As vas depois ás cegas conferindo ;
 Que os remos , e as Tiaras
 Pendem das tuas mãos ; que quando queres ,
 Sem escolha as conferes ;
 Que os Sceptros , e os cajados
 Dás a quem estes premios não são dados.

Dizem , que favoreces
 Os timidos Pilotos ;
 Que es o Iris da paz , que lhe appareces
 Sobre os mastros ja rotos ;
 Que a ti so deve o havido dinheiro ,
 Vem dizendo o Mineiro ;
 Diz o Cultor de Ceres ,
 Que mil fructos terá , se a mão lhe deres.

Ah gentes insensatas ,
 Que chamastes Fortuna
 As acções mais infames , mais ingratas !
 Essa Deosa importuna
 Não influe nada nas tenções humanas ,
 São desculpas tyrannas
 Dos Atilas , dos Neros ,
 Dos crueis Syllas , dos Dionysios feros.

Da montanha Tarpeã,
Vendo abraçar-se Roma,
O filho de Agripina se recreia,
E por Fortuna o toma:
A maldade de Fálaris cruenta
Contra os mortaes inventa
Tormentos exquisitos;
Elle os tem por Fortuna, e são delictos.

Vai o Grão Macedonio
A terra devastando;
Vai Octavio, vai Lepido, e Antonio
Cidades arrasando;
E os horrendos estragos, que fizerão,
Por Fortuna tiverão;
Que a falsa heroicidade
Não he Fortuna, senão he crueldade.

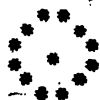
Monarchas poderosos;
Que viveis entre sustos,
Deixai de ser Octavios sanguinosos,
Se quereis ser Augustos:
Os vencidos descalços prisioneiros,
Que em triúmfos guerreiros
Levais ao carro atados,
Não vos faz ser, ó Reis, afortunados.

So quando ferrolhardes
 Essas portas de Jano,
 Quando cheios de amor do Throno olhardes
 Para o genero humano,
 Então sereis Heroes, tereis o nome,
 Que o tempo não consome:
 Isto he que he ser invicto,
 Seguir a Cesar, hobrear com Tito.

Fortuna do Universo,
 Que mão te fez senhora?
 He indigne o teu nome do meu verso:
 Foge perturbadora,
 Que tu não tens que dar, mais do que enganos
 Aos miseros humanos:
 Se es tão forte, tão rica,
 Que podes tudo, a Jupiter que fica?

Não tens, Fortuna avara,
 Dominio sobre a terra;
 Quem fertiliza a próvida seara,
 Quem triumpho na guerra,
 Quem salva a Náo, quem desencanta a mina;
 Quem muros arruina,
 He a necessidade,
 A força, a industria, a misera vaidade.

Maldita a mão primeira,
Que estatuas te-eregíra;
Digna de Fama não, mas de fogueira:
Maldita a voz, e a Lyra,
Que louvores te der: proscrito seja
Algum, que te proteja:
Extingua-se o teu vulto,
O Templo, o Altar, o Sacerdote, o Culto.



IDYLLIOS

I

HUm dia ao pôr do Sol, hum triste dia,
 Que nuca para mim amanhecêra,
 Encontrei desgarrada
 A mais formosa rez, que o Tejo cria;
 Do rico Melibeo a grão manada,
 Não traz outra tão bella;
 Se quereis, ó Pastores, conhece-la,
 Para dar-lhe louvores,
 Estes são os signaes, ouvi, Pastores:

Formoso, e largo o peito, erguida a fronte,
 Negros os olhos, os cabellos negros,
 O passo mais airoso
 De rez, que o monte vio desde que he monte,
 Até do seu balar brando, e mimoso,
 Pende como pasmado,
 Por mais faminto que se veja, o gado;
 Que he mais doce mil vezes,
 Que o grosseiro balar das outras rezes.

Esta a formosa rez, que achei sózinha,
 Julguei-a sem Pastor em monte estranho;
 E porque a noite escura
 Já extendendo a triste sombra vinha
 Pelos desertos campos da espessura,
 Fui levando-a commigo
 Para lhe dar no meu curral abrigo,
 Antes que o tempo desse
 Lugar a vir o Lobo, que a comesse.

Não vai elle tão soffrêgo, levando
 Sobre o faminto queixo atravessado
 O tenro cordeirinho,
 Pela saudosa mãe em vão balando,
 Como eu contente de a levar caminho.
 Pelo meu mesmo braço
 Hum novo aprisco para ella faço
 De Cedro, e de Loureiro,
 Que lhe repare o Sol, véde o chuveiro.

Ora de verde myrto, e rosas bellas
 Para a fronte grinaldas lhe tecia,
 Ora para o pescoço
 Festões de flores brancas, e amarellas;
 Por mais que diga, encarecer não posso
 O cuidado, que tinha
 De apascenta-la na mais branda hervinha,
 Que por estes onteiros
 Nunca pizada foi dos meus cordeiros.

Nunca á beber có' as outras á levava;
 E ao brando som da minha doce avenã,
 Commigo aos saltos hia:
 Ora corria alegre, ora parava;
 E a cabeça inclinando, o collo erguia,
 Como para escutar-me.
 Ah! que jnda disto tanto sei lembrar-me,
 Que até das mais antigas
 Repito, em seu louvor, estas cantigas.

Minha linda Achada,
 Que nesta espessura
 Tu achaste abrigo,
 E eu achei ventura.

Tua formosura
 Dá-me tal cuidado,
 Que até zelos tenho
 Do meu mesmo gado.

De mim apartado
 Anda o meu desejo;
 Quando em mim o busco,
 Soem ti o vejo.

Todo o que he no Tejo
 Baixe, ou grão Pastor;
 Se da inveja escapa,
 Cahé nas mãos de Amor.

Gil; outra melhor
 Diz que tem de cria;
 Que de leite hum tarro,
 Enche cada dia.

E eu apostaria
 Todo meo curral;
 Que se elle te achára,
 Não dissera tal.

Não ha rez igual
 Em qualquet manada.
 Ah, benza-te Deos,
 Minha linda Achada.

Agora se quereis saber, Pastores,
 O premio disto tudo, ouvi o premio:
 Hum dia, que acabava
 De entoar-lhe contente estes louvores,
 Vi, que como os mais dias não brincava:
 Não sei que me dizia
 O triste coração; e a fantasia!
 Inda agora esta mágoa
 Me enche o peito de susto; os olhos de agoa.

Finalmente fugio, sem que até agora
 Alguem por estes campos dê fe della,
 Faz hoje tres semanas.
 Busco-a sem descansar a toda a hora
 Por montes, valles, moitas, e choupanas.
 Pastores, nas Aldeas
 Fugi de agazalhar rézes alheias,
 Que deixão quem as ama
 Pelo primeiro, que talvez as chama.

II

Não são dos passarinhos os reclamos,
 A' sombra buliçosa
 Dos movediços ramos,
 Pela alta cêsta da estação frondosa,
 Tão gratos, como as breves;
 Simples palavras, com que Amor descreves.

Não he ás flores tão preciso o orvalho,
 O cudeço ás cabrinhas,
 A's terras o trabalho,
 Como as tuas letras ás saudades minhas:
 Discorre, escreve, fala,
 Marcia te cede, Ulinda não te iguala.

Dize, formosa Isbela: Onde bebeste
 Hum estylo tão grato?
Dize: Quando escreveste,
Molhaste a penna no licor de Erato?
 Não me agradára tanto
Posto á mesa de Jove o Nectar sancto.

Da Náo, que vem de longe, o passageiro
 Ouvindo dizer: *Terra*,
 Ao excelso gageiro,
Menos contentamento n'alma encerra,
 Do que eu ouvindo a pura
Voz da tua suavissima escritura.

Fluidas vozes, frases innocentes
 Te cahem da bocca em fio;
 Não em grossas correntes
Por catadupas de estrondoso rio:
 Es fonte de alta graça,
Que murmurando, os corações traspassa.

Estas são as palavras poderosas
 Da Magica sciencia;
 As hervas virtuosas,
Que mudão pouco a pouco a minha essencia;
 Ja creio que ha Medeas,
Que he possível o canto das Sereas.

Quando na bocca taes palavras tomo,
 Que em teus escritos leio,
 Não sei como os não como:
 Ser mais suave o nosso mel não creio,
 Nem eu creio que fosse
 Dos mesmos favos de Hybla o mel mais doce,

Andão de regra em regra os Amorzinhos
 Cada letra beijando,
 Quaes andão nos raminhos
 Ao redor as abelhas susurrando;
 Os Risos, e os Enfados
 Andão brincando nellas abraçados.

Todas as Graças para ti fugirão;
 Fizerão-te hum thesouro
 De quanto repartirão
 Nas Marinhas do sal, nas Minas do ouro;
 Na bocca te estão dando
 Lascivos beijos, quando estás falando.

Ellas te dictão quanto escrever deves,
 E das azas lhe tiras
 A penna, com que escreves:
 Quem se suspirar, se tu suspiras;
 E se'brincar te vem,
 Brincão contigo, alegrão-se tambem.

Vós,

Vós, mulheres, que tendes decorado
 Em rançosas novellas
 Hum falar estudado,
 Que nada significa: longe dellas,
 Longe frase importuna
 Em crystaes d'alma, em Roda da Fortuna.

O livro abri da mestra Natureza,
 Vereis como reparte
 O gosto, e a tristeza;
 Clamem embora os Professores da Arte,
 Que hum falar innocente
 Fará sentir o peito, que não sente.

Consultai, como Isbela, o que em vós passa:
 Exprimi, se poderdes,
 C'o mesmo estilo, e graça
 Da vossa alma as paixões, quando escreverdes:
 Isbela encantadora,
 Quem te falára, quem te ouvira agora!

III

Gostosa companhia,
 Onde acharei sem ti, gentil Pastora,
 Onde verei, sem ver-te, a luz do dia,
 Por mais alegre, que amanhã a Aurora!
 Aonde o triste rosto
 Voltarei, que não veja o meu desgosto?

Sem

Sem ti, sonoras fontes,
 Amenas sombras, virações suaves,
 Verdes campos; rosados Horizontes;
 Ao pôr do Sol a musica das aves,
 A prática de amores,
 Canto de Nympfas, baile de Pastores:

Sem ti, Marcia querida,
 Em vez de gosto, me fará tristeza;
 Não póde haver tamanho bem na vida,
 A quem eu não perverta a natureza;
 Nem cousa tão gostosa,
 Que a não corrompa esta paixão saudosa.

Sem ti, desconchado,
 Esquecido talvez de que ha ribeiros,
 Pelo monte andarei como pasmado,
 Sem levar a beber os meus cordeiros:
 Magros se tornarãõ,
 Como eu, de peña, á sede acabarãõ.

Verei crescer meus males,
 Como algum dia as minhas esperanças;
 E la n'outros outeiros, n'outros valles,
 Em vez de ovelhas, guardarei lembranças,
 Lagrymas, que a alma encerra,
 Sementes serão so, que eu lance á terra.

No meu triste semblante
Lerão signaes de mágoa o Ceo e a gente:
Que ou a luz se sepulte, ou se levante,
Testemunhas serão continuamente
Desta minha agonia
As Estrellas de noite, o Sol de dia.

Irei ao mais sombrio,
Mais deserto lugar, que o campo tenha;
E na margem saudosa de algum rio,
Que so a hum melancolico convenha,
Marcia, de quando em quando,
N'alma os teus gestos estarei pintando.

Agora o pégrino
Rosto da cer do Ceo, quando amanhece,
Agora aquelle espirito Divino
D'uns olhos cor do Ceo, quando anoitece;
Agora as tranças bellas,
Com que Amor brinca, por prender-se nellas.

Agora as mãos formosas,
Onde a minha vontade ficou presa;
Agora a bocca de jasmims, e rosas,
Onde a Graça se ri por natureza;
Agora o peito, aonde
Contempla o gesto, e que a modestia esconde.

De la meu pensamento
 Te virá visitar nestes lugares;
 De la suspiros meus soltos ao vento,
 Notícia te trarão dos meus pezares:
 Ouve-os compadecida,
 Que podem ser os ultimos da vida.

Quantas vezes no dia
 Não recordarei n'alma aquelle instante,
 Instante de prazer, e de agonia,
 Que misturou Amor no teu semblante!
 Mil mortes, que eu padeça,
 Nunca farão que tal favor me esqueça.

Quantas vezes olhando
 Para as aguas do Tejo vagaroso,
 Que vem para onde estás escorregando,
 Quererei vir com ellas de saudoso!
 Mas eu chorarei tanto,
 Que nellas venha transformado em pranto.

Ditosos estes prados,
 Que irão so com te ver reverdecendo;
 Mais que ditosos, bemaventurados
 Aquelles olhos, que te ficão vendo:
 Os meus pois te perderão,
 Não para ver, para chorar nascêrão.

Qual ramo, que cortado
Do tronco radical no chão exposto,
A ser dos pés de todos maltratado,
Vai ficando sem folhas descomposto;
Té que secco, e despido,
Ja não parece o mesmo, que tem sido,

Tal eu, sem ver teus olhos,
Aonde deixo co' a esperança a vida,
Em vez de flores pizarei abrolhos
Co' a macilenta face descahida;
Ficarei tão diff'rente,
Que a mim mesmo por mim pergunte a gente.

Assim, gentil Pastora
A vida passarei, (se isto he ter vida)
Até que chegue (se chegar) a hora
Por mim continuamente aos Ceos pedida:
So este allivio quero,
So este allivio (se he allivio) espero.

E P I C E D I O.

DA chara vossa Irmã, illustre Conde,
 Jaz o frio cadaver sepultado;
 Por signal, que o lugar em que se esconde,
 Deixei com minhas lagrymas banhado:
 He do cofre medonho
 A fatal chave, que na mão vos ponho.

Alli ficou depositada aquella,
 Que Idolo foi do nosso amor na vida,
 Sem lhe valer o ser illustre, ou bella,
 Para escapar desta mortal partida.
 Que diff'rentes lugares,
 Hoje em sepulchro, hontem nos Altares!

Eu vi, Senhor, (oh quem tirar podera,
 Por não ver tal, os olhos mageados)
 A bocca muda, o rosto cor de cera,
 Presas as mãos, os olhos encovados,
 Fluctuante a cabeça
 Da defunta Illustrissima Condeça.

Quaes pelo chão aos impetos do vento,
 De antigos troncos seccas folhas jazem,
 Quaes despegadas taboas no violento
 Naufragio á praia horriveis ondas trazem:
 Tal Anarda querida
 He Não desfeita, he arvore despida.

Eisaqui os thesouros, que esta chave
Esconde, guarda, e para sempre encerra;
Onde, por mais que se profunde, e cave,
Ver-se-ha so o ouro convertido em terra;
Que he no fraco, e no forte,
Hum sonho a vida, huma verdade a morte.

Mas feliz vossa Irmã, que depois della
Voou ao Ceo; e ja batendo as azas,
Vê, se o Sol he tamanho de huma Estrella,
Como gyra do anno as doze Cazas;
Ja sabe de mais perto,
Qual dos varios systemas he mais certo.

Contempla as Leis eternas, com que estão
Os Orbes em perpétuo movimento;
E onde não se atreveu chegar Platão,
Chega ella so c' o puro entendimento:
Ouve, e vê sem desmaio,
O eco do trovão, a luz do raio,

La no clima dos Bemaventurados,
Onde impuras particulas não gyrão,
Como nos ares ca inficionados
Da corrupção, que os vis mortaes respirão,
Ja não teme a presença
Da intempestiva, da mortal doença.

De impossiveis espíritos eercada
 Está bra bro com hombro e' os fantosos
 Progenitores seus, que a mesma estrada
 Seguirão ca no Mundo virtuosos:
 Ja não cura da vida,
 Em matevias mais altas embebida.

Pagou em fim á morte o seu tributo,
 Que he sujeito a morrer todo o que nasce;
 E forão d'oussas lagrymas de fruto,
 Se ella so com ehorar resuscitasse;
 Porém a Lei, que o mandá,
 Nem com pèdir, nem com chorar se abrandá.

Não quer, Senhor, quem morre, este suffragio,
 Perturbador da paz de huma alma bella;
 He cruel, mas preciso este naufragio;
 Contra quem não valeu força de véla:
 Embora a Náo se alagte,
 Mas nunca o soffrimento em nós naufrague.

*A morte da Illustrissima e Excellentissima Senhora
 Condessa de Fombeiro.*

C A N Ç Õ E S.

I

TU que tens feito na minha alma assento,
 Nume fatal, cruel melancolia,
 Mereça-te este dia,
 Que me deixes, que mudés de aposento;
 Possa huma vez com gosto
 Erguer a voz, levantar o rosto.

Aquelle negro humor, que derramaste
 Sobre meus tristes versos até agora,
 Hoje lancemos fóra:
 Das aguas, que com elle envenenaste,
 A beber não tomemos;
 Outras mais puras, mais vizinhas temos.

Nymfas, que sois custodias de huma fonte,
 Que ha de ser hoje consagrada ás Musas
 Nas nossas praias Lusos,
 Fazei que á terra, ao mar, e ao Ceo se conte,
 Que da Samaritana
 O licor de Aganippe corre, e mana.

Não escrevo c'o dedo em solta areia
 Molles versos de Amor, mais alto intento
 Levar' meû pensamento,
 Creai, Nymfas, creai na minha idea
 Cousas dignas de Conde,
 Vós me influi, meu animo disponde.

Vinde enramar-mé a Cithara de louro,
 A por-lhe os rudes dedos ensinai-me;
 Ah Nymfas, emprestai-me
 Vossos cabellos para cordas de ouro:
 Farei, se podér tanto,
 Que tambem seja vosso este meû canto.

E tu, longinquo, afamado Oriente,
 Que ca mandaste o vulto luminoso
 De dia tão famoso,
 Tanto te fica agradecida a gente,
 Que so por hum tal dia,
 Toda a tua riqueza engeitaria.

Desse atrevido Lavrador primeiro,
 Que sulcos fez nos campos de Amfitrite,
 A pezar do limite,
 Que nelle em vão poz Hercules guerreiro:
 E que tão longe fora,
 Que vio nascer em seu regaço Aurora.

Desse teu Immortal descobridor,
Por quem choraráõ sempre o Gange, e o Indo,
Para os Pais nasceo rindo
Hum justo herdeiro, hum digno successor
Do titulo, e da gloria,
Das virtudes, dos bens, e da memoria.

Logo em seu nascimento os Vates Santos,
Que a urna dos futuros revolvêrão,
Dia, ó dia, disserão,
Amanhecido para bem de tantos:
As Musas se alegrárão,
Mordeo-se a Inveja, as Parcas suspirárão.

*Vem, hum dizia, ó rama generosa,
Honrar de teus Avós o tronco antigo:
Vem a servir de abrigo
Com tua sombra á gente desditosa,
Que em ti os olhos tem
Da mais certa esperanza, do seu bem.*

*Mette, adorado, prodigioso Infante,
A tenra mão nos cofres da ventura;
E pôr trofeo pendura
No teu portal a roda de diamante;
Porque a Virtude bella,
Ja no teu coração triumpho della.*

Outro as docas prizões lhe vaticina,
 De que Hymeneo a faxa lhe prepara:
 Elege a esposa chara,
 Que de conjuge tal ha de ser digna,
 Dá-nos para o respeito
 Imagens tuas no devido leito.

Outra nova figura lhe levanta
 De coroas, e palmas, disse, eu vejo
 Cercado o Padre Tejo;
 Que para o teu Palacio aponta, e canta,
 Meneando a cabeça,
 Que a fabrica-las para ti começa.

Mas hum, que aos mais intrepidos preside,
 Soltando as roupas auguraes, prepara
 Na dextra a fatal vara,
 Em quatro partes co' ella o Ceo divide;
 E dando hum ai primeiro,
 Assim disse o fatidico Agoureiro:

*Esse, que corre á discrição do vento,
 Entregue ás tempestades do Destino,
 A quem fez de menino
 Forçado na Galé do soffrimento,
 Ja perdendo a esperança
 De ver hum dia a face da bonança.*

*Do Pindo as fraldas semeará sem fruto,
 Que em vez de Louro lhe darão Cypreste,
 E ao som da frauta agreste,
 Em vão ás portas cantará de Pluto,
 N'um, e n'outro perigo
 Cahirá, fóra aquelles, que eu não digô.*

*Depois, com tudo, de cantar chorando
 A livre vida de embaraços cheia
 Na comprida cadeia
 De seus antigos males tropeçando,
 A ti virá correndo;
 Seu Fado o deixará logo em te vende.*

*Mais queria dizer; mas a Alegria,
 Que voando ao redor do berço andava,
 Lhe disse, que turvava
 C'o canto seu a gloria deste dia:
 Mudou de tom; e rosto,
 E encheo, cantando, os corações de gosto.*

*Quem não dirá, excelso Vidigueira,
 Que eu sou o triste, de que o Vate fala?
 A quem, a quem iguala,
 Senão a mim, Fortuna tão rasteira?
 Quem me enchugára o pranto?
 A tu não serás, quem podia tanto?*

Tu no naufragio ao porto me levaste
 Unico porto, que encontrei de abrigo:
 Eu me abracei contigo,
 A taboa foste, a vida me salvaste;
 Que em sinal da victoria,
 Inda hei de ir pôr no Templo da Memoria.

Não nasce o grande para si somente,
 Ha de ser util, ha de ser piedoso;
 Sabe, ó Conde virtuoso,
 Que não es todo teu, que es da mais gente:
 Sem estas preeminencias,
 De pouco importa illustres descendencias.

Que importa aos Reis o Sceptro seu dourado,
 Grão poder aos Senhores, e aos Dynastas,
 Se a equuleos, e catastas
 Inda c'o fresco sangue derramado
 De tantos innocentes,
 Os fez indignos do louvor das gentes?

Descender de Varões, que em mil batalhas,
 Cheios de sangue, e pó, se assinalarão,
 De que depois deixarão
 Para memoria authenticas medalhas;
 Póde honrar os sujeitos,
 Mas não faze-los, se o não são, perfectos.

A' carroça triumphal levem mil vezes
Varrendo a terra mil pendões ganhados,
Corpos desconjuntados,
Douradas lanças, inclytos arnezes;
E com as mãos atadas,
Sobre as costas mil gentês desgraçadas.

O teu triumpho, ó Conde, he mais luzido;
Não se compõe de ferro, ou sangue alheio:
Por mais illustre meio
Tu es o vencedor, e es o vencido:
Não te vingas, podendo,
Dissimulas do ingrato o crime horrendo.

Não podes ver o rosto descórado
Da encolhida pobreza, sem que logo
Da caridade o fogo
Te não abraze o peito magoado:
Em quem nunca foi pobre,
Não ha, Senhor, estímulo mais nobre.

Não te chegas a vis aduladores
Para ser da lisonja bafejado,
Pois tens exp'rimetado,
Que he a mentira quem lhe finge as cores;
E ainda assim póde tanto,
Que não lembrou ás Circes este encanto.

Se te enfureces, porque se não infira,
 Que esta paixão c'o odio se mistura,
 Huma doce ternura
 Acode logo a temperar-te a ira,
 Escusas o conselho
 De te veres colerico no espelho.

Tu pizas a Soberba por mil modos,
 Salvo o respeito, a ordem não confundo,
 Pois sabes que he no Mundo
 O Chefe das Nações o Pai de todos:
 Se ha algum mais que humano,
 He quem se faz por obras soberano.

Eisaqui a materia, em que tu cévas
 Do teu benigno coração a gloria,
 Despojos da victoria,
 Que gloriosamente a todos levas:
 Elles são neste dia
 Quem o faz claro, quem lhe dá valia.

Estas novas insighias, que te adorão,
 E inda hão de ser no escudo teu gravadas
 Com fabulas forjadas
 Nas fornalhas de Lipari, não forão
 Pelos Cyclopes rudes,
 Sim pelas mãos das immortaes Virtudes.

DE J. X. DE MATOS.

99

Em quanto, ó Conde, no regaço dellas,
Dos annos teus os parabens escutas,
E das musgosas grutas
Te vem beijar a mão as Nymfas bellas,
Co' a lança escreva Marte:
O teu nome no bellico estendarte.

No reino escuro dos tormentos vivos
Possão, primeiro hum dia, descansando
Do trabalho execrando,
Seu tanque d'agua encher c'os rotos crivos
As Belides ímpias,
Que se terminem teus famosos dias,

Canção, quando chegares
Diante dos Altares
Daquelle Heroe, de quem tu so es digna,
Encolhe as azas, a cabeça inclina,
Em meu nome o corteja,
E o pedestal da sua estatua beija.

*Fazendo annos o Illustrissimo e Excellentissimo Senhor
Conde da Vidigueira.*

Aquel

II

Aquelle, que surcando
 Vai procellosos mares,
 Ao vento as vélas dando
 Em demanda de inhospitos lugares:

Aquelle, que sozinho
 De enroscada serpente,
 Em deserto caminho,
 Expõe a vida ao venenoso dente:

Aquelle, a quem succede
 Passar serra mui alta,
 Que olha debaixo, e mede
 A grande altura, que subir lhe falta:

Aquelle, que apostando
 Chegar primeiro á raia,
 Perde o triumpho, quando
 Cheio de pó, e de suor desmaia:

Menos afflicto accusa
 O seu arduo projecto,
 Do que hoje á minha Musa
 Peço valor para tamanho objecto.

Estende, ó Musa nossa,
As crespas azas bellas,
E permite que possa
Hoje a penna melhor arrancar dellas.

Escrevamos o dia
Maior, que o Sol tem feito,
Para quem ser devia
Melhor que pedra branca o nosso peito:

Dia, dia ditoso,
De quem o esquecimento
Fugirá respeitoso,
Em quanto houver no Mundo entendimento:

Dia, Illustre Condessa,
Em que a nossa memoria
Não descança, não cessa
De honrar, podendo, do teu nome a gloria?

Dia, em que os Amores
O berço te embalarão,
E os ferros passadores
Dos olhos teus na viva luz forjarão.

Tomarão-te nos braços
As tres gentís Donzellas;
E ficaste entre abraços
A quarta Graça, entre as Graças bellas.

Ao som do teu louvor
 Então adormecias;
 Era o sabio Cantor
 O doce genio, que depois terias.

Ja nos dons soberanos,
 Que em ti vemos agora,
 Promettia a teus annos
 Fructos Pomona, na Estação de Flora.

Hum raio intelligente
 Ferio a tua infancia,
 Oh como vivamente
 Brilhar o vemos na maior distancia!

Que virtude celeste
 Por ti se não reparte!
 Mas se do Ceo vieste,
 Como havia deixar de acompanhar-te?

Com ellas te coroas
 Em sinal da victoria,
 São azas, com que voas
 Ao respeitavel Templo da Memoria.

Em torno dos Altares,
 Que a teu nome erigirão,
 Verás subir aos ares
 Louvores tuos, que nunca se subirão.

Por mais que a morte estude,
Zomba do seu designio,
Que está fóra a virtude
Das implacaveis Leis do seu dominio.

O Tempo devorante
Encosta a fouce injusta;
E absorto em teu semblante,
O relógio lhe cahe da mão robusta.

O Odio, que embebia
Duro punhal no peito,
Em honra deste dia
Se arrepende dos males, que tem feito.

A mesma torpe Inveja,
Dando menos gemidos,
Porque melhor te veja,
Concerta hum pouco os olhos retorcidos.

Desfaz-se a noite escura,
Quando a Aurora amanhece:
He noite quem murmura,
He luz do claro dia quem merece.

Ah! Respeitai, humanos,
Hum dia tão sagrado:
Destes mesmos tyranos,
Para maior respeito, respeitade.

Canção minha ; se fores
 Beijar a mão daquella,
 De quem cantando vas estes louvores,
 Dize, jurando nella,
 Inda que venho falta
 Dos brilhantes adornos deste dia,
 Virtude so se exalta
 Com a verdade hõnrosa,
 Quanto mais nua, tanto mais formosa.

*Na morte da Illustrissima e Excellentissima Senhora
 Condessa de Oeyras.*

 III

JA sobre os Horizontes
 Sobem os aureos crinos sacudindo
 Os rapidos Ethontes:
 Ja Phebo, novos circulos abrindo,
 Nos vem apparecendo;
 E os rutilantes eixos revolvendo
 Do coche ethereo, que modera, e guia,
 Traz aos mortaes q' mais brilhante dia.

Como vem debruçado,
Tomando as redeas do immortal governo,
Para ver se parado
Póde fazer-nos este dia eterno:

Ah que em vão curva o braço
Para deter dos seus frizões o passo!
Que a pezar seu, e a meu pezar o vejo
Nascer no Hydaspes, e vir morrer no Tejo.

O livido veneno,
Que derramado em frivolos Altares,
He no grande, e pequeno
Sustento so das almas populares;
Aonio meu, não creias
Que no teu dia me corrompe as veias;
Bem longe do teu halito maligno
Respiro, ó monstro da lisonja indigno.

Não esperes que diga,
Que torne a vir o Seculo dourado;
Que nasça a verde espiga,
Sem a cultura do engenhoso arado,
Que esteja doce, e brando
O loiro mel dos ramos gottejando;
Ou que sem riscos metta o innocente
A tenra mão na bocca da serpente.

Que

Que possa animo egregio
 Correr livre das Leis da humanidade,
 Que tenha privilegio
 De passar, sem morrer, á Eternidade :
 Minha Musa não finge
 Cor, que do Tempo a negra mão distingue :
 Pinte Alexandre sem defeito Apelles,
 Porque eu não tenho que esconder em Tella

Em ti, Aonio, vemos
 Nascer outro Alexandre mais perfeito,
 Para ti so sabemos,
 Que inda mais Mundos erão campo estreito :
 Aquelle pelejava,
 So para dar as cousas, que tirava :
 Olha a diff'rença, com que tu suspiras,
 Que para da-las, a ti mesmo as tiras.

Ja quando te embalarão,
 Cuido que ao som de musica celeste
 As acções te contarão
 Das almas grandes, que por Pais tiveste :
 Se ha Heroes pequeninos,
 Tu so nasceste Heroe entre os meninos :
 Do justo nasce o justo, e dos guerreiros
 Leões não vem os tímidos cordeiros.

Qual hera retorcida,
Que vai trepando aos troncos abraçada,
A tua heroica vida
Co' as florentes Virtudes enlaçada :
Da Fama ao Santo Templo
Subindo irá, para servir de exemplo,
Que logo a rica, e fertil Primavera
Aponta os fructos, que o Outono espera.

Oh se assim os mais Netos
As frias cinzas dos Avós honrassem ?
Erguei-vos, esqueletos,
Vinde ve-lo.... oh se aqui resuscitassem
Co' as fronte enranadas
Das incorruptas palmas ja ganhadas,
Os Heroes todos!... Mas bastava hum Game,
De quem es digno de imitar na Fama.

Não so a mão tingida
No sangue do contrario em terra alheia;
Não so pôr em fugida
A grão Cidade, a temerosa Aldeia.
Não so vencerias guerras
Do vento em furacões, do mar em serras:
São cousas dignas de fecunda historia,
Tem entre nós mais titulos e gloria.

Em tí, de tronco altivo,
 Em flor hum novo Heroe vem rebentando;
 Inda darás motivo
 A que esta fraca voz alevantando,
 Por mim declare o Fado
 Os altos fús, para que estás guardado:
 Qual prudente cultor, que a terra amanha,
 Que antes de tempo nunca o fructo apanha.

O mesmo Author do Mundo
 Não o fez todo, como está, n'um dia;
 O mesmo Author fecundo,
 Que so com dizer *Faça-se*, podia
 Formar mil Universos
 Muito maiores, muito mais diversos:
 Foi primeiro semente a secca estriga:
 O grão, primeiro he grão, que seja espiga.

Curtas hasteas plantadas
 Formando pouco a pouco hum tronco eterno,
 Tem depois de copadas
 Nos Ceos os ramos, a raiz no Inferno.
 Virá tempo, em que possas
 Ser, e claro Telles, as delicias nossas;
 Fartará o faminto, e são desejo
 De fazer cousas, com que pasme o Tejo.

Vai cultivando a bella
Virtude, a cujos peitos te creaste,
Offerece-lhe aquella
Rara victoria, que ás paixões negaste;
Piza, como até agora,
Essa paixão das mais paixões, Senhora;
Vinga as mais almas, que não podem tanto,
Darás materia a nunca ouvido canto.

Em veneno banhada
A negra vista da enfezada Inveja,
Contra ti revirada,
Para te dar quebranto, em vão forceja,
Nem precisas do agouro
Do Santo Nardo, ou masculino Louro;
Pois tens mais santo, e eterno defensivo
Na luz do teu merecimento altivo.

Por mais que abra Pandora
Do cofre seu as portas refulgentes,
E dure a vida embora,
Em quanto o claro Sol der luz ás gentes,
Entre os fracos humanos
Não será vida a duração dos annos,
Sem que a razão de algum merecimento
Sirva aos nossos espiritos de alento.

Inda durão: fobedos,
 Que do Diluvio as aguas alagáão,
 Robustos arvoredos,
 Que os indomitos Eúros acontárão,
 Na memoria dos homens
 Tem mil Sphinges estampado os nomes:
 Quem so mais annos de virtudes conta,
 Mais nas azas do Tempo se remonta.

Canção, se te notarem de cançada,
 Responde, que não vinhas
 Para voar tão alto preparada;
 Mas que contempas na presaga idea,
 Que inda has de converter-te em Epopea.

*Fazendo annos o Illustrissimo e Excellentissimo Senhor
 D. Antonio Xavier Telles.*

 IV

Quem são? Quem são aquelles exemplares
 De valor, e destreza,
 Que ora juntos ao Throno, ora aos Altares,
 São ja por natureza,
 Nos lances mais forçosos,
 Ao Rei fieis, a Deos Religiosos?

Quem

Quem hão de ser? Os Marialvas são;
 Que gerar não podia
 Cordeiros vis magnanimo Leão:
 A virtude, que os guia,
 He outra excelsa herança,
 Que os faz mais dignos de immortal lembrança.

Santo districto da feliz Merceana,
 Em teus silvestres braços
 Vem recebe-los, e vem dar-lhe usana
 Respeitosos abraços;
 E de novo em teus montes
 Renasção flores, e borbulhem fontes.

Teus redondez, e rusticos Pinheiros
 Em Cedros transformados,
 Teu mato agreste em Delficos Loureiros
 Lhe sejam consagrados;
 Porque outrem appareça,
 Que estatuas lavre, que grinaldas teça.

Que eu posso, apenas de respeito, e medo,
 Ca de longe mostrar-te
 Com balbuciente voz, tremulo dedo
 Do todo a menor parte;
 Nem póde a minha Musa
 Dizer-lhe coisa, que louvor produza.

Tu os verás no sacrosanto Templo
 Da intacta Maria
 A' sã piedade promover o exemplo
 Na pobre companhia,
 Para que o nobre estude
 Em lhe ser companheiro na Virtude.

Tu os verás belligeros, e astutos
 Em campo destemidos,
 Ora vencendo, ora domando os brutos
 Por arte conduzidos
 Escurecer a nescia
 Carreira, e luta da alta Roma, e Grecia..

Mas sobe a ve-los do lugar mais alto
 Desses teus arredores,
 Vê-os entrar ja no primeiro assalto
 C'os brutos contendores;
 Vê-os por força, e geito
 Feri-los frente a frente, e peito a peito.

Verás.... Mas como o gosto de admira-los
 Eu te estou demorando?
 Ah que eu ja vejo os fervidos cavallos
 Os freios mastigando!
 Ja de coragem tremem,
 Ja c'o pezo dos duros Martes gemem.

Entrai sem apuro, ó devoção constante;
 Que ao triumpho vizinho
 Eu ja vejo a Fortuna vir diante
 Abrindo-vos caminho:
 Fazei, que em vós se veja,
 Que mais que o braço o coração peleja.

Canção, não se te dê de ser pequena;
 E saiba quem por isso te condena,
 Que basta aos grandes homês
 Para elogio o repetir-lhe os nomes.

*Festejando o Illustrissimo e Excellentissimo Senhor
 Marquez de Marialva, e seus filhos a Virgem Santissima
 da Mercœana.*

 V

Illustre Dom Gastão, sabio Coutinho,
 Que nas aguas do Tejo,
 Do Tejo teu vizinho,
 Qual Branco Cisne mergulhar-te vejo,
 Se não cantas agora,
 Que interromper não quero a voz sonora
 De teu Divino canto,
 De huma ave nocturna escuta o pranto.
 Que

Que são as aves tristes agourelas
 De casos desastrados,
 Dizem almas rasteiras,
 Que behêrão costumes estragados:
 A tua illustre, e forte
 Pensa de outra maneira, de outra sorte,
 Não crê superstições
 De corruptas, de barbaras nações.

E pois tens costumados os estívidos
 A supplicas, e queixas,
 A prantos, e gemidos,
 A cujo triste som ja mais os fechas:
 Tu, que por toda a parte
 Favoreces Apollo, honras a Marte,
 Sobre os seus professores
 Espalhando ás mãos cheias os favores;

Benigno escutarás a voz doente
 De huma Musa, que chora
 Desprezada da gente,
 Da mesma gente, que ella honrou té agora;
 Pedia a dor da injuria
 Que a Musa aqui se convertesse em Fúria;
 Que as tranças arrincasse,
 Que em vez de flores vitoras saltasse.

Não que, por tal, meus versos pertêdessem,
 Que Louros, e Amaranto;
 Capellas lhe tecessem,
 Que eu sei, Senhor, que não merecem tanto
 Contento-me com menos,
 A pequenez convem premios pequenos:
 Armas, que a Ajax se devem,
 So vãos Ulysses a pedir se atrevem.

Hum gesto humano, hum doce acolhimento
 Contente me traria;
 Mas onde o pensamento
 Me leva inquieto, a fantasia!
 De ricos desenganos
 Thesouros fiz para futuros danos;
 Longe de mim lembrança
 De acção, que possa parecer vingança.

So tu, Gastão, so tu, Senhor, es digno
 De hum elogio eterno,
 De hum canto mais Divino,
 Que o que firou Euridice do Inferno:
 Não presumas, que a arte
 Da lisonja me guia, não tem parte
 Em candido sujeito,
 Tal he minha expressão, tal he meu peito.

Tentem de Pindaro a vernal poesia,
 Grecia dramas lhe off'reça,
 Porque em solta harmonia
 As accões de Pitheas engrandeça:
 Louve encontros, e riscos
 De sectas lutas, de pezados discos:
 Nada invejo, que eu tenho,
 Mais alto assumpto, se mais baixo engenho.

Bem longe estão meus versos de louva-dos:
 Olympicas fadigas
 De espumantes cavallos,
 Açoutados de Heroes destros aurigas;
 Disputas indiscretas
 De nós untados corpos dos Athletas,
 Tudo exercicios rudes,
 Maravilhas serão, mas não Virtudes.

Foi por mais alto preço que comprarão.
 Sujeitos eminentes
 O nome, que alcançarão
 De almos Varões, Heroes resplandecentes:
 He, Senhor, de outra sorte,
 Que se triumpho do poder da morte:
 Outra he a coroa,
 Outras as azas, com que ao Ceo se voa.

Olha os teus, illustrissimos Maiorés
Como se assinalarão,
Fazendo-se acredores
Das immortaes memorias, que deixarão:
Vê este com que empenho
Pela Fe, pala Patria, em curvo lenho,
Corta com solto panno
As Athlanticas ondas do Oceano.

Olha como nas fervidas areias
Das praias Africanas,
Faz sobre altas ameias
Despregar as bandeiras Lusitanas:
Tu, Calpe, que divides
De Abila o mar, em que parou Alcides,
Vê do teu alto cume
Se este he capaz de lhe fazer ciume.

Este he o Alcides, que tentou primeiro
Dos Nautas Portuguezes,
Por mar aventureiro,
Ir demandar o porto dos Inglezes:
O primeiro, que ousado
Perdeo terra de vista, e que apartado
Ca de seus patrios Lares,
No meia a Ilha achou de estranhos mares.

A Ilha da Madeira, que povoa,
 E depois governára,
 De que fez em Lisboa
 Titulo novo, o Rei, que o la mandára:
 Vê aquelle, que doma
 Em Arzila os sequazes de Mafoma:
 Aquelle, que inda cheio
 De po triumphal honrar a Patria veio.

Igualmente lhe ajusta, e se lhe applica
 A espada, que a balança,
 A Toga, que a Lorica,
 Pois nelle vive a guerra, e a paz descança:
 Preside na Assembla
 Fiel, legal moderador de Astrea:
 Oh Varão sem segundo,
 Valente em obras, em razões fecundo!

La vai sem descançar pór freio á gente,
 Que jaz áquem do Ganges;
 Vê como de repente
 Lhe cahem das mãos os Indicos alfanges:
 Ceilão de ve-lo geme;
 No Çamorim o Malavar o teme:
 Foge-lhe a Turca Armada,
 Prova os fios Raja da invicta espada.

Repara n'ami, que sempre guarnecido
 Trouxe o corpo guerreiro
 Do pezado vestido,
 Que lhe forjou de Lipari o ferreiro:
 Hum he dos redemptores
 De Portugal captivo de traidores,
 Que o tirarão do fero
 Poder das garras do Leão-Ibero.

Entra em Cascaes, e em seus rebeldes pulso
 Duras algemas deita,
 Dos contrarios expulsos
 A fortaleza, a seu poder sujeita;
 Da sordida Galliza
 Vai ver as terras, que triunfante pisa:
 Inda por tal Coutinho
 O Tejo chora, ainda chora o Minho.

Vê outro fr, da negra mão da morte,
 A Alcacere chamado,
 Depois que o braço forte
 Andava ja de triumphar cansado:
 Ainda agora, entre os nossos,
 Reliquias são seus honrados ossos;
 Se dêsse o Fado adverso
 Sepulchro a todos no lugar do beço.

Vê maia hum contra a prole de Ismael
 Ir levantando o braço :
 Vê como ao ímpio Adel
 Tornou do dia o resplendor espaço :
 Leva desembainhada
 Em bruto sangue inda tingida a espada :
 A espada, que ja fora
 De Azamor, e de Arzila vencedora.

Nem deixarão meus versos de mostrar-te
 La outro em prizão dura,
 Que nem sempre tem parte
 Nas grandes confianças a ventura ;
 Seu mesmo esforço bravo
 De barbaro senhor o deixa escravo,
 Tendo por mais acerto
 Ficar cativo, que fugir liberto.

Olha la, outro, que maduro, e grave
 Vai levar tão distante
 Dos negocios a chave,
 Com que abre as portas a huma paz' constante:
 La lhe off'rece partidos
 A frigida Suecia : dá-lhe ouvidos
 A bellicosa Gallia,
 A sobria Hollanda, a corrompida Italia.

Olha, outro, que vê como se espraia
Nas costas Guzarates
O Golfo de Cambaia,
Que vio de longe mil christãos combates:
Olha como defende
A forte Diu, que o Sultão pertende:
La rompe contra os Mouros
Nuvens de fumo, chuvas de pelouros.

Vê depois como á sombra em fim descança
Da quieta Oliveira,
Aonde encosta a lança,
Ja enrolada a tremula bandeira:
La vê posto em socego
Escorregar as aguas do Mondego
Por entre a fertil herva,
Que honra pizando a immortal Minerva.

Inda alli a passar não se condemna
Em vão o tempo leve;
Porque tomando a penna,
Não escreve de Amor, de Marte escreve.
Destes, e outros honrados
Varões os nomes nos darão lembrados
Materia a larga Historia,
Em quanto neste Mundo houver memoria.

Mas não he isto ainda o que mais presta
 Teu solido talento,
 Que a herdada nobreza
 Sem virtude não dá merecimento ;
 Por mais que as Leis intentem,
 Que nos filhos os Pais se representem,
 Vinculo, ou semelhança
 As Virtudes não tem c'os bens da herança.

Tu não es dos que, á sombra dos escudos
 De seus antepassados,
 Não tem outros estudos,
 Que andar olhando os porticos gravados:
 Pentagoras Estrellas,
 O purpureo Leopardo timbre dellas,
 As torres, e os rompentes
 Lobos, que vês nessas portaes pendentes ;

Não te corrompe c'o subtil veneno,
 Que introduz a vaidade
 N'um coração pequeno,
 Capital inimigo da humildade:
 Teus aquella grandeza,
 Que so faz o caracter da nobreza,
 Comtigo o humilde, o pobre,
 Se não for vicioso, será nobre.

Não péza no teu placido semblante
Aquelle ar desabrido
Da Soberba arrogante;
Jaz a teus pés, do seu Altar cahido,
O vulto da Jactancia,
Vilmente atado ao cepo da Ignorancia:
Ambas irmãs inteiras,
Ambas sem olhos, ambas companheiras.

Em ti não acha a vil lisonja ouvidos,
Que estupidos criados
Não são os teus válidos,
Ouves somente da verdade os brados:
So te faz harmonia
A sonora razão, que o sabio guia,
E que acompanha o forte
Até beber em negro vaso a morte.

Os feios, máos costumes, a Injustiça,
O Odio ensanguentado,
A languida Preguiça,
Despojos são do teu valor ousado:
Em perpétuas cadeias,
A mão fechada, os olhos nas alheias,
Vas levando arrastada
A mortal Avareza costumada.

Esta he a estrada publica da gloria,
 Tão falta de viajantes
 Ao Templo da memoria,
 Onde tantos Varões entrãrão d'antes:
 Tu, que a elle subiste,
 Que as portas estelliferas lhe abriste,
 De la, grande Coutinho,
 Acena aos mais, amostra-lhe o caminho:

E em quanto as Nymfas vão, do venerando
 Antigo, e Patrio Tejo,
 Perolas apanhando,
 Para as grinaldas, que tecer te vejo:
 Em quanto as la do Pindo
 Com teus versos na mão cantando, e rindo,
 Estão vendo, entre flores,
 Brincar nelles a Graças, e os Amores:

Em quanto o braço para a guerra ensaias,
 E te não faz Mavorte
 Sinal, para que saias
 Em campo a contender co' a mesma Morte:
 Em quanto altas coroas
 Te preparão de Nãos agudas proas,
 E em quanto cresce o Ouro,
 A Azinheira, o Carvalho, a Murta, o Louro:

A's Musas dá licença, que estes Hymnos
Em meu nome te off'reção,
Do teu os fará dignos
A tua inclinação, quando a mereção:
Bustos de Cedro erguidos,
Vasados bronzes, marmores polidos,
São pezada materia,
E voar não podem á morada Etheria.

Sobre o seu firme pedestal quieta
A muda estatua pára,
Milagroso Poeta
Leva seus versos a Região mais clara,
Gira a immortal Poesia
Os luminosos círculos do dia,
Vai no carro de Apollo
(De quem he filha) de hum a outro Polo.

Irá por ti, se acaso podér tanto,
Ca do frio Occidente
Espalhar-se o meu canto
Sobre os berços do Sol resplandecente:
Ah! Possão seus clamores,
Acordando Cimerios moradores,
Levar pelo Universo
O teu louvor, peregrinando em verso.

A Ilha da Madeirá, que povoa,
 E depois governára,
 De que fez em Lisboa
 Titulo novo, o Rei, que o la mandára:
 Vê aquelle, que doma
 Em Arzila os sequazes de Mafoma:
 Aquelle, que inda cheio
 De po triumphal honrar a Patria veio.

Igualmente lhe ajusta, e se lhe applica
 A espada, que a balança,
 A Toga, que a Lorica,
 Pois nelle vive a guerra, e a paz descança:
 Preside na Assembla
 Fiel, legal moderador de Astrea:
 Oh Varão sem segundo,
 Valente em obras, em razões fecundo!

La vai sem descançar pór freio á gente,
 Que jaz áquem do Ganges;
 Vê como de repente
 Lhe cahem das mãos os Indicos alfanges:
 Ceilão de ve-to geme;
 No Çamorim o Malavar o teme:
 Foge-lhe a Turca Armada,
 Prova os fios Raja da invicta espada.

Repara n'um, que sempre guardado
 Trouxe o corpo guerreiro...
 Do pezado vestido,
 Que lhe forjou de Lipari o ferreiro:
 Hum he dos redemptores
 De Portugal captivo de traidores,
 Que o tirarão do fero
 Poder das garras do Leão-Ibero.

Entra em Cascaes, e em seus rebeldes pulsos
 Duras algemas deita,
 Dos contrarios expulsos
 A fortaleza, a seu poder sujeita;
 Da sordida Galliza
 Vai ver as terras, que triunfante piza:
 Inda por tal Coutinho
 O Tejo chora, ainda chora o Minho.

Vê outro ir, da negra mão da morte,
 A Alcacere chamado,
 Depois que o braço forte
 Ainda ja de triunfar cansado:
 Ainda agora, entre os nossos,
 Reliquias são seus honrados ossos,
 Se dêsse o Fado adverso
 Sepulchro a todos no lugar do beço.

no da dita Ilha, que pertendia usurpar a pósteridade de Ulysses. Entreteve-os a Rainha com a esperança das noticias, que esperava de Ulysses, pela diligencia, com que Telemaco (ja neste tempo mancebo) a buscava por varios Reinos da Grecia. Chegando este com as de que era morto, se vê a Rainha no maior apêrto obrigada a aceitar por esposo o Principe, que a pertendia amante, posto que sempre duvidosa da certeza da morte de seu marido. Neste mesmo tempo apparece Ulysses em Ithaca como naufrago, e estrangeiro, não querendo dar-se a conhecer á sua familia; porém encontrando-se com Eumé seu Secretario, a elle se descobre, e finalmente a sua mulher, e filho, com quem se une para atacar os pretendentes, que destroe, matando Antinois, e obrigando a que Eurimaco se affogasse na precipitada diligencia de fugir para as suas Náos, que tinha naquelle porto. O mais se verá no contexto da Obra.

A C T O R E S.

- PENELOPE**, Mulher de Ulysses.
ULYSSES, Rei de Ithaca.
TELEMACO, Filho de Ulysses.
EURIMACO, Rei de Samos.
IFISE, Filha de Eurimaco.
EUMÉ, Ministro de Ithaca.
ANTINOIS, Príncipe sujeito a Ithaca.
ERICLEA, Aia de Telemaco.
EURINOME, Confidente da Rainha.
ARGINA, Confidente de Ifise.
ARCÁS, Confidente de Antinois.
Guardas.

A Scena he em Ithaca no Palacio de Ulysses.

ACTO

CIA



ACTO PRIMEIRO.

SCENA I.

Penelope so encobrada em hum vestibulo, olhando para o mar.

Penelope.

EM vão Ulyssés chamou. Oh fatal dia!
A que violenta escolha es reduzida
Triste, triste Penelope! Os contrarios
Perseguidores meus, e a Sorte adversa...
Nada constrangerá esta vontade
A fazer eleição de outro consorte:
Primeiro acabarei a infausta vida;
E este mar menos barbaro, primeiro
A unir tornará por minha morte
Estes dous corações, que hoje separa.
Tu, sagrado Neptuno! A cujas ondas
Entreguéi o deposito querido,
Que de ti confiei, e que mil vezes
Surdo a meus ternos rogos me negaste:
Oh quanto melhor fora que tivesses
Em teu furioso seio sepultado

O iniquo roubador dessa belleza,
Culpavel, e funesta a tantos povos!
Em desesperação me não verião,
Em gemidos, e lagrimas afflicta,
Os momentos contar dos tristes dias.
A chamma devorou a iniqua Troya:
Vi os Gregos alegres, e vingados;
So para mim o Ceo inexoravel
Armodi o seu furor, e a meus desejos
Do vencedor me difficulta a vinda.
Se será morto, ou vivo? Onde? Que praias
Me occultaráõ o seu Destino incerto?
A sua fausta vinda este me agoira:
Diz-me aquelle, que o víra naufragante:
Quantas vezes levada da incerteza,
Assim como não sei se he vivo, ou morto,
Não sei, injustos Ceos! (se morro, ou vivo.)
Ai de mim! Nesta ultima tormenta
Cuidava ver Ulysses espirando
Sobre a humida areia desta praia:
Chóro a sua desgraça: eu me consumo:
Eu soffrerei por elle novos males;
Os males sentirei, que elle não sente.
Tantos impedimentos, e perigos
Serão somente aereos? Voluntarias
As tardanças serão? Dos meus suspiros,
Dos meus tristes suspiros, descuidado
Talvez, que hum clima mais ditoso habite
Em novos laços de amoroso affecto.
Da minha fé tão pura, e tão constante
O premio será este? Mas eu posso

For-

Formar em mim estas injustas dores?
 O seu fatal, e ultimo Destino
 He so das minhas lagrimas a causa.
 Ulysses meu!...

S C E N A II.

Penelope, Ericlea, e Eurinome.

Eurinome.

Porque da nossa vista,
 Oh Rainha, fugis? Vós sois a mesma,
 Que estaveis prompta a apparecer aos povos;
 Das nossas direcções fiar quizestes
 O remedio mais prompto a vossos males,
 Dando hum novo realce á formosura,
 Que em tão Divino gesto se contempla.
 Porém vós suspirais? Gemeis ainda?
 He possivel que em prantos, e suspiros
 A vossa amavel vida se consuma
 Em dia tão solemne?...

Penelope.

Infausto dia!
 Neste horrivel momento, que resolvo?
 He tempo de morrer: evite a morte
 Tão duro laço, que o cruel me ordena.

Eurinome.

Ah, Senhora, vencei-vos! E enxugando
 Esses formosos olhos, novamente
 Ostentai aquelle ar victorioso,
 Com que subordinais a vosso Imperio

Os mais rebeldes corações. Senhora;
 Rogai, e procurai novas escusas;
 Que tudo alcançará vossa belleza.
 Lembrai-vos, que Telemaco inda pôde
 Tornar a vir; hum filho, cuja infancia
 So de mim confiou a vossa escolha;
 Este amavel Heroe, nossa esperança.
 Não tem mais do que a vós: vivei por elle.

Penelopé.

Sou de infinitos males combatida;
 E dô meu filho amado a triste ausencia
 Me desespera mais. Em vão procuro
 achar seu Pai, e ignoro se elle mesmo
 Inda goza talvez da luz do dia.
 Ah, não sei se deseje a sua vinda!
 Por elle, e não por mim em tal estado
 Temo a Antinois, o homem mais terrível;
 O mais falso dos homens: (engatada
 Talvez serei de todos) neste sitio
 Unicamente Eumé ama a justiça,
 Os Deoses teme, os racionais ampara:
 Tudo obedece a meus perseguidores.
 Onde acharei remédio em tanto aperto?
 Em tal consternação? Eumé cercado....
 Mas chega Eumé: á sua lealdade,
 Seu zelo; seu valor; que fazer pôde?

SCENA III.

Penelope, Eumê, Ericléa, e Eurinôme.

Eumê.

Neste lelo, Senhora, que renova
 O vosso pranto, as vossas agónias,
 Eu vos venho off'recer minhas tristezas,
 Que unir pertendo agora ás vossas mágoas:
 Deixar não posso de chorar com vosco
 O vosso Espôso, o meu Senhor Augusto.
 Mortal dor! Hei de ver que se arruina
 Este florente, afortunado Império?
 Hei de eu ver estes miserós penhores,
 Que em minhas mãos depositara Ulyssés,
 Gemer debaixo de humas leis tyrannas?
 Ja, Senhora, esconder-se-vos não pôde,
 Que desta Ilha os povos se declarão
 Em favor de Eurimaco; porque entrando
 Como triunfante neste Regio Paço,
 Imagina que tudo neste dia
 Será a seus desejos favoravel.
 Ja o apparatus festival se ordéna,
 Onde em presença de huns, e de outros povos
 Públicas se farão as vossas nupcias.

Penelope.

Mais depressa verão a minha morte.
 Este Hymeneo, que hoje Eurimaco intenta,
 Aborreço, e não quero nem ouvillo:
 Mude-se a pompa em funebre apparatus.

Eu.

Eumé.

Dissimulai: ouvi nossos conselhos:
 Seja qual for de Ulysses o Destino,
 Mais certas provas esperar devemos:
 E lembrai-vos, que tendes hum so filho,
 Que se vós lhe faltais, fica elle exposto
 A seus feros contrarios; que Laertes
 Sen decrepito Avô, ja com o pezo
 Dos annos encurvado, o seu partido
 Mal pôde sustentar; que Telemaco
 Em sua pouca idade desarmado,
 De balde se opporá a seus tyrannos:
 De os desunir so temos a esperança.
 Ah! Temei Antinois, que elle medita
 Para reinar a mais cruel perfidia;
 E tendo em seu favor o Rei de Samos,
 Nada poderá mais que seus tumultos.
 Pensai nisto, Senhora, porque ainda
 Tudo podeis neste perigo extremo:
 Eurimaco vos ama; sua filha
 Mover do Pai o coração bem pôde:
 Vós não o desprezeis: vede com susto
 A quanto de Antinois chega a violencia.
 Deste traidor os laços da amizade,
 Que tem com elle, desatar se devem;
 Porém, Senhora, alimentai-o sempre
 Co' dourado veneno da esperança.

Penelope.

Essa esperança vã, que lisongea
 Esse odioso amante, he huma injúria
 Da minha eterna fe. Ah quanto sinto,

Que

Que por minha fraqueza injustamente
 O meu amado Ulysses offendesse!
 Mas eu sempre esperei que a minha morte,
 Ou sua vinda, prevenir podessem
 Os tragicos horrores deste dia:
 Depois de arder em fogo tão suave
 Pelo meu caro Ulysses, impossivel
 Será que esta alma inda abraçar se veja
 Em outra chamma, que não seja a sua:
 E em vão pertende obter o Rei de Samos....

Eumé.

Senhora, cuidai menos.... Mas eu vejo
 Que chega o Rei, e que Antinois o segue:
 Lembrai-vos de Telemaco: lembrai-vos
 Que dominão Ithaca estes tyrannos:
 Que hum povo tem por si, que desconhece
 A fe, a gratidão, e a fortaleza:
 Que está primeiro a salvação de hum filho....

Penelope.

Supremos Deoses! Inspirai-me agora.

SCENA IV.

Penelope, Antinois, Eurimaco, Eumé, Eurinome, e Arcás.

Eurimaco.

GRande Rainha! Em fim he este o dia,
 Que para ser feliz me destinára
 O Ceo compadecido. Ja chegarão
 Esses doces instantes da minha alma,
 Em vão ha tantos tempos suspirados,

E

E de vós tantas vezes differidos:
 Ja mais ás perfeições de vosso gesto.
 A meus olhos tão bellas parecerão.

Penelope.

Eu, Senhor! Que illusão da vossa vista!
 Entre tantos pezares, tantas dores,
 Que póde merecer-vos, e encantar-vos
 Hum semblante abatido, huns lacrimosos,
 Huns ágravados olhos, que se affogão
 No largo mar de meu continuo pranto?
 Ah Senhor! Não queirais, ... (sede mais justo)
 Que vosso amor me sirva de supplicio.

Eurimaco.

Vós olhais para mim, como quem olha
 Para o primeiro author de vossos males:
 Ja vos esquecem os rivaes, que eu tenho.
 Para render os corações mais duros
 A vossa vista basta: se podessem
 Os mais Reis conhecer-vos, no Universo
 Hum so não ficaria, que arrastado
 Igualmente commigo não viesse
 A suspirar de amor nos vossos laços.

Penelope.

Todos esses amantes odiosos,
 Que me tem perseguido, ja vos cedem:
 Sei que com vosco competir não podem,
 E diante de vós desaparecem.
 Mas acabai, Senhor, e em liberdade
 Permitti que os meus males chorar possa,
 Que até para chorar me falta o tempo.

Eu-

Eurimaco.

Não, Senhora! He ja tempo de enxugar-se
O vosso terno pranto, e de pôr termo
Aos males, que igualmente nos affligem.
De Samos vinde honrar o throno Augusto;
Depois descansareis tranquillamente
Das vossas afflicções; tudo conspira
A fazer nosso estado venturoso....

Penelope.

Deixai, deixai correr, Senhor, meu pranto,
Que está meu coração, por desgraçado,
Bem longe dos descansos promettidos.

Eurimaco.

Não tendes vós as provas mais seguras
Do meu amor constante? Como ainda
Perfendeis enganar minha esperança?
Depois de tanto tempo, e escusas tantas,
Que artificio, oh Rainha! inda vos resta?
Depois de huma palavra....

Penelope.

Não formemos
Deste hymeneo, Senhor, tão tristes laços:
Vós mesmo pezaroso da injustiça,
Que me fizestes, vos vereis hum dia.
O amor não he filho da violencia:
Dar o meu coração, como he possível?
Sois generoso; devo confessar-vos,
Que Ulysses seu Senhor, d'elle não póde
Separar-se ja agora hum so momento:
So hum allivio (se he allivio) tenho
Nos meus justos pezares: a saudade,

Que

Que delle sinto, e as lagrimas, que choro.
 Como vos não desgosta, e vos confunde
 Ouvir com meus suspiros misturado
 O doce nome do meu grande Ulysses
 A todos os momentos? Fugi antes,
 Fugi de mim; e longe de obrigar-me,
 Compadecei-vos so do meu tormento.

Eurimaco.

Como podeis ainda, deshumana,
 Conceber novos modos de affigir-me?
 Quereis que toque os ultimos extremos
 Da desesperação? Até que ponto
 Pertendeis contra mim levar os vossos
 Simulados projectos? Por ventura
 Quereis que outro rival, fundando a gloria
 No esforço da eloquencia, vença, e ganhe
 Do vosso coração todo o triumpho?
 Quereis segunda vez, que eu mesmo seja
 De tão cruceis affrontas testemunha?
 Inda tenho presentes na memoria
 Os passados enganos: inda sinto
 Do meu competidor a preferencia,
 Como hum flagello, que me opprime a alma:
 Naquelle tempo do maior transporte
 Me deixo possuir: desesperado,
 Impaciente, inadvertido, e cego
 Me arrastarão de amor outras cadeias:
 Cioso dissimulo, e vejo alegre,
 Longe de vós, o meu rival em Troya.
 A amante esposa, a quem eu so devia
 Os mais castos amores, dos viventes

Em.

Em fim se aparta, dando á luz Ifise.
 Soube que Ulysses: desgraçado Ulysses!
 Victima fora de Neptuno irado:
 Então se atea novamente a chamma
 Do meu primeiro amor, minha defunta
 Esperança renasce, cresce, e vive:
 Corro a buscar-vos, e a adorar-vos torno,
 Vós consentistes que esperar pudesse;
 Mas em vão esperei: passou o tempo,
 Hum dia, e outro dia; mas o fruto
 Forão somente frivolas escusas,
 Fingidas dilacões, que prolongarão
 Da minha alma os freneticos desejos:
 Entre as ansias crueis, que mal supporto,
 Do meu debilitado soffrimento
 Não abusareis mais bastantemente
 Tenho esperado os merecidos prémios
 Do meu amante empenho; e se inda agora
 Vos mostrais insensivel, oh Rainha!
 Temei as consequencias do meu odio.

Penelope.

Eu que vos prometti? Jamais...

Ericlea.

Senhora!...

Penelope.

Ah Senhor, moderai-vos! De mais doces,
 Mais suaves tenções, que eu vos mereço,
 O vosso grande coração he digno.
 Concedei-me alguns dias: sustentai-vos
 Hum pouco de esperar mais algum tempo:
 Póde ser que esta minha resistencia

Tom. II.

K

Pa-

Para vós se converta em suavidade :
Vindo meu filho, delle saberemos
Se de Ulysses a morte se confirma.

Eurimaco.

Por muitas vezes se vos tem contado
O naufragio de Ulysses : elle he morto,
O tempo he proprio, vosso Pai consente,
Tudò vos põe na vossa liberdade.

Penelope.

No estado, em que estou, viver não posso.
Triste de mim, se de meu filho a vinda
A meus justos pezares não põe termo!
Alguma compaixão se quer vos deva.
Huma mãe triste, que chorar so pôde
Do filho a ausencia, de seu Pai a morte.
Se estes suspiros meus puderem tanto,
Que o Ceo por elles me conceda ao menos
De Telemaco a vinda, consolando
Irá hum filho a perda de hum esposo.

Eurimaco.

Será possivel que tambem se opponha
Contra mim vosso filho ! Por ventura
Arbitro sou do seu fatal Destino ?
Tive parte em seus erros voluntarios ?
Eu posso em favor seu, e em vosso obsequio
Reger as ondas, dominar os ventos ?
Senhora, pôde ser que o vosso filho
Ja não respire, porque morto fosse
Das insolentes mãos de alguns piratas.

Penelope.

Ja vos entendo ; sei a vossa inveja :

Te.

Temeis o seu valor; a sua morte
 Ha muito pertendeis occultamente.
 Do vosso amor que prova manifesta!
 Querer tirar-me a posse do meu filho
 Unico bem, que nesta vida tenho!
 E prezais-vos, Senhor, de ser amante?...
 Pelo seu interesse, eu vos attendo:
 Eu mesma morterei para salva-lo:....
 Eu vencerei a extrema repugnancia
 Deste meu catião: d'ante os meus olhos
 Fugi de todo: não torneis a ver-me,
 Se não volta meu filho, se o não vejo.

Eurimaco.

Ou elle venha, ou não, será preciso....
 Mas! Eu vos deixo ja, para livrar-me
 Das ansias, que me opprimem: Neste dia
 Vossa final resolução espero....
 Quando não, vede bem... que aos meus affagos
 Succederão do meu furor as iras.

Penelope.

Faze, faze morrer huma innocente
 Rainha, que aborrece o teu affecto,
 E so pede o teu odio.

SCENA V.

Antinois, Penelope, Ericas, e Eurimaco.

Antinois.

JA Senhora....

K ii

Pe.

Penelope.

Antinois, nada temo: aos ameaços
Sou inflexível: saberei livrar-me
Das vossas leis ao barbaro dominio. (1)

S C E N A VI.

*Antinois, e Arcás.**Antinois.*

D Este hymeneo a hora differida
Ha tantos tempos, apressemos hoje!
Nelle a sorte o caminho me franqueia
Para subir ao throno: este faminto
Desejo de reinar, de que está cheio:
Todo o meu coração, farte-se agora.
Quando a morte de Ulysses se fez certa,
Viste, Arcás, a invasão dos pretendentes,
Que entrarão nesta Ilha: com seu povo,
Que facilmente ás minhas leis sujeito,
A escolha da Rainha lhes disputo.
De seu Regio hymeneo a preferencia
Lisonjeava, as minhas esperanças;
Porém do Rei de Samos, receando
As armas, e o partido ventajoso,
Determino sem armas de vencello.
Elle era amante, e eu reinar queria:
Se o Estado me deixa, case embofa
Com a mesma Rainha; em paz a leve:
Na sua ausencia o Sceptro me pertence,
E do Principe a vinda só receio.

Ar.

(1) Vai-se,

Arcás.

Feliz annuncio de melhor successo
 Protege a vossa empreza. Ha muitos tempos
 Que Ithaca seu Senhor vos reconhece;
 Se Telemaco do furor das ondas
 Escapado tiver, dos vigilantes
 Navios nossos escapar não póde:
 Nada o póde salvar; mas estas praias
 Cobertas são de nauticos despojos,
 E elle nesta ultima tormenta
 Sem duvida morreo.

Antinois.

Ainda he precisa
 Mais exacta certeza. Eu conjecturo
 Que contra a sua vida conspirado
 Eurimaco já teve. Elle temia,
 Como eu temo, este moço temerario;
 Porém talvez que enternecido olhando
 Para o pranto da Mãe, a bem do filho
 Tenha tomado novos sentimentos;
 E com esta lisonja, da Rainha
 Ganhar o coração lhe será facil.
 He dos povos o espirito mudavel:
 E póde deste Principe a presença
 Contra nós revolta-los. Não he isto,
 Arcás, ainda o mais: tu não ignoras
 Que escolha fiz de Ifise para esposa,
 Ou fosse amor, ou fosse utilidade
 Do brilhante esplendor de huma alliança
 Digna de minha proxima grandeza:
 He meu rival ainda Telemaco:

Das

Das minhas pertencões elle somente
 He o unico estorvo; em fim a empreza
 De que elle morra ja por nós disposta,
 Agora mesmo em pratica se ponha:
 Falla aos que hão de ajudar-nos, que se pertendo,
 Sem perder tempo, que Estrimaco irado,
 Estavel nas tenções, em que vacilla,
 O genio vença, e o orguho abata
 De huma indifferença, contumaz Rainha:
 A seu lado contante paeza embora
 Entre nupcias acclamações, com tanto
 Que aqui Senhor pacifico me deixe:
 Reinemos; e se Ulysses dessas praias,
 Que mais distante de nós, ou de perpetua
 Escura noite de sepulcro triste,
 Ou do profundo barathro do Inferno
 Tornar á luz do dia, e oitudo queira
 Arrancar-me da fronte este diadema,
 Firme, sem balançar, nestes meus braços:
 Eu o verei primeiro, e em primeiro
 Eu o verei entre terriveis gestos,
 Lançar gemeido o ultimo suspiro:
 Não haja mais demora; eu ja não posso
 Prolongar meu unquado soffrimento:
 Hei de reinar, ou hão de aborrer todos.



ACTO SEGUNDO.

SCENA I.

Ifise, e Argina.

Ifise.

Oh quanto estas desordens me atormentão!
 Mais que de amor, de colera inflamado
 Fica meu Pai: busquemos a Rainha,
 Vejamos se podemos consola-la.

Argina.

Vós sempre acompanhais os seus desgostos
 Com os vossos suspiros. De piedade
 Qual extremo, Senhora, vos obriga
 A ter tão grande parte nos seus males?
 Podem sentir-se, podem consolar-se;
 Mas vosso terno coração não sofre
 Que não sejam comvosco repartidos:
 Tudo a Mãe pelo filho vos merece.

Ifise.

Todo o meu coração se abre contigo:
 Eu nada tenho que esconder te possa.
 Ah quantas turbacões, quantas angustias
 (Se te lembras, Argina) me cerearão
 Neste lugar! Aos pés desta Rainha
 Vi suspirar meu Pai inutilmente:
 Ella chorar de seu esposo a ausencia,
 E achar, não sei que gosto, em seus pezares
 De

De ambos erão réciprocas as queixas:
 De dor, e susto o peito me batia,
 E horrorizada deste exemplo, juro,
 Fugir de huma paixão, que o Mundo errado
 Anda chamando amor, sendo tormento;
 Mas eu temo que seja inevitavel
 Este doce veneno; Telemaco
 Mais que nenhum do meu amor he digno.
 As virtudes, as Graças o rodeão;
 E a par de seu rival aborrecido
 Realça mais o seu morecimento.
 Douz contrarios objectos me combatem:
 Ameaçada de Antinois me vejo;
 He para mim odioso; e o mesmo impulso,
 Com que fugir lhe quero arrebatada,
 Mais então para o Principe me inclina;
 Se devo, ou não deixar prender-me tanto,
 Aconselha-me tu,

Argina.

Sinceramente,

Se quereis attender-me, eu fallo, ouvi-me:
 Os corações, que penetrar se deixão
 De paixão, como a vossa, muitas vezes
 C'os bons conselhos ainda mais se irritão;
 Que amor com seus contrarios se accrescenta.
 Mas vós não conheceis o vosso engano.
 Tem por vós Telemaco ignal cuidado?
 Se tambem vos amasse, por ventura
 Teria coração para deixar-vos?

Ifise.

Se he erro amar, eu gosto do meu erro.

Ab

Ah que os suspiros seus ja me tem dito
 Seus ardentes desejos! Em seus olhos
 Mil sinaes de ternura tenho achado.
 Inda quando me lembro da suave
 Conversação, que tive so com elle....
 Elle os olhos em mim, eu nelle os olhos,
 Inquietos os séus, os meus turbados,
 Julgo que inda lhe lembro, que impossivel
 Será, que verdadeiro amor não fosse
 O seu antigo amor. Não passa instante,
 Que na minha memoria o não retrate:
 Não ha lugar, onde o Amor não finja,
 Que o encontro, que o vejo, que lhe fallo;
 E póde ser, Argina, que algum dia
 Torne a fazer meus olhos venturosos;
 Alegro a triste Ithaca, e á vista della
 Jure nas minhas mãos solemnemente
 Immortaes votos de huma fé constante.

Argina.

O coração, Senhora, de hum mancebo
 Poucas vezes he firme. Seus cuidados
 Longe de vós em outro amor se empregão.
 Ha nas Cortes da Grecia outras bellezas:
 A vista dellas, o poder da ausencia,
 O seu esquecimento, o seu silencio....

Ifise.

Argina, porque augmentas o meu pranto?
 Das esperanças de tornar á ve-lo
 Não me tires o gosto. Grandes Deoses!
 Vós, que tudo podeis, restitui-me
 O meu Principe amado, providentes

Sal-

Salvai-o dos perigos. A soberba
De sua Mãe fazei que abrandar possa;
Que aos rogos de meu Pai ceda benigna;
Que á minha fé o filho corresponda;
E que possa...

Argina.

Calai-vos, que o Rei chega!

SCENA II.

Eurimaco, Antinois, Ifise, e Argina,

Eurimaco.

NÃO... Não posso viver, se continúo
NO odio da Rainha. Não, eu quero...
Porém sois vós Ifise?... Ides acaso
Ao quarto da Rainha? Ide, fallai-lhe:
Para me ouvir seu animo disponde,
Em quanto eu a seus pés não vou pedir-lhe
Da minha injusta colera piedade.

SCENA III.

Eurimaco, e Antinois.

Antinois.

COMO póde, Senhor, a falsa gloria,
De huma esperança vã lisonjear-vos?
Não vos deixeis vencer. He sempre altivo
O genio das mulheres; e abusando
Da submissão dos homens, por systema
De hum caprichoso extremo, se encaminhão
Ao cume da soberba. A vossa grande

Re-

Reputação não sei se já padeces
 Entre os povos da Grecia. Elles murmurão;
 E o vosso injusto amor lhes dá materia.
 A vossa alma obstinada, as vis cadeias,
 Que arrastá ha tantos tempos, a constancia
 Nos continuos desprezos da Rainha,
 Nutre a sua soberba; e em seus altares,
 Ah, Senhor! Quanto temo que algum dia
 Sejais de amor a victimá funesta!
 Humá mulher querida faz estado
 De saber até aonde levar pôde
 A sua tyrannia. Despresada
 Esta ingrata, talvez que reconheça
 As suas sem-rasões, e se confunda.
 Resisti ao estímulo indiscreto
 Do vosso coração: armai o braço:
 Com seu grande poder ameaçai-a:
 Fazei por humá vez, que esta Rainha
 Ou vos ame, ou vos tema. Ambiciosa
 Talvez então, que facilmente ceda
 Ao gostoso interesse de livrar-se
 De humá triste viuvez, em que se firma
 Toda a sua soberba; que hum estado
 De dor, e luto, e de pezares cheio
 Sempre humá alma, Senhor, afflige, e cança.
 Apressai-vos....

Eurimaco.

Não ha para abrandá-la
 Neste meu coração mais que suspiros;
 Mas se vão contra mim os seus desprezos,
 Tomando nãta força... que faremos?...

Seo

Senão fugirmos della... Sim: fujamos...
 Mas ah tyranno amor! Que o teu injusto
 Poder augmenta mais os meus desejos,
 Quanto mais te resisto. Desagrados,
 Desdens, injúrias, sem-razões, soberbas.
 De novo atêa a chamma, em que me abraço;
 E ás perfeições da sua formosura
 Não sei que estranha graça lhe accrescenta.
 Tantas lagrimas tristes derramadas,
 Tantos suspiros vãos soltos ao vento
 Ja puderão ter feito na minha alma
 Impressão bem diff'rente: ja puderão
 Ter convertido as altas qualidades
 Nos defeitos mais vis: ella devia
 Ja menos agradar-me; mas de novo
 O fraco coração render se deixa:
 O seu abatimento armas empresta
 Ao seu proprio inimigo: Aquelles olhos,
 Aquelles bellos olhos, assim mesmo
 Languidos, e turbados, os sentidos,
 As potencias me encantão: vamos, vamos
 Honrar suas virtudes, e off'recer-lhe
 Huma alma terna, hum coração submisso,
 Salvar-lhe o filho, e merecer-lhe a graça.

Antinoi.

Vede que he este filho aquelle mesmo,
 De que ja contra nós na sua infancia,
 Por defender seu Reino em odio acceso
 Vimos o braço vingador armado:
 Soberbo, e melancolico affectando
 Desprezar as delicias, se entretinha...

Da

Da ambição nos mais soffregos desejos:
 Elle, vós o sabeis, do grande Ulysses
 Bem mostrou que era filho: elle mistura
 Em si o atrevimento, e o artificio:
 A' nossa mesma vista quantas vezes,
 Mal podendo fingir-se, com seus olhos
 Chegou este cruel a ameaçar-nos?
 Mas com que ardor, com que segredo, e manha
 As nossas pratas deixa, e corre á Grecia;
 Hum anno he so passado, quando intenta,
 Valendo-se de intrigas, malquistar-nos
 Com os Principes Gregos. Sim; vós mesmo
 Sabeis as causas, por que justamente
 Deveis desconfiar desta viagem:
 Vossos continuos sustos lhe preparão
 Ha muito tempo a morte: agora vede,
 Que para arrepender-vos he ja tarde:
 Ao mar, q' o tórca, ás minhas náos, q' o buscão,
 Ja não póde escapar: de qualquer modo
 A vida perde.

S C E N A IV.

Arcás, Eurimaco, e Antinois.

Arcás.

O Principe he chegado:
 Os Deoses o livrarão; e em Palacio
 Entrando encontra Eumé: como attrahida
 Do seu aspecto, a multidão do povo
 Corre de toda a parte alegre a ve-lo.

An-

Antinois.

Deoses ! Que escuto ! Telemaco vive !

Arcis.

Elle cahir devia na cillada

Junto aos rochedos de Asteris disposta ;
 Mas, Senhor, nesta ultima tormenta
 Hum esforço da sorte ainda o ampara
 Deste risco evidente ; e desviado
 Do porto, que buscava pela força
 Das ondas bravas, dos contrarios ventos
 O cabo de Forcim demanda, e toma :
 A tempestade, que o livrou da morte,
 De Corsyre os navios mette a pique ;
 E batendo nas rochas náos, e gentes,
 Gentes, e náos foi na passada noite
 Nas voragens das ondas submergido,

Antinois.

Se Telemaco conseguiu salvar-se
 Das passadas ruinas, nestas praias
 Encontrar póde o ultimo naufragio :
 Se no mar escapou, na mesma terra,
 Que ambicioso busca, novas ondas,
 Novos ventos, em fim nova tormenta
 O fará naufragar. Todo o cuidado
 Nesta causa commua tenha posto :
 Eu hei de proseguir.

Eurimaco.

Ah ! Respeitemos

A fortuna de hum Principe, que chega
 A ser hoje dos Deoses tão querido :
 Não derramemos o estimavel sangue,

Que

Que tem dos altos Reis da antiga Grecia.

Antinois.

Pois quereis perdoar a hum temerario
Mancebo em damno vosso? Se o arrojo
Lhe não embaraçamos, quanto temo
Que as suas proprias mãos no nosso sangue
Inda a manchar se atreva. Sim, bem pôde
Convocar vinte Reis em seu auxilio:
Ah, mostra Telemaco, antes que os chame.

S C E N A V.

Telemaco, Eumé, Eurimaco, Antinois, e Arcas.

Eurimaco.

Que prazer não será para a Rainha,
E para mim que gosto, ver que o pranto,
Que até agora verteo na vossa ausencia,
Torna a correr de gosto á vossa vista!
Muitas vezes tememos que Neptuno
Irado, perseguindo o Pai, e o filho,
Para sempre de nós os apartasse;
Mas forão nossas súplicas ouvidas;
Dia tão felizmente sinalado
A Epoca fará dos nossos tempos.

Telemaco.

Senhor, muito vos devo; mas não posso
Conhecer donde nasce esta mudança,
Que tanto me surprende? Quem dirige,
E governa estes povos? Que attentados,
Que violencias são estas? Quem se atreve
Ser contra minha Mãe, e os meus domínios?

A minha ausencia, e de meu Pai a falta
 O desbocado monstro da injustiça
 Tem posto em liberdade; e se na morte
 De hum grande Rei se funda, seus direitos
 Nestas mãos, inda reinão; e o seu nome
 Em mim torna a viver. Minha presença
 Funesta vos será. Estes rebeldes,
 Perjuros corações, lembrar-se devem,
 Que seu Príncipe sou; que posso, e venho
 Punir severamente os seus delictos.

Anticipois.

Não sei que haja, Senhor, causa bastante,
 Para que a vossa colera vos mova
 A tão duro castigo; porém temo
 Que hoje vejais sem fruto a vossa idéa,
 Assim como he sem causa. As vossas queixas
 Contra quem são? Queixai-vos da Rainha,
 Que entreteve, e irritou com vãs palavras.
 Mil Principes, que a buscão? Mas vós mesmo
 Influi na eleição, que fazer deve:
 Vede, que he tempo em fim...

Telemaco.

Vós deveis todos

Calar, e obedecer; não condemnando
 As suas voluntárias resistencias.
 A hum escolha violenta não se obriga
 A vontade Real. Obedecendo
 Deveis so esperar que ella resolva:
 Em tantas pertencções, em fim so ella
 A'rbitra pôde ser do seu Destino;
 Mas eu não deixarei impunemente,

A

Que

Que da sua , e da minha descendencia
 Se offusque o esplendor, e a Magestade:
 Por sustentar o meu poder supremo,
 Começarei por vós, se for preciso,
 A mostrar que hum vassallo....

Antinois.

Telemaco,

Mui colerico estais. Principe! Vede
 Que hum vassallo, como eu, de nada teme:
 E muito menos de huma authoridade
 Inda tão mal segura. Este projecto
 Póde ser de funesta consequencia.

S C E N A VI.

Telemaco, Eurimaco, e Eumé.

Telemaco.

NAõ seria Antinois tão temerario,
 Se a vossa protecção não influisse
 No seu atrevimento. Encontro cheio
 De guardas estrangeiras o meu Paço;
 E nelle minha Mãe como captiva:
 Eu vejo os meus legitimos vassallos
 Gemer, e suspirar. Que festa, e jogos
 Apparelhando estais? Que nova pompa
 Se dispõe nestes sitios? Eu não venho
 Interromper as vossas alegrias;
 Mas vós deveis deixar-nos em sossego,
 E ir fazer em vossas estas festas.

Eurimaco.

Que grande coração! Principe, eu tenho
Tom. II. L H61)

Horror á injustiça. A razão pede ;
 Que hoje sinceramente vos informe
 Dos meus designios todos. O meu braço
 Deste sitio cem Principes tyrannos
 Competidores meus , contrarios vossos
 Fez desaparecer , porque aspirando
 Ao amor da Rainha , desolavão
 Com as armas na mão vossos Estados ;
 E em fim eu so a sua mão mereço.
 Desposado com ella , irei contente :
 Os devidos direitos , que vos tocão ,
 Usurpados por mim , vos restituo :
 A ser feliz , oh Principe , ajudai-me :
 Vós sabeis que a Rainha , a quem eu amo ;
 Para me dar o premio , que mereço ,
 Não esperava mais que a vossa vinda :
 Neste dia ditoso concertemos
 Huma perpetua paz. He morto Ulysses :
 Eu ja me esqueço do meu odio antigo :
 Entre os contrarios meus elle occupava
 O primeiro lugar ; mas da Rainha
 Unicamente em vós o filho vejo :
 Com minha filha está. Ide , fallai-lhe
 Nesta doce união , que inda mais firme
 Póde ficar por meio de outros laços :
 Consultai os internos sentimentos
 Do vosso coração , que o meu he vosso.
 Eu vos deixo ... (1)

(1). Vai-se.

SCE

S C E N A VII.

Telemaco, e Eumé.

Telemaco.

Que sorte me destina
Vir a este lugar? De que projectos
Acharei a Rainha? Respondei-me,
Que o Oraculo sois unicamente,
Que posso consultar. Diante d'ella
Como hei de conduzir-me? Será certo,
Que a reduzisse o tempo a ser mudavel?
Não he isto de hum Principe tyranno
Huma injusta violencia? E eu não posso
Armar em meu favor todos os Gregos?

Eumé.

Ah, Senhor! Que farão os seus soccorros?
Evitar as ruinas, que ameação
A consternada Ithaca. As esperanças
De Eurimaco animai; e do tyranno
Dissimulai a falta de respeito.
Eu sei, Senhor, que vós nunca pudestes
Esconder a ternura, com que Ifise
Sujeitou a vossa alma: Eu tenho visto,
A pezar vosso, quanto amor vos deve.

Telemaco.

Ah meu querido Eumé, eu me envergonho
De que amor me domine. Pelo odio,
Que injustamente tenho ao Rei de Sámoa,
De Ifise quiz fugir, imaginando

Já rotas as cadeias; mas de balde
 Os meus projectos são, pois tornò agora
 Inda mais prezo dellas. Não sei aonde
 Levarei meus desejos insensatos!
 Que contrarios affectos me perturbão!...
 Creio que vejo Ifise... Eu fujo... Eu paro...
 Vós buscai minha Mãe, e preveni-a
 Sobre as tristes noticias, que me ouvistes,
 Que eu vos sigo.

S C E N A VIII.

Telemaco, e Ifise.

Telemaco.

NO mal, que me atormenta,
 Hum favoravel, hum benigno aspecto
 Ainda o Ceo me mostra. Os mais tyrannos,
 E injuriosos golpes da Fortuna
 Ao divino poder dos vossos olhos
 Cedem, bella Princeza. Os meus desgostos
 A' vossa amavel vista affugentados....

Ifise.

Senhor, vossa partida arrebatada,
 Occulta, e imprevisita; este silencio,
 Esta demora, tudo me tem dito,
 Que os meus olhos comvosco nada podem:
 Eu ja vos esqueci: toda a vossa alma,
 De mais doces idéas está cheia:
 As bellas Damas de Micena, e Esparta
 São os vossos cuidados....

Telemaco.

Ah Senhora!

Onde vos levão vossas vans suspeitas?
 Minhas obrigações indispensáveis
 Me apartarão de vós; e era preciso
 Ou partir, ou morrer ás vossas plantas;
 Hum indigno descanço escurecia
 A gloria do meu nome. Os arriscados
 Trabalhos de meu Pai continuamente
 A' minha triste idéa se propunhão:
 Parti a procura-lo, e vagabundo,
 Pintando n'alma sempre a vossa imagem,
 Aonde quer que vou, ides comigo:
 Longe de vós de novo a cada instante
 Do meu amor mais digna vos achava.
 Eu volto, eu chego, e a buscar-vos torno.
 Mas como ainda apparecer vos posso?...
 Eu ja não sou senhor dos meus Estados!
 De que tristes objectos os meus olhos
 Não são feridos! Vergonhosamente
 Postos em sujeição os meus vassallos!...
 Os meus Regios direitos offendidos!...
 Mais que nunca tratemos de vingança
 Contra o mesmo Eurimaco...

Ifise.

Ah que projectos

Tão tristes concebeis! Deliberada
 Ja fica vossa Mãe por hum conselho
 Saudavel ao Reino, a vós, e a ella.
 Deixei-a resolvida a esta escolha,
 Attendendo á demora, e ás muitas vezes,
 Que

Que fora differida, Ide: buscai-a
 Mas ella chega: Vede como prova
 Na sua impaciencia o seu affecto!
 Senhor, ide apressar este momento
 De nós tão desejado. Venturosos,
 Se o permittis, seremos. (1)

SCENA IX.

Penelope, Telemaco, Ericlea, e Eumê.

Penelope.

AH meu filho!
 Permittê o Coo em fim, que eu torne a ver-vos!
 Mas ah! Com que amargura he misturada
 Esta minha alegria! De tão longa
 Trabalhosa viagem, qu'he do fruto?
 Do Destino de Ulysses informai-me.

Telemaco.

Por todas essas partes do Universo
 Ouvi mil vezes do seu nome a Fama;
 Porém todas, Senhor, ao mesmo tempo
 Chorão a sua morte. Na deserta
 Praia Siciliana, q' destrougado
 Resto dos seus navios a infamada
 Caribdes arrojou. Meus tristes olhos,
 Ainda mal! Que testemunhas serão
 Do seu fatal, e ultimo Destino!
 O valor, e a prudencia não puderão
 Salvar tão grande Heroe: ja não podemos

Du

(1)

Vai-se.

Duvidar de huma perda tão funesta,
 Nem delle nos ficou mais que a memoria
 Do seu eterno, e respeitavel nome.

Penelope.

Em fim, meu filho, ja não vive? He certo? ...
 O Ceo o permittio? Da sua vinda
 São estas as promessas? Que impiedade!
 Onde acharei a sua amavel cinza?
 Morreu o meu Ulysses, e não pude
 Ir com elle abraçada á sepultura?

Telemaco.

O vosso coração ha muito tempo
 Prevenio este golpe, e não devia
 Resistir-lhe tão pouco; e mesmo tempo,
 Póde tirar-lhe parte da violencia:
 Dai, Senhora, huma prova, de constancia,
 Que distingua a vossa alma; toda a Grecia
 Outra Sorte mais fausta vos deseja.

Penelope.

Ah meu amado filho! Hum tal esposo
 Digno será de copioso pranto,
 Em quanto eu tiver lagrimas nos olhos,
 Em quanto houverem lagrimas no Mundo.
 E por vós, Telemaco! Por vós mesmo,
 Ah quantas vezes! Chorarás ainda?
 De hum filho a vida, de hum esposo a morte,
 A hum tempo choro, e temo. Ah! que não posso
 Chegar a ver-vos sem tremer de susto.

Telemaco.

Não cuideis mais que em yós: não vos assiste,
 Senhora, a minha morte; este consorcio

Eu.

Eurimaco pertende, porquê possa,
 Sem vos fazer violencia, ao seu Destino
 Unir a vossa Sorte. Por ventura
 Em vão esperará? Fallai, proponde
 Ao vosso coração estes designios:
 Resolva elle, porque he so quem pôde.
 Vós sois Rainha livre: de vós mesma
 A unica senhora: e esta escolha,
 De que a prompta resposta se vos pede,
 Vós podeis rejectar. Meu Pai me falla
 Ainda ao coração, e diz, que devo
 Seguir o seu exemplo: os elogios,
 Que deste Rei magnanimo se contão,
 Não são mais que lições recommendaveis
 De conservar a verdadeira gloria
 De combater por vós; e os mesmos Gregos,
 Que seu braço vingou em nosso amparo,
 As armas tomarão.

Penelope.

Ah que mui perto
 Está, meu filho, o golpe do ameaço!
 A vossa audácia contra o Rei de Samos
 Por ora reprimi: vedê-o, dizei-lhe...
 Sim... que pôde nutrir inda a esperança...
 Que espere... Em fim, que eu posso declarar-me
 A seu favor; e em tanto segurai-vos
 No amor destes vassallos, que vos forão
 Até agora fleis; vossos amigos
 Prudente convocai; e do tyranno
 Coração de Antimão detende a ira:
 Desconfiai de todos; e somente

Acreditaí Eumé. Ide, apressai-vos:
Fazei-vos ver do povo.

Telemaco.

Sim, eu parto
A examinar os animos daquelles,
De quem me hei de fiar; e sendo prestes
A defender-vos, tornarei, Senhora.

S C E N A X.

Penelope, e Ericlea.

Penelope.

Que disse! Que farei! Oh desgraçada
Rainha mais que todas! Ah meu filho!
A colera evitarei deste tyranno:
Podem os meus repudios novamente
Contra mim, contra vós desafiar-la.

Ericlea.

Oh Deoses! Se este Rei desenganado
A vingança renova: e se a violencia
Do soberbo Antinois aoaso segue,
Aonde irão; aonde irão, Senhora,
Seus impetos crueis? Ah que os deveres
De Mãe, de esposa, e de Rainha pelem
Humã condescendencia prompta, e firme
A's leis de vosso Pai, que vos ordena
Este novo hymeneo.

Penelope.

Hymeneo triste!

Todos protegem de Eurimaco a causa.
Mas ai triste de mim! A lei paterna

Me

Me liga há muito tempo: de meu filho
 Os interesses clamão, e a precisa
 Tranquillidade deste Reino o pede:
 Eu prometti, meus povos esperarão....
 E ainda em vão esperão, que não deve
 Este meu coração ja consenti-lo.
 Vizinhos mares, que escutais meu pranto,
 Encapellai, enfurecei as ondas;
 Vinde buscar-me, sepultai-me nellas.
 Oh feros Aquilões! Sobre essas praias
 Ide juntar a minha triste sombra
 A' sombra errante do meu caro esposo:
 Acabaj....

Ericlea.

Ah, Senhora! Telemaco
 De outros prompts soccorros necessita:
 De hum tão querido filho o doce nome
 Vós deveis conservar...

Penelopa.

Ah! como?... Eu posso?
 Reinará so Ulysses na minha alma;
 Eu levarei ao centro dos abysmos,
 Ah meu amado Ulysses! O bom nome
 De tua digna esposa; para sempre
 Se hã de unir nossos nomes, repartindo
 As honras entre nós; do meu affecto
 A constancia immortal fará que seja
 Igual a minha gloria á gloria tua.

Ericlea.

A seu filho attendei: do grande Ulysses
 Fazei que nelle se renove a fama.

Que

Que ha de ser deste Principe? Vós mesma
Tereis valor de o condemnar á morte.

Penelope.

Oh grande Deosa, que respeita Ithaca!
Sacrosanta Minerva! Telemaco
Já em mim não tem Mãi: por vossa conta
O seu Destino corra. Sim, dignai-vos
De lhe servir de Mãi. Ah! Vamos, vamos
Perder a vida junto a seus Altares.



ACTO TERCEIRO.

SCENA I.

Ulysses só.

IMortal Deosa! Cujá luz brilhante
Ha tantos tempos os meus passos guia,
A minha alma allumea! Em fim, são estes
Os patrios horizontes?... São de Ithaca
Os ares, que respiro?... Eu sonho? ou vejo?...
São estes os lugares, onde abrindo
Os olhos, pude ver os resplandores
Do meu primeiro dia?... He este o Paço?...
He esta a porta?... As praias serão estas?
De quem continuamente ante meus olhos
A imagem sempre andava? Que transporte?
Que occulta força o coração me agita,
O sangue me perturba! Amados sitios!

Afin.

Ainda conservais as preciosas
 Prendas, que busca em vós o meu desejo;
 E que em tão longa ausencia receava
 Não ver ja mais? A's portas de Palacio
 Guardas desconhecidas! Povo estranho!....
 Não sei que me annuncia! Que festivos
 Nupciaes apparatus serão estes?...
 Já eu esquecerei!..., Será possível
 Que ja não me esperassem!... Tudo excita
 A minha turbação... Eu ja não tenho
 Onde firmar a minha confiança:
 Meu passo errante... minha vista incerta...
 Ah! não ousa a informar-me das desgraças,
 Que têm, e que me assustão! Surpreendido...
 Porém hum vulto chega... Eumé parece...
 He Eumé. Provaremos o seu zelo.

S C E N A II.

Ulysses, e Eumé.

Eumé.

Consevai a Rainha, Ceos piedosos!
 Deoses! Com mão benigna preservai-a
 Das desgraças, que a cercão, permittindo
 Que hoje mesmo este Principe adorado
 Servir-lhe possa de seguro asylo.

Ulysses.

Senhor, estamos sós; fallar podemos.
 Se acaso sois Eumé, cujas virtudes
 Ulysses tanto amou, hum desgraçado,
 A quem o mar, e os ventos arrojárão

Nau-

Naufrago a estas praias, conhecido
Do vosso Rei, bem pôde sem receio
Chegar-se a vós, pedir acolhimento.

Eumé.

Quanto sou, quanto posso, em vosso auxilio
Podeis seguramente prometter-vos.

Ulysses.

Tudo quanto aqui vejo me suspende!
Outros estes lugares me parecem.

Eumé.

Aqui ja n'outro tempo o sabio Ulysses
Fez reinar a virtude, amar-se a gloria,
Florêçer a abundancia; mas a triste
Ausencia deste Principe famoso
Produzio de repente huma funesta
Mudança para nós. Se o conhecestes,
Como dizeis, chorai a nossa perda,
Chorai tal Rei.

Ulysses.

Penelope, e Laertes,
Onde estão? Que he feito de seu filho?

Eumé.

A triste narração dos seus trabalhos
Pede mais largo tempo. Eu sei que vivem;
Mas ah, Senhor! Que o seu fatal Destino,...

Ulysses.

Falla-se do consorcio da Rainha?

Eumé.

Eurimaco a pertende por esposa.

Ulysses.

Por esposa! Eurimaco!... Que dissestes!...

Acon-

Aconselhaste-a vós? Ella consente?...
 Ja Ulysses tão poneb amor vos deve?

Eumé.

Os Deoses todos do sagrado Olympo
 São testemunhas do meu zelo ardente.
 A incrível constancia da Rainha,
 Que será do seu sexo o exemplo, a gloria
 Aborrece hymeneo; mas a Coroa,
 É a vida de seu filho importa muito
 Que ella segure á custa deste preço.

Ulysses.

Senhor, de seus tyrannos a injustiça
 Não de os Ceos confundir. O seu soccorro
 Novamente imprecai, que elles bem podem
 O vosso amado Rei restituir-vos.
 Ulysses não morreo.

Eumé.

Ah! Que mil-vezes

Dessa mesma esperança lisonjeira
 Temos sido enganados. Mas o tempo,
 A sombra vã da nossa falsa gloria;
 Qual passageiro sonho, dissipando,
 Como d'antes cheramos nossos males.

Ulysses.

• Crede-me que elle vive, e que elle torna;
 E pelos Deoses, se he preciso, o juro.

Eumé.

Que ainda torne a ver será possível
 O meu Senhor, o meu Monarca Augusto?

Ulysses.

• E se o virdes!... Será o vosso zelo.

Capaz de o defender contra os assaltos
Da Fortuna cruel!... Tereis constancia
De morrer a seu lado?

Eumé.

Ah que Fortuna!
Este peito, este braço, em fim por elle
Todo o meu sangue...

Ulysses.

Pois abri os olhos:
Este he o vosso Ulysses: Conhecei-lo?

Eumé.

Ah! Que esulto?... Que vejo?... O' Ceos!
Ulysses!...

Sereis vós? Esse traje... Essa mudança...
O meu espanto... O meu contentamento...
Ah, Senhor, perdoai, se duvidoso...
Mas os Deoses piedosos vos salvarão.

Ulysses.

Olhai que podem ver-vos: levantai-vos.

Eumé.

Quem ha de crer que o vingador de Troia
Entra em seu Reino so desconhecido,
Sem tropas, e sem náos! Esses guerreiros,
Que debaixo dos vossos estendartes
Comvosco forão, onde estão? Qu'he delles?

Ulysses.

Não tornarão a ver a sua Patria.
Os seus honrados ossos para sempre
Por ondas bravas, por agudos ferros,
Huns sepultados, outros destruidos,
Heroicamente as vidas acabarão.

O longo sitio da abrazada Troya ,
 Os riscos , e os assaltos não tem sido ,
 Mais que huma breve sombra, hum breve ensaio
 Dos meus duros trabalhos. Ha dous lustros,
 Que vagabundo por chegar a Ithaca
 As ondas forço , e'os Destinos luto :
 E de todos os meus eu pude apenas
 Sahir com vida. E praza aos justos Deoses ,
 Que de tamanhos males se contentem !
 Pois ainda posso ser d'outros maiores
 Accommettido aqui. Dai-me a certeza
 Dos que deve esperar : fallai sem susto.

Eumé.

Na vossa larga ausencia apparecerão
 Cem Príncipes rivaes , e ambiciosos
 De dous objectos igualmente grandes ;
 O throno , e a formosura da Rainha.
 Ao público rumor da vossa perda
 Tomarão nova força ; e dividida
 Em diferentes facções , foi desolada
 A infeliz Ithaca. Em vão me opponho
 A seu orgulho. O Principe mancebo . . .
 O decrepito , e tremulo Laertes
 Ja inclinado sobre a sepultura ,
 O povo ha tanto tempo entorpecido
 Na molle ociosidade , não podião
 Rebater dos tyrannos a violencia :
 So em vós esperavamos. Afflictos ,
 E sem cessar , pediamos aos Deoses ,
 Que vos trouxessem a vingar severo
 Estes atrevimentos. Mil noticias

Infaustas, e confusas perturbavão
 As noſſas esperanças; mas a triste,
 A constante Rainha ás importunas
 Pertencções destes Principes apenas
 Respondia com lagrimas: seu filho
 Ella creava entre os seus trabalhos,
 Nem a força do tempo, que costuma
 Diminuir a pena mais sensivel,
 Nem ricos apparatus, nem pomposas
 Imagens de festejos exquisitos,
 Grandes promessas, feros ameaços,
 Em fim, quantas industrias, quantos modos
 Tem inventado Amor para vingança
 Dos mais rebeldes corações, não pôde
 Nem reduzi-la a que escolhesse Esposo,
 Nem adoçar-lhe a mágoa. Ella fingia
 Vacillar na eleição dos pertendentes,
 Inda a pezar da paternal vontade
 Assignalava hum dia; porém nunca
 Esse dia chegou. Té que Eurimaco
 Cançado ja da sua resistencia,
 Entra em Ithaca, e o poder lhe usurpa:
 De Antinois apoiado este invejoso,
 Sem respeitar as Leis, temer os Deoses,
 Da reclusa Rainha o triste pranto
 Despreza altivo, e lhe propõe severo
 Hymeneo, ou a morte...

Ulysses.

Que virtude!

Oh que fiel igual correspondencia
 Não produces, Amor; n'um'alma grande!

Tom. II.

M

Que

Que bem pagados são tantos extremos
 De constancia, de amor, e de saudade!
 Benignos Climas, virações suaves,
 Estranhas formosuras, mil prazeres,
 Que as almas nos encantão, não poderão
 Ja mais da minha Ithaca hum so momento
 Esquecer a memoria. Oh grandes Deoses!...
 Quem haverá que o creia! Os meus vassallos,
 A quem de tanta utilidade enchêrão
 Estas mãos bemfeitoras, tão depressa
 Riscarão da lembrança o amor, a gloria,
 E o nome, que me devem? Que abandonem
 A sua Soberana! E que consintão
 Que no seu mesmo Paço afflictta gema!
 Os Gregos, que eu salvei, não a ajudarão?
 E meu filho?

Eumé.

Senhor, heroicamente
 Seguirá seus Destinos. O seu alto
 Augusto nascimento ja lhe suppre
 A sua pouca idade; e a pezar della,
 Conhecendo a grandeza de sua alma,
 Cheio de heroico ardor nos deixa, e parte
 Solícito a buscar-vos: humas vezes
 Contra seus inimigos preparando
 Huma exemplar vingança, suspirava
 Pela vossa presença; e outras vezes
 Para os punir a todos discorria,
 Que bastava so elle. Inutilmente
 Com molles passatempos procuravão
 Affeminar-lhe o espirito guerreiro.

Com

Com que por toda a parte prevenia
 Os futuros, e proximos enganos.
 Mas de que iguaes perigos vos não vejo
 Ambos ameaçados! A Fortuna
 Inda ao lado se põe desses,
 Inda o odio nos animos lhe ferve:
 Temo que ambos sejais de seus furores
 A victima cruenta. Eu não descubro
 Mais que desgraças. Sim: Vossos vassallos,
 Tendo faltado á fé, que vos jurarão,
 Por hum chefe traidor favorecidos,
 Para vós olharão, como quem olha
 Para hum Juiz severo, e de medrosos
 Ao horror passarão de rebellados.

Ulysses.

Qual he o grão Destino dos famosos
 Vencedores de Troia? Destruida
 Dos nobres Gregos a triumphante armada,
 Foi pela mão dos Deoses vingadores:
 Não ha no largo mar nem dous rochedos,
 Medonhas Syrtes, perigosos baixos,
 Que de algum dos meus tristes companheiros
 Sepultura não fosse. Ajax valente
 Da mão de Jove, que fulmina os raios,
 Cahe sobre as ondas reduzido a cinzas:
 O grande Agamemnon voltando a Argos,
 Por sua mesma Esposa enfurecida,
 Se vio assassinado; porém veio
 Sobre mim toda a colera celeste:
 De mar em mar as ondas me desprezo
 A' discrição dos ventos. Tudo quanto

Em si o Mundo tem de monstros feros;
 Eu tenho visto na comprida serie
 Dos meus famosos, mas crueis trabalhos:
 Depois de ter desafiado affeito
 Mil atrevidas mortes; ter vencido
 Lestrygões feros, barbaros Cyclopes,
 Carybdes, e Sereas arriscadas;
 Depois de sahir livre dos abysmos
 De fundas ondas, de sertões selvagens;
 Depois em fin de triumphar constante
 Das graves sombras do medonho Averno,
 Cuidando sér ja tempo, em que me fosse
 Mostrada a minha Patria, então conheço
 Que para novos riscos sou guardado,
 Pois não acabão, quando os homens cuidão.
 Passando vou do Mundo estranhos Climas,
 Novas Ilhas, incognitas areias;
 Depois de largos, e de incertos rumos,
 La onde a terra acaba, e o mar começa,
 Principio dou á fundação, que o nome
 Tem de Ulysea, por memoria minha:
 Dalli saio outra vez cortando os mares,
 Guiado do desejo, e da esperança
 De ver Ithaca....

Eumé.

Mas Senhor! Eu pasmo
 De maravilhas taes! Dai-me licença
 Que eu tome a liberdade de pedir-vos
 Narração mais inteira, dessa nova
 Cidade, que fundastes. Que Destinos
 Vos fizeram tomar tamanha empreza?

Ulys-

Ulys-

Ulysses.

Eumé, posto que o tempo, e as circumstancias
Da triste situação, em que nos vemos,
O não permite, e nos será sensível
A perda de hum instante, eu vos resumo
Este grande successo. Navegava
O mar Tyrreno, quando me apparece
A sagrada Minerva; e reclinando
Airoosamente o corpo sobre a lança,
Me diz: *Vai-te do Tejo á grão corrente,*
De par em par as portas Herculanias
Eu te porei patentes; e assoprando
Benignos ventos, te encherão as vélas:
Alli os Deoses querem que tu sejas
O grande Fundador de huma Cidade,
Patria de altos Varões, que do alto assento
Ainda estão por vir. Terá Monarcas
Dignos herdeiros, dignos successores
Da tua fama, e gloria. A quantas gentes
Barbaras, e remotas gira, e banha
O Nilo, e o Ganges, o Hydaspe, e o Indo,
Porá com mão pezada hum duro freio.
Terá varios Destinos, que costumão
Encadear os tempos. Hum theatro
Dós tragicos successos da Fortuna
Será em fim; e as inclytas muralhas,
Que vás erguer, Ulysses, algum dia,
Essas mesmas muralhas, arrazadas
Por mão dos homens não, por mão dos Deoses;
Por terra cairão em pó desfeitas.
Esta Troia feliz, que erguer te mandão,
Nã

Não ficará, como essa que abrazaste
 Sepultada em si mesma. O braço forte
 Do maior dos mortaes, a pouco e pouco
 Pela mão a erguerá d'entre as ruínas
 De não mais formosa; e virá tempo,
 Que á sombra dos altissimos Carvalhos
 Sobre as margens auríferas do Tejo
 A's pacíficas Leis, aos são costumes,
 Gostosos cantarão os seus Pastores
 Devotos Psalmos, sacrosantos Hymnos.
 Ditas gerações da Lusa gente,
 Que tão dourados tempos alcançarem!
 Este famoso Heroe, este Homem grande,
 Ao mesmò tempo Filho, e Pai da Patria,
 Melhor Meccenas de mais alto Augusto,
 As delicias fará dessa Cidade,
 A quem porás o nome de Ulysea
 Em honra do teu nome. Disse; e logo
 Espargio sobre nós Nectar Divino
 Do meio dia os ventos assopravão
 Favoraveis ás náos; e obediente,
 Da' bellicosa Hesperia discorrendo
 As maritimas costas, entro alegre
 Pela desconhecida foz do Tejo.
 A' Deosa erijo hum Templo, e nelle invoco
 Sábias inspirações, que me ajudassem
 A começar a empresa. Hum porto amigo
 Ao principio encontrei: as gentes erão
 De peito, e trato humano; mas desperas,
 E quasi errantes pelo monte andavão:
 Mal reparadas do rigor do tempo

Em humildes cabanas, se entretinhão.
Em lutas, e exercicios vigorosos.
Com minha pouca gente dou principio
A' fabrica soberba; os muros crescem,
Ruas se abrião, Praças se alargavão,
Fervia a obra, e em toda a parte soão
Os golpes dos machados, e as sonoras
Roldanas, e carretas; mas tocado
Gorgoris de ambição, e de ciume
Desta alta empreza, a gloria me disputa:
Assustado temia, que eu pudesse
Reinar na Lusitania. O nobre Adraço
Socorro me offerece; e eu acudindo
A' guerra, e ao trabalho, a pezar della
Via crescer a florecente planta,
Que á custa do meu sangue dispuzera:
Até que em fim ás minhas mãos acaba
O atrevido Gorgoris. Victoria,
Victoria por Ulysses clamão todos:
Mando erigir de transporte jaspe
Hum soberbo padrão com esta letra:
Ulysea, de Ulysses, tome o nome:
E Ulysses, de Ulysea, leva a gloria.
Manda-me a Deosa, que me parta, e siga
O caminho de Ithaca: aos mares torno,
Torne a ver os lugares, que deixára:
De Corcyre ao vizinho porto chego
Quasi alagado: off'recem-me navios,
O vento me ajudava; e desfraldando
A véla, a todo o panno corro; e á vista
Da suspirada Ithaca chego; e tomão

As cabeças da hydra a renovar-se.
 Após de huma tormenta, outra tormenta
 Erão so dos meus olhos os objectos,
 Não posso tomar porto; e impellido
 Pela força dos ventos sobre as praias,
 Sobre estas mesmas praias, que eu buscava
 Ha tantos tempos, naufragando todos,
 Escapo eu so por milagroso impulso
 Da Deosa, que me ampara, e que me ordena,
 A meu pezar, a minha vinda occulte.
 E apparecer em tal estado posso
 A' Rainha! A meu filho! Não: não devo,
 Que a desgraça, em que estou, inda a teus olhos
 Tem feito por teu Rei desconhecer-me;
 Mas vê se ha corações, onde o meu nome
 Inda imprimir se possa. Vê se acaso
 Inda tenho vassallos, que me sigão:
 Minha proxima vinda lhes promette;
 Verei, Eumé, que idéas formar posso:
 Tomarei meu conselho, que as fortunas
 Humanas são falliveis; e no Mundo
 Sempre vai alternando o tempo iroso
 O bem co' mal, o gosto co' a tristeza;
 Mas primeiro he preciso ouvir meu filho,
 Dize-lhe, que tem gosto de fallar-lhe
 Hum Estrangeiro, que chegou a Ithaca;
 Porém nem o temor, nem a esperança
 Seja quem o conduza.

Eumé.

Vosso filho

Ha de vir logo ao quarto da Rainha,

Ja não pôde tardar... Mas elle chega.

Ulysses.

Oh suspirado instante! Oh vista amavel!
 Mas he preciso que de Pai o affecto
 Agora dissimule: de meu filho
 Não saberão ainda os poucos annos
 Manejar importantes interesses.

S C E N A III.

Telemaco, Ulysses, e Eumé.

Eumé.

Este illustre Estrangeiro, que vos manda
 O Ceo piedoso, acompanhou na guerra
 De Troya a vosso Pai: elle so pôde
 Do Destino de Ulysses informar-vos:
 Credito deveis dar-lhe; e faz-se digno
 Do vosso amor, do vosso acolhimento.

Telemaco.

Bem. Illustre Estrangeiro, descrevei-me
 Desse Heroe as virtudes: declarai-me
 Sua funesta morte.

Ulysses.

Inda respira

O grande Ulysses. Eu me persuadia
 Que ja dentro de Ithaca descansava.

Telemaco.

Oh Deoses immortaes! Elle não vive
 Mais, que em nossa memoria. Quantas vezes
 Minha Mãe com as lagrimas nos olhos
 Suas acções heroicas me contava!

Des-

Desde os primeiros annos, costumado
 A ouvir de seu nome o éco, e a Fama,
 Cheio de assombro respeitava nelle
 O mais perfeito, o maior Rei do Mundo:
 Debalde os meus desejos me estimulão
 A hobrear com elle. Do alto exemplo,
 Que me deixou, eu vejo mui distante
 A minha tenra, e froxa mocidade.
 Ah se eu tivesse sido alimentado
 Com seus sabios conselhos, eu fizera
 Acções somente dignas de seu filho!
 E póde ser que elle chegasse alegre
 A ver por meu esforço n'algum dia
 Os triumphos de Troya renovados;
 Mas os Fados tyrannos, que o roubárão,
 Nem se quer derramar nos consentirão
 Sobre o cadaver seu o nosso pranto.

Ulysses.

Ah que a minha ternura ja não póde
 Aqni dissimular-se! Que alegria!
 Que gloria! Que vaidade não resulta
 A vosso Pai, Senhor, vendo hum tal filho!
 Não duvides que os Deoses nada possão
 Traze-lo aos vossos olhos: elle vive:
 Vós o vereis bem cedo.

Telemaco.

Oh que suave,
 Que occulta força me surprende, e encanta!
 De vós tudo confio, tudo espero:
 Não sei com que cadeias me ligastes
 Todo o meu coração, toda a minha alma!
 Sou

Sou obrigado a crer: ja não resisto:
 Esperai, se for certa esta noticia,
 Esperai huma digna recompensa,
 Igual ao bem, que o Ceo nos annuncia;
 Não dilatei a minha Mãe o allivio
 Desta doce esperanza, que so pôde
 Nos tristes olhos enxugar-lhe o pranto.

Eumé.

Importa muito não fazer estrondo.

Telemaco.

Mas onde está o Rei? Dizei. Que tempo?....
 Onde o deixastes?

Ulysses.

So dizer-vos posso,
 Que não ha muito tempo, que foi visto
 Na Ilha de Corcyre, e que ficava
 Aprestando a viagem para Ithaca.

Telemaco.

O favoravel vento em paz o traga.
 Queirão os Ceos!

Eumé.

Senhor, este Estrangeiro
 Péde ser aos tyrannos suspeito,
 De tudo desconfião. Nós devemos
 Temer, e evitar qualquer violencia,
 Que intentem contra elle. No meu quarto
 Sem susurro, ou suspeitas instruido
 Sereis com mais socego; sobre o caso
 Resolveremos com maduro acordo.

Telemaco.

Sim, ja vos sigo: ide esperar-me ambos. (1)
 Mas ai de mim! A bella Ifise vejo,
 E não posso fugir-lhe. Que forçoso
 Encanto he este, que me prende, e arrasta!

S C E N A . IV.

Ifise, e Telemaco.

Ifise.

PReveni o attentado, que prepara
 O soberbo Antinois: mostre-se ao povo
 A Rainha, Senhor, e se declare:
 Elle instiga meu Pai: com importunas
 Razões elle o accusa: elle o convence
 De froxo, e de insensível: põe-lhe á vista
 De huma esperança o manifesto engano:
 Ja de meu Pai no coração não cabe,
 Ja trasborda a paciencia. Da Fortuna,
 Que ha tempo espera, a segurança
 Quer hoje da Rainha. Elle me manda
 Que a busque, e que lhe falle: vamos, vamos
 Apressar este praso suspirado,
 Que o povo junto em alta voz o pede.

Telemaco.

Justamente a Rainha o difficulta:
 Ha razões invenciveis: nem eu devo
 O Regio-alvedrio constranger-lhe.

Ifise.

Porque, Senhor, Ulysses não he morto?

Que

(1) - Vai-se Ulysses, e Eumé.

Que razão tão contraria quebrar pôde
 A promessa Real? Vós conseguistes
 Não se render-lhe o animo obstinado,
 Mas com a vossa vinda desejada
 Espalhar sobre nós tanta alegria.
 E sereis vós quem della nos separe?

Telemaco.

Crede, bella Príncipeza, que vos amo,
 E que nunca amei tanto. Mas, Senhora
 De si mesma, a Rainha he so quem pôde
 Deliberar; e de meu Pai a vinda
 Permitti-lhe que espere, e que se veja.
 Se he verdade, que Ulysses inda vive;
 Se os Deoses o livrarão; se inda querem
 Restitui-lo em paz aos nossos olhos.

Ifise.

Inda desta esperança mentirosa
 Vos deixais enganar? Inda cançado
 Não estais de soffrer os impostores,
 Que vos enganão, que nos lisonjeão
 Com largas narrações, com vans promessas?
 Inda sereis tão credulo, tão facil,
 Que haja algum homem, que de vós abuse?
 Por ventura será esse Estrangeiro,
 Que chegou a Palacio? Ja lhe observa
 O furioso Antinois os movimentos:
 Do abominavel crime da impostura
 A pena lhe prepara; e os Deoses queirão
 Que elle so seja a victima culpada,
 Que vá ao sacrificio. Tudi sabem
 Ja os vossos contrarios: submettidos

To.

Todos estão de suas Leis ao jugo:
 Senhores de Palacio, vos preparão
 Com sua furia a morte: em toda a parte
 Sobre a vossa cabeça a mão levantão
 De ferro, e fogo, e de furor armada.
 Onde ireis esconder-vos da vingança
 Do traidor Antinois? A' sua força
 Não ajunteis mais força. A que ira ardente
 Não levará meu Pai! Principe, ouvi-me:
 Pensai melhor, que eu saberei calar-me.
 Mas que infinitos males não prevejo
 Com as vossas escusas! Que resposta
 Tornarei a meu Pai? O meu receio
 Já mal posso esconder. Ah triste Ifise!... (1)

S C E N A V.

Telemaco só.

AH Princeza adoravel! Mas que fazes,
 Telemaco imprudente? Já te esqueces
 De que Ifise he do sangue de Eurimaco?
 Como insensato o coração lhe entregas,
 Quando contra seu Pai enfurecido
 Agora mais que nunca oppôr-te deves?
 Que queres tu? Acaba, amor, acaba
 De trazer a minha alma vacillante;
 E ao ardor immortál da minha gloria
 Ajunta o teu ardor. Vê neste zelo
 O teu rival, o teu maior tyranno,
 Vê o unico author dos nossos males.

(1) *Vai-se.*

ACTO TERCEIRO**III**

Ifise ... Ah que eu a perco! ... Inda suspira
O fraco coração, quando so deve
Salvar o Pai, e restaurar o Imperio!
Este victorioso está chegando:
Vós, tyrannos soberbos, a seus olhos
De medo tremereis, fugireis todos.
Mas, Deoses immortaes! Que acolhimento
Daremos a meu Pai? Este Monarca,
Que deixou seus estados florecentes,
Poderá ve-los suspirar debaixo
De hum jugo ve-gonhoso? Ah filho indigno!
Não devo ser eu mesmo em todo o tempo
Feliz imitador da sua gloria,
De seu valor? E contra os inimigos
Prevenir-lhe os triumphos? Eu não devo.
Com seu sangue fingir estes ribeiros,
Salpicar estas margens? Vamos, vamos
Off'recer á Rainha esta esperanza:
Consultemos Eumé: em fim tornemos
A ver, a perguntar este Estrangeiro.

ACTO



ACTO QUARTO.

SCENA I.

Penelope, e Ericlea.

Ericlea.

S Enhora, ainda o Príncipe assegura
 Tudo o que vos tem dito. Os vossos males
 Diz que se acabão, porque vive Ulysses;
 Que bem depressa tornareis a ve-lo;
 Mas á vossa presença vir não pôde
 Este illustre Estrangeiro, que o promete,
 Porque está com o Príncipe fechado
 No aposento de Eumé.

Penelope.

Com tudo, quero
 Fallar com elle mesmo, e informar-me.
 Em fim, que venha logo.

Ericlea.

Não se deve
 Fazer por ora hum perigoso estrondo:
 Póde fallar-vos sim, mãs em segredo:
 Vede que os nossos tímidos contrarios
 De tudo desconfião, tudo temem.

Penelope.

Previna-se o remedio ao seu ultraje:
 Poderá ser que Ulysses sem apoio
 Sobre praias estranhas, hoje mesmo

Cor-

Corra (piedosos Ceos!) igual fortuna.
Mas depois de mil vezes enganada
Por noticias apocryfas, de novo,
Inda credito dou a hum Estrangeiro?
Verei o meu Ulysses? Grandes Deoses!
Eu vou por elle sobre as vossas Aras
Fazer queimar o mais devoto incenso:
Eu lhe farei mil queixas em chegando
Dos grandes sustos, que me tem causado,
De que nos seus projectos arriscasse
Huma vida, que he minha, e não he sua;
Dessa fecunda boca, amado Ulysses!
Tu me verás prender, quando contares
Tantos heroicos feitos; e entre abalos
Inda de gosto, e de temor, ouvindo
As bem representadas aventuras
De teus passados riscos, farei delles
O mais doce prazer. Mas que desculpas
Tu me darás de tão comprida ausencia,
Que no meu terno coração tem feito
Tão justas, tão crueis desconfianças?
Mas torna, amado esposo, que os meus males
Todos serão contentes, se inda vives.
Que estranho, que interior contentamento
Eu sinto agora, que não senti nunca,
Depois que se apartou! Ja me parece
Que os ventos a meus olhos o conduzem;
Que ja ao longe sobre as ondas vejo,
E distinguo o seu vulto; mas quem sabe
Se he isto hum bem sonhado, que o desejo
Me finge na esperanza; e de repente

Tom. II.

N

De-

Dissipado de todo em novos males;
Acabarei a vida! Seus contrarios...
Mas oh Ceos! Elles chegão.

S C E N A II.

Eurimaco, e Penelope.

Eurimaco.

Não he tempo,
Senhora, de pôr termo á vossa escolha?
Nem que temer, nem que esperar ja tendes,
O Principe he chegado: Ulysses morto:
Satisfeito o meu gosto, eu' vos seguro.
De vosso filho a Sorte: o doce laço
Desta união ja toda a Corte o pede.

Penelope.

Ha outra Lei mais forte, que o defende!

Eurimaco.

Mais forte! Eu não desubro hum so motivo,
Que a vossa decisão demorar possa.
Que peregrino he este disfarçado,
Que está com vosso filho? Será este,
Que talvez com segredo, e artificio
Anda espalhando com submissas vozes,
Que vive Ulysses, que esperar se deve?

Penelope.

Eu, Senhor, nada sei deste Estrangeiro;
Mas desprezar por ora não se deve
De todo este rumor.

Eurimaco.

Sabei, Senhora,
Que eu instruido estou bastantemente.
Este Estrangeiro, que se diz chegado
Da Ilha de Corcyre, vem acaso
Inda de Ulysses desmentir a morte?
Que vós He não dáis credito, supponho;
Mas inda vós procurareis desculpas
Para a demora de huma justa escolha
Unicamente a meu amor devida?

Penelope.

Bem pôde a minha escolha retardar-se
Por alguns dias mais, Senhor: vejamos
O susto espalhado, em que se funda.

Eurimaco.

Ah que vós sois sem d'úvida inventora
Destas notícias vans, destas quimeras
Tão pouco verosimels. São pretextos
Para dourar a quebra vergonhosa
Da fé, e da palavra: a vossa industria
Comigo em vão trabalha: nada pôde:
De todo está perdido o soffrimento:
Na minha alma abrazada so dominão
Os incendios da eolera: por certo
Que por tantas demoras insoffrivéis,
Tantos suspiros, tantas amarguras,
Eu merecia, ao menos por piedade,
Mais feliz recobrença. Mas ingrata!
Punirei vosso indigno fingimento:
Vosso cruel repúdio me constrange
A ser cruel por força: este artificio;

N ii

Que

Que de novo buscais, não, não demora;
 Accelera inda mais este consorcio:
 Eu sou Senhor, eu mando, e he preciso:
 Que hoje mesmo daqui ao Templo vamos.

Penelope.

Piedosos Ceos! Que extremos de injustiça!
 Ah barbaro Eurimaco! Que pertende
 O teu cego poder? Cuidas que devo
 Prezar tão pouco a gloria do meu nome?...

Eurimaco.

Assaz que ha muito tempo a vossa gloria
 Das minhas crueis dores se alimenta:
 Assaz que ha muito tempo os Gregos todos
 Sabem, que as minhas sujeições provocão
 Mais os vossos despezos: que a constancia,
 Com que os soffri até agora, inda soprara
 Mais a vossa vaidade; em fim triumpho
 De huma vez a violencia da brapdura.

Penelope.

Sedo hum Heroe verás, que me defenda,
 Ou vingue a minha morte: sim, Ulysses....
 Não estremeças, so de ouvir-lhe o nome?
 Elle vem castigar os teus delictos.
 Tu, fraco! Que dormias no descanso
 De hum ocio vil, quando elle peleijava
 Pela honra da Grecia, vencer podes
 Hum coração, onde este Heroe so reina?
 Vai, temerario, para Samos fuge.

Eurimaco.

De que vos aproveita invocar hoje
 O nome vão de Ulysses fraudulento,

Tão

Tão odioso aos Deoses, que irritados
Nem se quer consentirão que espirasse
Entre os braços dos seus heroicamente
Sobre os campos de Troya! Sobre as praias
De alguma Ilha incognita, e deserta,
Ou no fundo das aguas, he que pôde
Achar o seu sepulcro: confundi-vos
Ja de lisonjear-vos de huma vinda
Somente imaginaria: crede embora
Que Ulysses não morreo. E que juizo
Fazeis, Senhora, de tão longa ausencia,
Mais que hum esquecimento, huma inconstancia?
Vós não sabeis que da formosa Circe
Ferido Ulysses, suspirára amante?
E depois que a deixou, quem vos segura,
Que alguma nova Circe não pudesse
Encantar este Esposo fementido?
Se algum indigno amor o não prendesse,
Por lá que estranho caso o deteria,
Que a Fama não dissesse! Mas, Senhora,
Por todos se confirma a sua morte:
Inutilmente aqui não consumamos
O tempo em vãos discursos: nós sabemos
Que hum crú naufragio consumio setis dias;
E se o vosso impostor inda se atreve
A desmentir noticias tão seguras,
Eu o farei no meio dos tormentos
Confessar a verdade: eu vos seguro,
Que as vossas vans promessas sinta, e pague!
Sim, se vós recusais as minhas nupcias,
Em vosso mesmo filho executado

O meu odio vereis: não: mais piedade
 Não esperéis de mim, o vosso pranto
 A meus pés cahirá inutilmente:
 Eu ja o vosso gosto não consulto:
 Eu mesmo arrancarei das mãos da Sorte
 Este premio feliz, que se me deve;
 Se isto não for amor, será vingança. (1)

S C E N A III.

Penelope, e Ericlea.

Penelope.

AH querida Ericlea! Eu bem temia
 Ser a minha esperança pouco estavel.
 Deste hymeneo indigno ameaçada
 Eu me vejo de novo: esse tyranno
 Ja lançou sobre mim mortal sentença:
 E accendeo com suspeitas na minha alma
 O fogo do ciúme.

Ericlea.

Não he tempo,
 Senhora, dessas lagrimas inuteis!

Penelope.

Ah que elle diz, que Circe o detivera
 Com suaves cadeias. Grandes Deoses!
 Ja eu lhê esquecerei? Será possível
 Que Ulysses me abandone, e que me deixe
 Batalhar so c'os males, que me cercão?
 Não tem nelles do que eu inda mais parte?
 E não vou eu morrer por hum tyranno?

(1) *Vai-se.*

Inda quando a Fortuna o constringesse
 A entrar no seio dos sertões medonhos,
 Que o Oceano mar de nós aparta...
 La nesses termos ultimos do Mundo,
 Se amasse quanto deve a mim, que o amo,
 O seu esforço, e o seu amor teria
 Forçado o mar, vencido as tempestades:
 Prouvera aos Deoses, que eu soubesse aonde
 A sorte occulta o meu querido Ulysses:
 Ja me terião visto sobre a terra,
 Sobre as ondas voar, correr mil vezes,
 Mil vezes os limites do Universo.

S C E N A IV.

Penelope, Telemaco, e Ericlea.

Telemaco.

JA por informes finalmente dignos
 De toda a fé, Senhora, nós sabemos,
 Qual he do Rei a Sorte venturosa.
 Elle em Corcyre está: huma Princeza,
 Cujo merecimento esclarecido
 Toda a Grecia conhece, de hum naufragio
 A vida lhe salvou. Promptos remedios
 A seus males prepara, em seu soccorro
 O mesmo Rei seu Pai interessando,
 A Corte de Alcinois o estima, e ama;
 E so espera o dia assinalado
 Para a sua partida; e os seus navios...;

Penelope.

Meu filho! Elle virá; mas virá tarde;
 De

De hum funesto hymeneo com toda a pressa
 Ao sacrificio vou. Por hum tyranno
 Condemnada a morrer, eu ja não posso
 Ter o prazer de ve-lo; mas eu morro,
 Dando sinaes do meu amor eterno.
 Querido filho! Eu não terei o gosto
 (Unico gosto, que ao ter podia)
 De o ver entrar aqui cheio de gloria,
 Fiel, e generoso, rodeado
 De famosos triumphos! Bens tão doces
 So vós disfrutareis. O meu Esposo
 Nunca mais me verá; e vós, meu filho,
 Olhai por vós. Dos nossos adversarios
 Confundi os projectos, consultando
 C'o sabio Ené o modo mais prudente
 Para evitar de seu rancor as iras.

Telemaco.

Ulysses bem depressa será visto.

Penelope.

Fazei-me ver somente este Estrangeiro:
 Eu quero pergunta-lo: este refugio
 Permittir-se-me deve, antes que a morte....

Telemaco.

Senhora...

Penelope.

O meu Destino não permite...
 Mas ide: eu vos espero... em fim, trazei-o. (1)

(1) Vai-se.

SCE

S C E N A V.

*Telemaco, e Ericlea.**Telemaco.*

AH que perturbação! Oh grandes Deoses!

Ericlea.

Salvemos a Rainha; e procuremos
 Algum prompto remedio a seus desgostos:
 Ide: ide, Senhor. Com Eurimaco
 Empenhai vosso esforço: suspendei-lhe
 A execução das barbaras idéas:
 Implorai o soccorro da Princeza:
 De Antinois demorai a ardente furia;
 E se quereis embaraçar-lhe a morte,
 Trazei-lhe esse Estrangeiro, que lhe affirme
 Que Ulysses inda vive; que hoje mesmo
 Sobre estas praias descera contente
 A soccorre-la.... Tempo não se perca. (1)

S C E N A VI.

Telemaco só.

A Que estado não somos reduzidos!
 Sepultada nos seus mortaes desgostos,
 Eu vejo minha Mãi. Este consorcio
 Então se apressa, quando espera Ulysses.
 Tyrannos! Basta ja de soffrimentos
 Hoje devo morrer, ou castigar-vos:
 Da minha justa colera os furores....

SCE.

(1) Vai-se.

S C E N A VII.

*Ulysses, Telemaco, e Eumé.**Ulysses.*

Príncipe, huma noticia perigosa
 Me obriga a procurar-vos: o tyranno
 Renova os ameaços. Neste dia
 Se presereve á Rainha a Lei violenta
 De hum hymeneo, indigno a vós, e a ella;
 Attenção contra vós: importa muito
 Passar as ordens, prevenir os meios.

Telemaco.

Sim. Estou resolute a castiga-los:
 Quer morrer a Rainha. O triste pranto,
 Em que fica banhada, me penetra
 Todo o meu coração. Eu não escuto
 Mais do que o meu furor desesperado:
 Ao menos em morrer faço o que devo.
 Desleal Antinois! Eu sim me perco,
 Porém ambos a vida acabaremos.

Ulysses.

Contra os vossos tyrannos inimigos
 Eu off'recer-vos o meu braço venho:
 Devo ou perder a vida, ou dar-lhe a morte.
 Basta de soffrimento. . . . Sem castigo
 Não fique o seu orgulho. O Ceo parece
 Que o tempo apressar quer desta vingança:
 Elle me falla: escuto os seus conselhos.

Telemaco.

De tão alto projecto, oh grandes Deoses!

Quida

Quaes serão os preparos! Que motivo
 A perder-vos por nós vos persuade?
 Vós por hum cégo acaso da Fortuna,
 Que vos lançou aqui! Vós Estrangeiro!...
 Ah! Ide procurar mais feliz sorte:
 Deixai-nos sentir sos os nossos males,
 Que para nós somente se fizerão.
 Parti; e se os Destinos vos levarem
 Outra vez a Corcyre, e então puderdes
 Tornar a ver meu grande Pai, dizei-lhe...
 Que a pesar das desgraças, que me cercão,
 Inda me lembro de que sou seu filho;
 E que até dando os últimos alentos,
 Mostrarei de qual sangue generoso
 Nasce Ulysses, procede Telemaco.

Ulysses.

He tempo em fim, Senhor, de descobrir-vos
 Os meus designios todos, e ajustarmos
 Os nossos corações: as mãos nos demos:
 Eu venho suspender a accelerada
 Carreira das desgraças, que vos seguem;
 Antes que tomem nova força, a nossa.
 Unica salvação, he de repente
 Atacar os tyranos: declarai-vos
 Com os vossos amigos: a seus olhos
 Co'as mais subidas cores da verdade
 Retratai-lhe a razão, pintai-lhe a gloria;
 E dizei-lhe, que Ulysses neste instante
 Se fará conhecer: os usurpados
 Direitos vossos recobrai; que os feros
 Inimigos da paz, de hum mortal golpe.

Acc

Aos pés vos cahiráõ, e entre os descuidos
 Dessa esperança vã, de todos elles
 A mais justa vingança tomaremos.

Telemaco.

Santo designio! Zelo incomparavel!
 Do Ceo nos sois mandado por expressa
 Disposição dos Deoses; vós sois mesmo
 Como hum Deos Tutelar: vós sereis hoje
 Meu Pai, meu defensor: de homem terreno
 Esse aspecto não he: elle annuncia
 O mais ditoso termo á minha Sorte.

Ulysses.

A tão doce transporte ja não posso,
 Não posso resistir: toda a minha alma
 Penetrada de gosto abrir se sente
 De huns impulsos suaves. Ah meu filho!
 Meu suspirado filho! Nestes braços
 Dão fim o vosso engano, e os meus disfarces,
 Conhecei vosso Pai; mas vós ficastes
 Inda no berço, quando eu fui a Ithaca.

Eumé.

Sim, Senhor, este he o Rei....

Telemaco.

Como he possivel,
 Ah meu Pai! que eu vos veja? Na garganta
 As truncadas palavras se me pegão.
 Mas meu Pai dessa sorte, neste estado,
 Quem podia esperar-vos?

Ulysses.

Este estado
 Não deve surprender-vos. N'um instante;

Se he vontade dos Deoses, nós podemos
 Do mais erguido monte da Fortuna
 Cahir no baixo valle da miseria.
 Eu sou, depois de hum misero naufragio,
 Dos companheiros meus, unico resto:
 Nestas praias incognito devia
 Somente apparecer, proporcionando
 Este meio conforme a meus trabalhos.
 Mas vós, e vossa Mãi, que amargo pranto
 Me não tendes custado!... Em que pezares
 Se não vio a minha alma submergida!...
 Ah meu filho, eu vos vejo! Neste instante
 So me lembro de vós, delles me esqueço.

Telemaco.

Ah Senhor! Ah meu Pai! Ah que alegria!
 Raro favor dos Ceos! Ouvidos rogos!
 Nesta Ventura apenas me conheço.
 Mas ai! Vossos trabalhos se acabaraõ?...
 Eu sei, que hum sabio inteiro soffrimento
 Guia vosso valor reconhecido
 Por todos os mortaes. Sei quantas vezes
 Buscoq o vosso espirito guerreiro
 De proposito empresas arriscadas.
 Mas, Senhor, esta empreza he mais que todas.
 As emprezas passadas: vossa perda
 He quasi neste sitio inevitavel.
 Logo que estes tyrannos possam ver-vos,
 Vereis juntar-se contra a vossa vida
 Tropa estranha, vassallos rebellados:
 Fugi, Senhor, a tantas mãos contrarias,
 Que he indigno de vós este pezigio;

E

E sem expor a vossa vida amável
 Aos sacrilegos golpes, he preciso
 Que armando em vosso nome toda a Grécia,
 Sobre estes infieis cahindo, estalem
 Os fulminantes raios da vingança.

Ulysses.

Não, meu filho. He preciso que hoje mesmo
 Ou me perca, ou me vingue: estes instantes
 Preciosos são, aproveita-los vamos:
 Ide: ajuntai; mas sem fazer estrondo,
 Esses nobres manobros, cujo esforço
 Sei, que a favor da Patria se interessa,
 Já Mentor, Halitercio, Phileticio
 Seguem nosso partido; e avisados
 De minha vinda por Eumé já forão.

Telemaco:

Mas que podem fazer? Hum povo molle;
 Inerme, e dos tyrannos seduzido
 Quererá por ventura neste assalto
 Dar a vida por vós, se for preciso?
 Quererá por Senhor reconhecer-vos?
 Mas, meu Pai, a Rainha acaba, espira;
 So vós podeis livra-la deste aperto:
 Corraí, correi a ve-la. Pouco importa
 Que combata por ella o vesso braço,
 Se a vida perder por deixar de ver-vos.

Ulysses.

Ah, que o meu coração arde se sente
 Por hum tão doce objecto! Sim; eu tanto
 Que me falte o espirito, se a vejo;
 Não poderei vencer-me. Podem mais

De hum Esposo as ternuras; e he preciso
 Fugir de que ellas possam declarar-me.
 Os meus olhos, e os seus... de ambos e pranto...
 Ah! Dirão tudo, sem querer dizê-lo:
 Basta que a salve; e vós buscai, meu filho,
 De a consolar os meios mais suaves.
 He preciso que ás portas de Palacio
 Tornemos a ajuntar-nos: buscaremos
 Proporcionado tempo á nossa empresa:
 Tudo nos favorece; o dia, os jogos,
 E o tumulto da Corte. Sim, meu filho,
 Prudencia com valor vencerão sempre
 As mais fortes desgraças: apressai-vos,
 Que logo todos tres seremos juntos. (1)

S C E N A VIII.

*Ulysses, e Eumé.**Ulysses.*

JA do nosso mais alto precipicio
 Tocámos a fatal extremidade:
 Encubrir-vos não posso, inda que eu queira,
) meu justo receio. Eu vos influo
 Ainda huma esperança, que não tenho.
 Entre os braços dos meus o peito exponho,
 Nos tiros da Fortuna me descubro;
) no meio da Patria, sim, no centro
 do meu proprio Palacio a infausta Sorte
 do triste Agamemnon somente espero.
 las que digo! Será o meu Destino.

Aia-(1) *Vai-se.*

Ainda mais cruel: eu acho, e vejo
 Huma Esposa adoravel; huma Esposa
 Digna do meu amor. Quando eu podia
 Ser venturoso, então comigo acabou
 O Pai, a Esposa, o filho, tudo perco;
 Mas sigamos a Sorte: vinde...

Euné.

Armados

Os nossos inimigos se apercebem.

Ulysses.

Eu vou reconhecê-los; e dispondo
 A occasião, e o sitio, cuidaremos
 No modo mais seguro de atacá-los:
 Segui-me, que o meu animo recobra
 O seu valor, o seu socego antigo.
 Eu não tenho tentado tantas vezes
 Emprezas muito mais difficultosas?
 Quando na imitunda, na medonha cova
 Do bruto Polyfemo, á minha vista,
 Pelas nervosas mãos sanguinolentas
 Despedaçados os meus socios forão,
 Vendo pendente por hum fio a vida,
 Não escapei triunfante? Castigando
 De hum so golpe mortal tão mortaes golpes?
 Porém contra qualquer Destino, ou Sorte,
 Que pelo Cep. me esteja reservado,
 Grande Minerva! Sabia Protectora!
 Desce: vem ajudar-me. Em meu esp'rito
 De novo influe: Sustenta-me este braço:
 Accende em mim aquelle fogo heroico-
 De zelo, e de vingança, que algum dia

Me

Me fez triumphar dessa soberba Troya;
 E se a minha desgraça poder tanto,
 Que em fim deva ceder-lhe, faze ao menos
 Que me coroe de huma morte honrada.



ACTO QUINTO.

SCENA I.

Penelope, Eumé, e Ericlea.

Eumé.

O H Ceos! Onde correis precipitada?
 Com que motivo, com que impaciencia
 Quereis vós mesmo destruir as nossas
 Felices esperanças? Ah Senhora!
 Detende-vos hum pouco...

Penelope.

Em vãos discursos

O tempo não gasteis: esse Estrangeiro
 Quero ver: sei que está no vosso quarto:
 La mesmo vou fallar-lhe: á vossa instancia
 Nem mais hum so instante attender quero.
 Porque a fallar-me se resiste tanto?...
 Eumé, dize-me: que mysterio he este?

Eumé.

Por vós mesma, Senhora, neste instante
 O seu zelo trabalha: o seu desejo...

Penelope.

Eu não pertendo que elle exponha a vida:
 Longe de me tentar com vans quimeras,
 Quero so que falle, e deste porto
 Se retire depois.

Eumé.

Senhora, crede
 Que a mão benigna do Destino pôde
 Restituir-vos hoje o vossó Ulysses.

Penelope.

Por este vasto mar estendo a vista
 De meus saudosos, meus cançados olhos;
 Com elles vou, e venho; as ondas corro,
 E de ver não acabo o meu Esposo:
 Eumé, virá; mas virá tarde Ulysses:
 Já mui perto de mim vejo da Morte
 O pallido semblante; e para ella,
 Qual paciente ovelha, me preparo:
 Ulysses me abandona, assim o julgo;
 De occultar-se de mim esse Estrangeiro:
 Que he vivo o meu Esposo, me segura;
 O mais, querido Eumé, de mim esconde:
 Não se atreve a dizer-mo; receando
 De accrescentar talvez os meus tormentos.

Eumé.

Vosso Esposo he fiel. Poneos instantes;
 Senhora, passarão; que este Estrangeiro
 Não ponha termo a vossos yãos temores.

Penelope.

Quanto mais o escondéis da minha vista;
 O desejo de ve-lo mais se accende.

Sim, eu quero fallar-lhe: ja superfluas
 São as vossas escusas: se elle tarda,
 Hum instante sequer, não torna a ver-me:
 A huma Rainha, que morrendo implora,
 Ja he muito esperar: venha o Estrangeiro.

Eumé.

Oh que extremo cruel! Será preciso
 Avisa-lo da vossa impaciencia:
 Elle ha de obedecer, eu vou busca-lo;
 Mas evitai que público se faça.
 Preveni-vos, Senhora, de constancia,
 Para esconder os naturaes transportes,
 Que turbarão vossa alma: moderai-vos....

Penelope.

Fazei que os meus desejos satisfaça:
 Ide, apressai-vos: venha, eu vou busca-lo.

Eumé.

Vós o quereis assim .., virá fallar-vos. (1)

S C E N A II.

Penelope, e Ericlea.

Penelope.

Insensivel Ulyssés! Algum dia,
 Condoido talvez do meu tormento,
 Tu te arrependers. Dentro em Corcyre,
 Bem longe do que eu passo, não se atreve
 A deixar as delicias, que o encantão.
 Lembra-se de que eu morro? Tem cuidado
 Ao menos de informar-me, que ainda vive?

Q u

Que

(1) Vai-se.

Que tem amor? E que esperar o devo?
 Ah! Que este ingrato, se de mim se lembra;
 Será para abusar da fé devida
 A' minha exemplarissima constancia!
 De huma Esposa fiel zomba, e se esquece
 Entre novos cuidados: o meu pranto,
 Os meus suspiros, e os meus ais augmentão
 O seu doce prazer: em mim os dias
 São seculos de pena, e nelle os annos
 São momentos de gosto: ao mesmo tempo
 Tão contrarios affectos nos desunem,
 Tão pequena distancia nos separa.

Ericlea.

Por que accusais, Senhora, o vosso Esposo;
 Quando torna fiel aos vossos braços?

Penelope.

Ai, Ericlea, que me enganão todos!
 Já nelles estaria, se outros laços
 De amor o não prendessem. Sim, Ulysses!
 Teu Pai quasi que espira de tristeza,
 Mais que do pezo da cruel velhice:
 Tua Mãi desgraçada, ouvindo apenas
 Tua perda fatal, entre os meus braços
 Quasi desfalecidos, encostando
 Sobre este peito a languida cabeça,
 Perdeo a triste vida. A tua ausencia
 Arruinou Ithaca; mas teu filho,
 O teu unico filho! O virtuoso,
 O amavel Telemaco, que hoje perde
 O throno, e a vida, este filho ao menos
 Obrigar te pudera: te devias

Voltar a soccorre-lo; a conduzi-lo
 Pelos caminhos asperos da gloria,
 Que os Reis heroicamente seguir devem.
 Injusto Pai! São estas as virtudes,
 As acções de hum Heroe, que tu lhe inspiras?
 A mim se me desprezas, por que julgas
 Que me tem feito a idade menos bella
 Do que tu me deixaste? Ah charo Esposo!
 Lembre-te que as saudades ajudaráõ
 A consumir meus dias: não te esqueção
 Aquelle pranto, aquelles juramentos, ...
 Em fim, aquellas ultimas palavras,
 Que mal pude dizer... quando a Fortuna
 Te arrancou de meus braços: reconhece...
 Porém esse Estrangeiro!...

Ericlea.

Elle ja chega.

Penelope.

Deixai-me so por so fallar com elle,
 E cuidai em que alguém nos não perturbe. (1)

SCENA III.

Ulysses, e Penelope.

Ulysses.

Onde me conduzis, Deoses supremos?
 De susto immovel a minha alma sinto!
 Neste estado em que estou, á luz vista
 Como apparecerei?

Pe.

(1) *Vai-se Ericlea,*

Penelope.

Vinde, chegai-vos.

Dizei-me: vive Ulysses? Na memoria
Ainda me conserva? Tem fallado
De mim alguma vez? Quando vem elle?
Seria seu desejo, que escondendo
De mim, que inda vivia em tantas penas
Submergida acabasse? Como d'antes
Ja me não ama?

Ulysses.

Oh Ceos! O vosso Esposo

A ninguem ama, nem amar podia
Mais do que a vós somente. Socegai-vos:
De ham amor tão fiel, tão verdadeiro
Vereis a duração, vereis a prova.

Penelope.

.Deoses! Que sinto em mim? Oh que suave,
Que penetrante voz! O meu Ulysses
Assim he que algum dia me fallava!
Que doce encanto a minha dor suspende!
Quanto mais vejo quanto mais reparo . . .
Mais . . . Ah Senhor! Sois vós o meu amado?
Sois vós o meu Ulysses? Sois vós mesmo?

Ulysses.

Eu sou, Senhora, o mesmo: este he o Esposo
Feliz, que vos adora: he este o mesmo,
Que tantas afficções vos tem custado.

Penelope.

Tanta ventura comprender não posso.
Isto será verdade? Inda receio
Que os meus olhos me enganem. Sim: duvido...
Mas

Mas não: vós sois o mesmo. Aquelle estranho
Presentimento occulto da minha alma
Não podia enganar-me: o meu esp'rito
Do erro acautelado, em fim cobertos
Meus tristes olhos da pezada nuvem
De tão contínuas lagrimas, perdêrão
O seu perfeito uso. Amado Ulysses!...

Ulysses.

Doce Esposa! Penelope querida!...

Penelope.

Ditoso dia!

Ulysses.

Instante venturoso!

Penelope.

Mas porque retardaste a meus desejos
Tão suspirada vinda? Conhecendo
O meu temor, a minha impaciencia;
Espirando eu por vós? Como pudestes
Em tão pouca distancia nestes sitios,
Neste mesmo Palacio tantas horas
A meus saudosos olhos esconder-vos?
Vós, Senhor, suspirais? Ah quanto temo
Que esses suspiros triste annúncio sejam!
Vós só!... Lançado ao impeto das ondas
Nas vossas mesmas praias... Esta vinda
Inopinada os Deoses não quizerão
Mais que para entregar-vos neste dia
A's mãos infames de inimigos vossos.
Ah! fujaamos, Senhor, destes tyrannos:
São menos feros os Leões, e os Tigres,
Os inconstantes mares, mais seguros:

VIII

Vinda imprudente ! Temerario arrojo !
 Ah ! Para que viestes ? Melhor fôra
 Perder a gloria de tornar a ver-vos.

Ulysses.

Tornai a vós, Senhora. A minha vista
 Em vez de moderar, não accrescente
 As vossas afflicções: entre esses duros,
 Tão diversos trabalhos, que hei soffrido,
 Unicamente foi a vossa ausencia
 Quem me fez suspirar: se me não virão
 Ceder aos golpes da cruel Fortuna,
 Dos elementos, dos oppostos Deoses;
 Se os mares contrário, que separavão
 Os meus dos vossos olhos, foi somente
 Para tornar a ve-los, e entregar-vos
 De novo hum coração, que so he vosso.
 Adoravel Esposa, o vosso pranto,
 Quando deve cessar, não se renove.

Penelope.

E eu como vos vejo ! Eu não descubro
 Mais do que as sombras da terrivel morte,
 Que nos rodeão.

Ulysses.

Neste grande dia
 Eu venho terminar as vossas penas:
 Veréis fícar os inimigos vossos
 Todos vencidos, quando vós vingada.
 Da nossa Sorte, os Deoses querem hoje
 O termo decidir. Eu mesmo espero
 Que ha vossa alma heroica respeitanda
 As sublimes virtudes, quantos raios

Contra nós até agora arremessarão,
 Da mão lhes caíão, e se voltem todos
 Contra os nossos crueis perseguidores.
 Nos Celestes soccorros confiemos.
 Porém, Senhora, muito me enterneco
 O vosso pranto, quando devo armar-me
 De hum novo ardor, de hum animo invencivel;
 Deixai que eu corra...

Penelope.

A ir buscar a morte?

Ulysses.

Vou defender-vos...

Penelope.

É eu acompanhar-vos.

Ulysses.

Bem queria esconder-me aos vossos olhos.
 Elles são os contrarios, que eu mais temo:
 As vossas afflicções, o vosso pranto
 Me farão conhecer. Esses tyrannos
 Pelos vossos clamores avisados
 Podem-se prevenir. A Deos, eu parto...
 Mas que posso eu dizer-vos? Penetrado
 Desses afflictos ais, tremo, e suspiro;
 Nem ficar devo, nem partir-me posso...
 Mas não he tempo: eu corro a defender-vos.

Penelope.

Sejão, ou não; os Deoses compassivos,
 Havemos ser ja agora iguaes na Sorte:
 Será talvez comigo menos dura,
 Levando a gloria de morrer convosco:
 Eu não vos deixo.

Ulys-

Ulysses.

Que fazeis, Senhora!
Attendei, esperai, que eu ja vos busco. (1)

Penelope.

Ah! que se vai perder. Vamos com elle.

S C E N A IV.

Eurimaco, Penelope, e Ericlea.

Ericlea.

DAs vossas ansias reprimi, Senhora,
Tão extrema violencia: olhai que chega
O tyranno Eurimaco.

Eurimaco.

O impostor foge,
Somrente por não ver-me: em vão procura
Moderar a colerica vingança,
Que me ferve no peito: eu desejava
Diante de vós mesmo convence-lo.
Inda este lance eu esperar podia!
Julgais talvez por certa essa noticia,
Que espalhou entre nós esse Estrangeiro?
Vós o cogdes?

Penelope.

Senhor, creio a verdade:
O meu Ulysses vive.

Eurimaco.

Eu o desejo:
Os Deoses o permittão: mais sensivel
Lhe será o meu odio, se inda vive;

(1) Vai-se.

A sua confusão, a sua affronta,
Tudo será materia gloriosa
Para a minha Fortuna: sim desejo
Que elle me veja dominando Ithaca,
Pacifico Senhor dos seus direitos.
Com vergonhosos, com pezados ferros
Em perpetua prizão verá seu filho:
Verá seu povo ás minhas Leis sujeito:
Triumfarei á vista dos seus olhos;
E quando submergido nos abysmos
Dos fundos mares, escapar não possa,
Do meu triumpho la no mesmo inferno
O rosto esconderá de envergonhado.
Fazei, se podeis tanto, que hoje venha
Augmentar os motivos do meu gosto:
Reflecti, que das minhas Leis não póde
Defender-vos ninguem: o vosso filho
Fórma em vão hum projecto temerario:
Ja tenho prevenido quantos meios
Elle póde tentar: as minhas ordens
Para ser prezo ja passadas forão:
Esse impostor, que Ulysses resuscita,
Em presença do povo ao cadafalso
Conduzido será. A Deos, Rainha,
Vou de Antinois augmentar a furia:
Dei a sentença, e perdoar não posso. (1)

SCE.

(1) Vai-se.

S C E N A V.

*Penelope, e Ericlea.**Penelope.*

HE este o doce, o promettido fruto
 Das minhas esperanças?... Grandes Deoses!
 Era assim, que hum Esposo vos pedia
 Nos meus constantes votos, suspirando
 Por elle ha tanto tempo? O meu Esposo,
 Depois de rebater por tantas vezes
 Os encontros da Sorte, ter sahido
 No Mundo vencedor de mil combates,
 De mil crueis naufragios, virá hoje
 Dentro do seu Palacio, em fim no meio
 De seus charos Penates, e parentes
 Morrer, morrer á vista dos meus olhos,
 Entre mãos infieis? Mas ah traidores!
 Contra quem? Contra Ulysses! Furiosos
 O braço armais? E não vos treme o braço
 So de olhar para elle? Sim, tyrannos!
 Vou morrer a seu lado heroicamente:
 Ambos de hum golpe a vida acabaremos.

Ericlea.

Senhora...

Penelope.

Ah Ericlea, que os meus gritos
 Darão a conhecer o meu Esposo:
 Sim, póde ser que ainda vacillantes
 Não descarreguem nelle esses tyrannos
 De todo o seu furor, e que suspendão

Por

Por algum tempo derramar seu sangue;
 Mas se descobrem que he o grande Ulysses,
 Indispensavelmente o matão logo.
 Que resolvo?... Que faço?... Oh Ceos! Que pena!
 Detém-me o susto, quando amor me arrasta:
 Corramos, procuremos defende-lo...
 Sim, busquemos Ifise.

Ericlea.

O Ceo parece
 Que vo-la quiz trazer. Ifise chega.

S C E N A VI.

Penelope, Ifise, e Ericlea.

Ifise.

QUE fazeis vós, Senhora? Eu vinha agora
 De entrepôr com meu Pai as mais ardentes
 Súplicas de huma filha; porêr elle
 Sem me escutar, sem me attender, com cêga
 Desenfreada coleta procura
 A vossa perdição: os seus soldados
 Ânima com palavras de ousadia:
 Arcás, e Antinois, desse Estrangeiro
 O sangue todo, não lhe farta a sede
 Do seu rancor antigo: em Telemaco
 Também vingar-se querem. Vós, Senhora,
 Não acudis, podendo, ás vossas penas?
 O povo se alvorota: em toda a parte
 Agudas lanças contra vós reluzem.

Penelope.

Ah! Que vós mal sabeis a quantos golpes

Exponho o peito, o animo preparo!
 Minhas desgraças ja crescer não podem:
 Hé morrer o meu unico remedio.

Ifise.

Que impaciencia indigna da vossa alma!
 So de fracos espiritos triumphá
 A desesperação. Ah! Não, Rainha.
 Vós podeis so c'uma palavra vossa
 Pacificar os animos de todos,
 Salvar o vosso filho, e arranca-lo
 Quasi das mãos da Morte. O amor ardente
 De meu Pai este premio vos mereça,
 Que elle mesmo de novo sujeitando
 A's vossas Leis os rébellados povos,
 Das aleivosas mãos fará cahir-lhes
 As lanças, e as espadas: apressai-vos:
 Vede que morre o Principe. Ah Senhora!
 Se he tempo ainda, quero soccorre-lo. (1)

SCENA VII.

Penelope, Ericlea, e Eurinome.

Penelope.

MInha Ericlea, não tardemos, vamos
 Mostrar por huma vez o mar de horrores,
 Em que fluctua, em que se affoga esta alma.
 De nós e duvidosa gente aprenda
 A morrer por seu Rei. O meu exemplo...
 Mas, Eurinome, que temor te assusta?
 Até onde os tyrannos levar querem

(1) *ai-se.*

A cruel injustiça? Este Estrangeiro...

Eurinome.

Dizem que já Ulysses se conhece
 Que o sacrifício, que hoje mesmo o matão.
 Que furioso combate! Que medonho
 Espectaculo! Oh Ceos! De horror encherão
 Estes meus olhos tristes! Eu não pude
 Distinguir quem triumphava, ou quem morria;
 Era tudo huma tragica mistura
 De gritos, sangue, e mortes. He Ulysses...
 Entre confusas vozes se escutava;
 E junto c'o seu nome repetião
 O nome de Antinois. O Rei, disserão,
 Ao numero ja cede, que o ataca;
 Este execravel monstro a vida perca:
 Cheio de furia o Príncipe, forçando
 A entrada de Palácio, grita, e corre
 Com a espada na mão. Para buscar-vos
 Com ella abre caminho, derramando
 A custa de mil mortes outras tantas
 Fontes de sangue perfido. Tremia
 Debaixo de seus pés. Mas elle chega.

SCENA VIII

Telemaco, Penelope, Ericalea, e Eurinome.

Penelope.

M Eu filho, onde correis? Vinde aqui
 Acabaremos ambos.

Telemaco.

Ah Senhora!

O Ceo está por nós, meu Pai triumphá;
 O seu braço invencível... Mas qué digo!
 Não pôde ser. Alguma Divindade
 Debaixo da mortal visível fórma
 De Ulysses nos defende. Este milagre,
 Este prodigio, ah! Senhora, eu mesmo
 Inda depois de ve-lo o não alcanço!

Penelope.

Justos Deoses!

Telemaco.

Em fim, esses tyrannos

Com implacavel colera o tratavão
 Mil vezes de impostor. Elles querião
 Infamemente á vista deste povo
 Salpicar com seu sangue os vis Altares
 Do abominavel Odio: os inimigos
 Soldados o rodeão, procurando
 Impedir-lhe a saída de Palacio.
 Ah, Senhora, se o visses!... Quando a cheia,
 Que engrossa de repente, e os desentidados
 Pastores accommette, e que os boiantes
 Troncos, e gadoa ante si lhes leva,
 Destruindo-lhes os campos, tanto medo
 Não põe nos corações, como animoso
 Por entre as armas da inimiga gente,
 Dantlo golpes mortars, ganhando campo,
 Faz tremer tudo á vista dos seus olhos,
 Sóbe os degrãos do Templo, e de hum aspecto,
 Qual Jove tem, quando no Ceo se irrita;
 Ah traidores! exclama, cujo braço
 Na minha presença vergonhosamente

De.

*Desolou atrevido os meus Estados ;
 E que sem resistencia maltratando
 O tenro filho , a delicada Esposa
 Pensastes ver , talvez por minha morte ,
 Sem exemplar castigo as vossas culpas !
 Inda vivo , inda vivo , inda conservo
 A impreterivel Regia authoridade ,
 De fazer sobre vós summa justiça.
 Aos golpes desta (e levantou a espada)
 Por terra cahireis , reconhecendo
 A gloria do meu nome. Euné , segui-me :
 Meitor , e Felicio , acompanhai-me :
 Então co' fulminante ferro erguido
 O infame peito de Antinois traspassa :
 Este he o Rei : Em altas vozes grito :
 Este he meu Pai. Segundo o seu exemplo ,
 Contra a guarda estrangeira me arremço :
 Arcás , e os outros Chefes todos ficão
 Ou ja sem vida , ou esperando a morte.
 Nossos fieis amigos inflamados
 De hum zelo heroico todo o povo animão :
 O seu furor as armas lhe ministra :
 Cresce o tumulto , todos se perturbão ;
 Nenhum resistir ousa. Alguns , que fogem ,
 O medo sobre o mar os precipita :
 Por livrar Eurímaco , a seus navios
 O faço conduzir. Oh quanto póde
 A presença dos Reis ! Basta escutar-se
 O nome de meu Pai para entregar-lhe
 Sem mais contradicção os seus direitos :
 O seu Augusto aspecto , a sua força*

Desarmou, e punio quantos tyrannos
 Se oppunhão contra elle. Os mais rebeldes,
 Os mais froxos vassallos ja de todo
 O seu dever, e as Leis Reaes conhecem.
 Em quanto de meu Pai inda a victoria
 Pede a sua assistencia, elle me ordena,
 Que venha procurar-vos. Eu ja tenho
 Affugentado as guardas atrevidas,
 Que as portas de Palacio defendião:
 Por essas Praças seu indigno sangue
 Inda quente fumega. A ver Ulysses
 Vinde pois: apressai-vos: vinde ve-lo:
 No meio das victorias, que o coroaõ,
 Quer-vos a par de si, pois não pertende
 Outro premio maior dos seus triumphos.
 Eu vou buscar Ifise, e em seus desgostos
 Mostrar-me agradecido ao que lhe devo...
 Que quer Eumé?

S C E N A IX.

*Eumé, Telemaco, Penelope, Ericlea,
 e Eurinome.*

Eumé.

EM fim tudo em Ithaca
 Respira huma pacifica bonança;
 Porém livrar não pôde o vosso empenho
 A vida de Eurimaco; pois chegando
 Ja muy perto das náos, foi soçobrado
 Das ondas o escaler, que o conduzia.

T-

Telemaco.

E. onde está Ifise ?

Eumé.

Ella inda ignora

A perda de sen Pai. Por vós espera
O grande Ullysses para ver Laertes.
Senhora.

Telemaco.

Perdoai-me , que eu não posso . . .

Ah cara Ifise !

Penelope.

He justo o sentimento.

Vós me ouvistes em fim , supremos Deoses !
Meus trabalhos crueis recompensastes ;
Mas este bem , meu filho , que conferem
A meus ardentes votos , imperfeito
Será , se não permite o Ceo benigno
Ver-vos reinar em paz , viver ditoso.





VIRIACIA.

TRAGEDIA ORIGINAL

TIRADA

DA HISTORIA LUSITANA

POR

JOÃO XAVIER DE MATOS.

ARGUMENTO.

Depois de assassinado pelos Romanos Viriato, bem conhecido na Historia da Lusitania, Viriacia sua filha foi eleita pelos povos Rainha desta: e sendo atacada em Lacobriga sua Capital, por Pompeo, então General das tropas Romanas, se defendeo deste valorosamente. Entretanto chegou a soccorre-la Corrobo, Principe de Galleces seu alliado, e amante. Pompeo, temendo o novo soccorro, pede hum conferencia, a que assiste Sertorio, desertado Capitão de Roma, recebido dos Lusitanos, eleito seu General, favorecido, e amado
da

da Rainha. Connette Pompeio a Paz; Viriacia a recusa; e Corrobo desprezado della, e cioso de Sertorio, busca a Pompeio; e com elle, e com Aristia, sua repudiada mulher, e refugiada na Lusitania, tratão de atraçoar a mesma Rainha. Descobre-se opportunamente a traição; são presos, e convencidos nella Aristia, e Corrobo. Perdoa Viriacia a ambos. A primeira volta com Pompeio para Roma: o segundo se mata com a sua mesma espada, que se lhe entrega; e Viriacia dando pacificamente a mão de Esposa a Sertorio, a constitue Rei dos Lusitanos. O mais se verá do contexto da Obra.

ACTO

A C T O R E S.

VIRIACIA, Rainha da Lusitania, filha de Viriato.

SERTORIO, Romano, General das tropas Lusitanas.

ARISTIA, Mulher de Pompeo, repudiada, achando-se com os Lusitanos.

CORROBO, Principe de Galeces, alliado de Viriacia.

ESPANO, Confidente de Corrobo.

ARCÁS, Confidente de Sertorio.

ELMIRA, Confidente da Rainha.

POMPEO, General das tropas Romanas.

AUFIDO, Tenente de Sertorio.

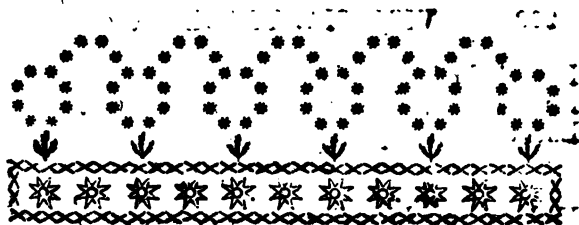
CURIO, Capitão das guardas da Rainha.

Guardas.

A Scena se representa no Palacio da Rainha na Cidade de Lacobriga.

ACTO

QTD



ACTO PRIMEIRO.

SCENA L

Viriacia, e Elmira.

Viriacia.

Não, Elmira: não temas, não te assuste
Guerreiro estrondo de inimigas armas:
A multidão dos perfidos Romanos
Não he sempre quem vence nas batalhas:
O engano, e a traição, que n'outros tempos
Lhe tem dado triumphos vergonhosos
Não lhe hão de valer hoje: os bons soldados,
E os Capitães, que em meu favor pelejão,
O enfiado rosto nunca virão
Do susto, e do temor, que te perturba:
Quanto mais os perigos crescer vejb,
Maior valor para vence-los sinto:
Em vão cêrca Pompeo estas muralhas:
Em vão levar esta Cidade intenta:
Agrande resistencia, que acha nella,

E

E a vinda inopinada de Sertório.
 Huma breve, mas prompta conferencia
 Lhe tem feito pedir.

Elmira.

Mas ah, Senhora,
 Vede o grande poder dos inimigos,
 Que ja tendes á vista, que vos cercão
 Dentro destas muralhas! Vede as armas,
 Vede os preparos!

Viriacia.

Tudo tenho visto.
 Quando este povo me elegeo Rainha
 Da guerreira, da antiga Lusitania,
 A quem por minhas direcções, e industria
 Fiz sacudir do jugo dos Romanos
 O maltratado, misero pescoço,
 Pelo sangue jurei, por esse sangue
 De Viriato meu Pai, o Grão Viriato,
 Vingar-lhe a morte, conservar-lhe o nome.
 Sim, Elmira, esse sangue grita, e clama
 Vingança contra as mãos do impio Aulaces,
 Do falso Distalhão, do vil Minuro,
 Que nelle se manchárão.

Elmira.

Mas os tempos
 Tudo mudão, Senhora: os Lusitanos,
 Que nesse tempo vosso Pai mandava,
 Não são os mesmos, que mandais agora:
 A molle paz por vezes recebida,
 Pela ausencia de hum Chefe experimentado,
 Costuma pouço a pouço ir afrouxando...

O valor militar: desses guerreiros,
Por terra os murriões jazem cahidos;
As ferrugentas lanças encostadas,
E que soccorros esperais agora
De hum braço, que não vive ás armas feito?
Dos successos, o Tempo, a face muda:
Temei os tempos muito mais que os homens,
Que hum zelo igual não fortalece a todos.

Viriacia.

Não he a multidão, ó almas fracas,
Quem so faz o Destino das Coroas,
Quem decide da Sorte das batalhas:
O valor, e a prudencia dos que mandão,
He o Astro, que influe; e se se juntão
A's forças naturaes mysterios,
Os Geryões, os Cyclopes, as Furias
Do mesmo Inferno, em negro campo armados,
Não podem resistir. Elmira, sabe
Que esta passada noite hum sonho tive,
Em que víra meu Pai: Elmira, tremo
Quando quero dizer-lo! Os olhos turvos,
Nadando ja nas afflicções da morte,
Como quem lhe custava levanta-los;
Os beiços roxos, o semblante afflicto....
Tal o vi sobre a terra inda vestido
Das armas brancas, de que usou na guerra:
Ergue o meio corpo, e mal podendo
No cotovelo esquerdo sustentar-se,
Lançando rios de espumoso sangue
Pelos golpes mortaes das rotas fauces,
De hum som doente, de huma voz truncada.

Po-

Pode apenas dizer-me: *Digna filha*
De hum Pai, qual Pai eu fui; estes os premios,
Que recebi dos meus? Estes os louros,
Que a veneravel fronte me cercdrão?
Este incansavel defensor da Patria,
Este braço, flagello dos Romanos,
Nem para sustentar-me ja tem forças:
Sim, esta boca, Oraculo da guerra,
Que pissou tantas ordens, ja não pôde
Mais que recommendar-vos, e pedir-vos
Vingança, e mais vingança contra aquelle
Infame Consul, Scipião infame,
Que aos authores crueis da minha morte
Suggerio com promessas corruptoras
Em nome do Senado, em voz do povo:
E saibz Lusitania, saiba Roma,
E se he possivel, todo o Mundo saiba,
Que no meu sangue, o meu valor herdaste.
 Mais quiz dizer, e dizer mais não pôde,
 Tremo de ve-lo, assusto-me de ouvi-lo:
 Não me cabia o coração no peito:
 Nelle a respiração se me apressava:
 Fôra de mim no mais cruel transporte,
 Que pôde imaginar-se, de ternura
 De amor, de compaixão, entre gemidos,
 Para o defunto corpo, abrindo os braços,
 Como douda corri; mas neste esforço
 Do impulso, que tomei, acôrdo, e vejo,
 Que em vez do corpo, que abraçar queria,
 As sombras vans do meu passado engano
 He somente que abraço: eu não demoro

Hum

Hum so momento á intima vingança,
Em que abrazada toda a minha alma sinto;
Quem me alenta, não póde ser so ella:
Sim, de meu Pai o espirito parece,
Que se me transmittio, se faltou nelle:
Meu Pai he so quem fala, quem medita,
Quem dirige os meus passos, quem governa.
Todas minhas acções; em fim quem manda,
Que vingue a sua morte.

Elmir

Ah, não, Rainha,

Não vos perturbeis tanto, socegai-vos:
Póde a nossa estragada fantasia,
Pela impressão contínua da memoria,
Pintar-nos entre sonhos pavorosos
Espectros muito mais extravagantes,
Sem que involvão mysterios: eu não digo
Que vos deixeis vencer sem resistencia;
Que sem satisfação deixeis a morte
De vosso amavel Pai; que deis ouvidos
A's inficis propostas dos Romanos;
Mas que temais as forças sup'riores
Dos vossos inimigos.

Viriacia.

Que inimigos,
Contra a razão, contra a justiça, podem
O braço levantar, que se não vejão
Castigados dos Deoses? Por ventura
Elles ja não tem raios? Não são elles
Que os Celestes avisos communicão
Aos miseros humanos, por caminhos

A's vezes naturaes, de que se servem?
 Sim, Elmira, este sonho ser não pôde
 Mais, que hum aviso dos Supremos Deoses:
 Elles amão a gloria, que resulta
 Igualmente do premio, e do castigo;
 E se huma acção culpavel os irrita,
 Huma justa vingança os lisongea.
 Alma benigna, sombra generosa
 De meu Heroico Pai! Só tu es digna
 De ir aos Elysios sem passar o Erebo:
 Espéra ver por mim, gostosa espera,
 Desempenhada a gloria do teu nome
 Nos maiores assaltos; tudo quanto
 Póde caber no braço delicado
 De huma fraca mulher, que mais estima
 Morrer, dando sinaes de filha tua,
 Que ser Rainha sem ficar vingada.
 Mas Curio alvoroçado!

S C E N A II.

Viriacia, Elmira, e Curio.

Curio.

JA, Senhora,
 Chega Sertorio ás portas da Cidade,
 E na frente do exercito marchando
 Em ordem de batalha, se apresenta
 Diante dos contrarios, que a cercavão;
 Os nossos inimigos vão perdendo
 O posto, que ganhárão. De huma parte

Ja temos para o campo Lusitano
Livres os passos, o caminho aberto,
Por ondê entrando o Principe Corrobo,
A Palacio chegou: somente espera,
Que para vós falar lhe deis licença.

Viracia.

Dizei-lhe, que entrar póde. Mas dizei-me,
Os nossos Capitães onde ficarão,
Que da sua Rainha não procurão
As ordens, e a presença?

Curio.

Elles o campo
Desamparar não podem: ficão todos
Ja promptos ao combate! Impácientes,
C'o a prompta vista no seu Chefe, esperão
Signal para investir: cada hum delles
Ser hum Leão famelico parece:
N' um desejo marcial arder se sentem:
Em fim soffrer não podem, que hum instante
Se lhes dilate a gloria da peleja.

Viracia.

Ide, e dizei ao Principe, que póde
Entrar para falar-me, que eu o espero.

SCENA III.

Viracia, e Elmira.

Viracia.

Que mal resisto á repugnancia interna,
Que sinto dentro n'alma, quando escuto
O nome deste Principe.

El-

Elmira.

Senhora,

A vossa alma somente com Sertorio
 He que se ajusta, communica, e entende.
 Competidor o Principe o contempla:
 Tem vassallos fieis, e tem debaixo
 Do seu poder disciplinadas tropas;
 Do Lusitano, do guerreiro espo
 A principal, a maior parte formão;
 Não desgosteis hum alliado amante,
 Que vos póde servir: vede com susto
 Que he do desprezo consequencia e odio.

S C E N A IV.

Corrobo, Espano, Viriacia, Elmira, e Curio.

Corrobo

Chegou, Rainha, o opportuno instante
 De expor por vós gostosamente a vida,
 Se he que devo arrisca-la, sendo vossa.

Viriacia.

Senhor, não vos entendo: outros cuidados...

Corrobo.

Digo, Senhora, que melhor seria
 Conservar-vos em paz, viver ditosa
 No meio da pacifica alliança,
 Que Roma vós propõe: indecorosos
 Os partidos não são, quando são justos:
 Vede bem, que do Mundo são Senhores
 Nossos ferros contrarios; mas com tudo
 Se vós o permittis, se he gosto vosso

Que

Que hoje me vejão acabar no meio
Das inimigas, das agudas lanças,
Poderão, sim, por vós tirar-me a vida,
Mas não tirar-me a gloria de perde-la.

Viriacia.

Sei muito bem, Senhor, quanto vos devo:
Tubo quanto he valor, e gloria estimo:
Do vosso braço o grão poder respeito,
E torno a respeitá-lo, porque he vosso.
Mas eu não sei, Senhor, se estes discursos
São indignos de vós, e improprios d'elle.
Que procurão de nós estes Romanos?
Cidade he Roma, como as mais Cidades,
Mais direito não tem: essa Fortuna,
Que lhe ergueo a cabeça sobre as outras,
Não foi para as mandar: e que Destino
Fez ao Tibre Senhor, ao Tejo escravo?
As armas fazem so conquistadores;
Podem fazer, e desfazer Imperios;
Porém a Natureza, e a Justiça
He no. quem dá legitimos poderes.
Estas Leis são a unica baliza,
Que demarcou, que repartio as terras:
Roma tem Leis iguaes; se abusa dellas,
Nós faremos o mesmo? Não, Corrobo;
Crime será não defender o proprio,
Como injustiça conquistar o alheio.
Se ja não cabe em seus districtos Roma,
Dentro da Lusitania nós cabemos.
Fomos queimar-lhe as terras, as Cidades?
Roubar-lhe as pavezellas? Pôr-lhe tributas?

So para elles será feito o Mundo?
 Principe, somos livres, temos armas;
 Valor, e Capitães: se isto não basta,
 Temos justiça, somos Lusitanos.

Carrobo.

Que isso basta, ó Rainha, os Deoses queirão;
 Mas se elles forem taes, quaes forão d'antes
 A favor dos Romanos, que faremos?
 Vede, lembrai-vos, meditai hum pouco
 No Destino de Antiocho: lembrai-vos
 Daquelle Rei, que dominando a Asia,
 De hum numeroso exercito seguido,
 Cuidando ser conquistador do Mundo,
 C'os soccorros de Annibal, derrotado,
 Perdeo mil terras n'uma so batalha,
 Quem teve mão no throno vacillante,
 Que herdára de seus Pais? Quem? A alliaça
 Desses mesmos Romanos, que algum dia
 Tantas vezes elhou de hum ar soberbo:
 Vede em fim de Mithridates a Sorte,
 Grande em fortunas, em desgraças Grande:
 E que fez este Rei em campo armado?
 Outra cousa não foi vencer os Gregos,
 Que preparar triumphos aos Romanos:
 Vede qual foy a sorte de Jugurtha,
 Outros exemplos.

Viracia.

Principe, não podereis
 Esses, nem outros annos-me agredir:
 Não temo Roma, nem tanto a Asia
 Asia soberba, poderosa, le-sion, ta

Encurvada co' peso do seu outro,
 As armas manejar não saberia:
 Nem resiste melhor aos duros golpes
 O dourado broquel, que a ferrea malha.
 Não conquista, defendo o que me toca:
 As nossas lanças como as outras ferem:
 Frescas memórias ante os olhos temos:
 Os veneráveis muros de Palença,
 Testemunhas authenticas, e eternas,
 Ainda não cabião, não cabirão
 Ao impeto Romano: o sitio forte,
 Que Lucullo lhe poz, soffreu constante,
 Té que se retirou de envergonhado:
 O intrigante, o infidél Galba
 A' traição, (da outra sorte o não faria).
 A' traição intentou, matando os nossos,
 Lavar no nosso sangue a sua affronta.

Curio.

Ja para nós, com passos diligentes,
 Hum estranho guerreiro se encaminha.

S C E N A V.

Arçds, e os precedentes.

Arçds.

Hoje Sestoris aos Deuses sobranceos,
 Co' as mais ardentes supplicas, peitando
 Off'ecer hum devoto Sacrificio,
 Para os dar favores na victoria,
 Que dos Romanos confiado espera.
 Ja em torno das Aras Suspendidas

As enfeitadas vítimas ficarão:
 Já o lume sagrado resplandece:
 Já o cheirado fumo aos ares sobe:
 Pende da mão do grande Sacerdote
 A afiada bipenne; e em altas vozes,
 Cheio da Divindade, que o inspira,
 O mais feliz successo nos agoura:
 Tudo está prompto: so por vós se espera.

Viriacia.

Vamos, vamos honrar os grandes Deuses;
 Pedir-lhe protecção, render-lhe culto:
 Principe, confia, que hoje seremos
 De louros coroados; porque os louros
 Não se creáão so para as cabeças
 Dos soberbos, dos perfidos Romanos.

SCENA VI.

Corrobo, e Espano.

Corrobo.

E Que Destino encaminhou meus passos
 Para vir á presença perigosa
 Desta altiva mulher, desta Rainha?
 Quem vio alma tão grande, alma tão cheia
 De hum furor militar! Quem nunca a vira!
 Quem nunca lhe fallára! Quem tivera
 Parte do seu valor! Mais que os Romanos;
 Os meus desejos tenho! Mas que braços
 Podem quebrar cadeias, que se forjão
 Pelas mãos de bellenas, e de virgindades.

Di-

Diante della, eu ja não sou Corrobo:
 De tanta sujeição eu me confundo!
 Commigo mesmo em huma guerra vivo:
 Nas mãos de Amor, o meu maior contrario,
 Ponho as armas, e fujo; elle me segue,
 Elle me alcança, elle de mim triumpho:
 Fraco lhe chamo, quando eu fui o fraco:
 As palavras escolho, o modo estado,
 Com que lhe hei de pintar, sem que a offenda;
 O ardor interno deste amor, que sinto:
 Para dizer-lho, algumas vezes solto
 Humas primeiras, timidas palavras,
 Que costuma forjar o amor, e o susto;
 Mas eu não sei que gesto lhe descubro,
 Que não posso firmar a confiança
 De dizer-lhe o que sinto: ella me corta
 Co' a mais alta politica os discursos:
 Arde-me o peito, gela-se-me a boca:
 Impacientes ciumes me devorão:
 Que he meu competidor Sertorio, julgo:
 Mas quem sabe se são estes juizos
 Imagens vans de frivolas suspeitas!
 He preciso mais prova.

Espano.

Que mais prova?

Senhor, dai-me licença de dizer-vos,
 Que ardeis em vão, que suspirais de balde!

Corrobo.

Mal Espano, diz-me o que sentes:
 Esclarece-me, inspira-me se poderes;
 Se he tal a minha Sorte... Grandes Paeses!
 Mas

Mas com tudo, talvez... Acaba, Espano;
Não nos precipitemos.

Espano.

Permitti-me

Que vos falle, Senhor, com liberdade
De vasalho fiel, e de hum vasalho,
Que vos trouxe nos braços tantas vestes:
Esta mulher soberba, que amais tanto,
Ou se finge, ou tem alma impenetravel
A tudo o que he temura: ella se serve
De nomes estrondosos: os triumphos,
As coroas, a honra, a fama, a gloria,
So se lhe ouve na boca a cada instante:
Sertorio so, que o Heroismo affecta,
Que he o mais falso hypocrita da Fama,
Digne dos seus affectos lhe parece:
O vosso coração não se conforma
Com o seu coração: nelle so reina
O amor de Sertorio: Senhor, crede,
Crede o fiel, o verdadeiro Espano.
Quem vos diz, que não quer esta Rainha,
Dando a este guerreiro a mão de Espano,
Reinar sobre nós todos? Os Romanos
São bons para alliados, Viriacia
Frata para inimiga; e melhor fora
Viver por vós, do que morrer por ella.
Abandonad a alma...

Sertorio.

Não: Espano, a minha
He dos Hebreos principal objecto...
Actuallmente; em a abençoada...
1111

ACTO PRIMEIRO

221

Ao desbocado monstro do crime
He preciso lançar por ora hum freio:
Veremos... sim, veremos... Mas que digo?
Eu não sou igualmente que a Rainha
Absoluto Senhor dos meu Estados?
Não tenho forças? Armas? Braços, Gente?
Não devo ser o Pai dos meus vassallos?
Conserua-los em paz, ve-los felices?
Mas, Deoses immortaes! Que ha de ser della?
Poderei ve-la suspirar no meio
Dos Romanos furores? Conduzida
Indecorosamente, feita escrava,
Prezas talvez as mãos, os olhos bairros;
Servindo de despojo, e de ornamento
A carroça dos barbares triumphos?
Ou solitaria, fugitiva, errante
Pelos montes da Patria? Pelos montes,
Que ella ja vio cercados de bandeiras,
Insignias de victoria? Não, Corrobo
Não he tão vil: quem ama, não se vinga;
E se se vinga, mente, que não ama.
Mas aonde, oh suspeitas inquietas,
Me levais o discurso? Essa Estrangeira,
Que em nossas tropas segurança busca,
A quem tanto Sentorio favorece,
Póde ser, ..

Espano.

Ah, Senhor, abri os olhos:
Formais torres no ar! Primeiro ouvi-me;
Depois resolvereis como quizerdes:
Eu sei que esta mulher he da familia

Da

De huns povos alliados dos Romanos;
 É que ao odio dos seus fugiados, busca
 Segurança entre nós.

Corrobo.

Com tudo eu quero
 Saber qual he de todo o meu Destino:
 Tentarei novamente resolute
 A empreza de explicar-me co' a Rainha
 Em termos mais precisos: se a resposta
 For á minha esperanza favoravel,
 Então por outro modo pensaremos;
 Mas se for desabrida, neste caso
 Busco Pompeo, componho-me com elle,
 Vingo-me de Viriacia, e de Sertorio:
 O banido Sertorio nestes braços
 A vida acabará; e sem piedade
 Hum tyranno serei em vez de amante;
 Em vez de hum alliado, hum inimigo:
 Sim: Pelos Manes, pelos Deoses todos,
 Se necessario for, prometto, e juro
 De não tornar atras: postas em campo
 Do negro Averno as vingativas Furias
 Contra os fracos mortaes, tão dura guerra,
 Tão lamentavel, tão furioso estrago
 Não farão, como eu so contra esta gente,
 Movendo o escudo, arremeçando a lança.



ACTO SEGUNDO.

SCENA I.

Sertorio, Arctés, Aufido, e Capitães.

Sertorio.

EM fim, os grandes Deoses se declarão
 Ja em favor das armas Lusitanas:
 Eu observei nos auspícentes voos
 Das agoureiras aves, por tres vezes,
 Certos sinaes da protecção Celeste:
 As palpitantes, trepidas entranhas
 Das victimas sagradas nos segurão
 Inda mais a esperança, que ter devo.
 Nós não temos, leaes compatriotas,
 Mil favores do Ceo exp'rimentado?
 Quando fugimos da confusa Roma
 A' injusta proscricção do infame Sylla,
 Sem Patria, errantes, sem abrigo expostos
 A's mãos dos mais crueis perseguidores,
 Esta grande mulher, esta Rainha,
 Esta Deosa benigna nos recolhe;
 Dá-nos soldados, armas nos off'rece,
 Com que me faço Chefe do partido,
 Que vós hoje seguís: a vossa Patria
 Ja não he Roma, a vossa Patria he esta:
 A obrigação de defende-la he vossa:
 Não receeis; seremos vencedores;

E,

E, se possível for, inda poremos
Perpétuo jugo na cerviz de Italia.

Aufido.

Sertorio, como vós respeito os Deoses;
Sou grato aos beneficios; reconheço
Que devo dar-lhe graças; mas não posso
Ver sem rancor, ouvir sem repugnancia,
Huma Rainha cheia de soberba,
Huma audaz, temeraria Lusitana;
Huma filha... (não posso repeti-lo
Sem suspirar! Oh Deoses!) huma filha
De Viriato, Capitão, que a Roma
Será sempre odioso.

Sertorio.

Mas que importa;
Se aos Deoses agradavel será sempre.
Por mais que discorrámos, não podemos
(Tal he, Aufido, a nossa curta esfera)
Exceder os limites sinalados,
Que poz á Natureza o Author della:
Co' a nossa vista a nossa intelligencia
Tem grande semelhança: distinguimos
Os objectos somente em certo ponto;
Alem do qual não percebemos nada
Senão confusamente; e se os mysterios
Communs aos homens, como aos Deoses, fazem,
Que ficava de grande á Divindade?
Ella so os revela como, quando,
E a quem quer, como o fez a este indigno
Miseravel humano. Foi servida
A casta Deosa, a minha protectora,

Cla.

ACTO SEGUNDO

Clarissima Diana, apparecer-me
N'um doce sonho, quando descansava
Huma vez sobre as fervidas areias
Das praias Africanas: Vai (me disse)
Buscar soccorros entre as gentes Lusias:
Viriacia acharás, a mais prezada,
A mais querida filha do meu Coro;
Com ella farás guerra aos teus contrarios:
Darás batalha; sairás triumphante.
A' voz do Ceo obedecer he justo:
Ao aceno dos Deoses nós devemos
Abaixar a cabeça.

Aufido.

Eu a inclino

A tão altos Decretos.

Sertorio.

Sim, Aufido,

Mais remedio não ha que obedecer-lhe.
Saberás, que Pompeo pede á Rainha
Hoje huma conferencia; e devo ouvi-la
Sobre a resolução deste incidente:
Em tanto não convem, que o campo esteja
Sem a vossa pessoa, de quem fió,
Que a qualquer movimento dos contrarios
Sejais attento; e que animeis de novo
Para qualquer successo as nossas tropas.

S C E N A II.

*Sertorio, e Arcás.**Sertorio.*

TU bem sabes, Arcás, que sempre foste
 Depósito fiel, guarda segura
 Dos mais particulares sentimentos,
 Que ha no meu coração: os inimigos,
 Que eu mais devo temer, não são aquelles;
 Que tu vês contra nós postos em campo:
 Estes mesmos Romanos fugitivos,
 Que nos tratão com rosto de amizade,
 São os maiores....

Arcás.

Esses proscriptos, que, fugindo á morte,
 Achão so em vós a segurança?
 Será possível?

Sertorio.

Sim: esse despojo, . . .

Misero resto das vencidas tropas
 Do nosso infeliz Mario: esses ingratos,
 Que da grandeza vã dos seus maiores
 Se jactão, como Sylla: eu sei, que todos
 Do meu escuro nascimento fallão;
 Mas o meu braço temem; sim: murmurão
 Desta mesma Rainha generosa,
 Quem em suas terras os recolhe, e ampara;
 E querem dar-lhe Leis.

Arctis.

Esta Rainha,

Por vós, e não por elle dissimula:
 Eu não sei que ternura em vós observo,
 Por mais que disfarceis, assim que a vedes:
 Sobresaltai-vos so de ouvir-lhe o nome:
 Vós, que no meio de erueis fadigas,
 Apenas escapando ás mãos dos vossos,
 Perseguido da Patria, inda tão longe;
 Que nem aqui vos deixa estar seguro;
 Vós, que em todos os lances da Fortuna
 Hum sinal de fraqueza nunca destes,
 Ou no rosto, ou no peito, como agora
 Suspirais, e tremeis? Muito vos deve,
 Senhor, esta Rainha.

Sertorio.

Sim; eu amo,

Eu amo a Viriacia; pois conheço
 Não ser mais, que huma Deosa bemfeitora;
 Que o Ceo nes deparou: eu amo nella
 Igualmente a belleza, e a virtude:
 Ja de meu coração a fiz Senhora:
 Por ella he que suspiro: não presumas,
 Que os homens são de pedra: quando a vejo;
 Não cuides que he Sertorio quem suspira,
 Quem suspira he somente a Natureza.

Arctis.

Mas dizai-me, Senhor, como he possivel,
 Como he possivel, que quem ama engane?
 Que a façais crer nos Deoses, que vos fallão?
 Que a façais adorar falsos mysterios?

Ser-

Sertor.

Tu, meu sábio Arcás, inda não sabes
 Conduzir os mortos; quem os dirige
 Pelo simples caminho da verdade,
 Dificultosamente os traz sujeitos:
 As Leis da natureza, e os dictames
 Da suprema razão lhos bastarão
 Para os trazer conformes; porém julgão,
 Que as acções mais heroicas não são grandes;
 Se não são reveladas; e os successos
 Ainda mais communs, mais ordinarios,
 So acções grandes são, se são mysterios:
 Imaginão que os homens recebem
 O espirito dos Deoses, por quem fallão,
 Nelles os mesmos Deoses se transformão;
 Convem muito entreter esta Rainha,
 Co' as apparencias vans de altos prodigios;
 Por não ir cegamente expor-se á furia
 De tantos inimigos: desta modo
 He que das almas pedulas triumpho
 A vã superstição; os Sacerdotes
 Que de hum ar magestoso revertidos
 Vês extender as mãos sobre os Altares
 Contra innocentes victimas, não cuidas
 Que são mais, que hums hypocritas Ministros
 Da leve suggestão, que o povo adora:
 Não vês hum destes co' cabello hirsuto,
 Tortando a boca, revirando os olhos,
 Entre desconcertados movimentos
 Beatar sonhos, agourear futuros?
 Pois não he mais que hum mais extravagante

Com

Com que affecta no Mundo a industria humana;
 O rapto excelso de hum furor Divino,
 Que falla nos Profetas. Mas que vejo,
 Que já chega a Rainha: o seu aspecto

S C E N A III.

Viriacia, Sertorio, Arcás, Curio, e Guardas

Viriacia.

JA, Senhor, vossa vinda inesperada,
 Para mim principia a ser gostosa,
 Para Pompeo a ser fatal começa:
 Pela parte mais forte da Cidade,
 Desamparando o campo, se retira:
 Marchou a unir as tropas, e fez alto:
 Não sabemos qual seja o seu designio.

Sertorio.

Não, Rainha, a mim não; a vós se deve
 Todo esse favoravel movimento,
 Que fez o inimigo: o vosso esforço,
 As vossas providencias, a vossa alma,
 São os soccorros, que Pompeo mais temo
 Atribui, Senhora, esse receio
 Mais aos vossos distames, que ao meu brago;
 De não poder vencer-vos, os Romanos
 A affronta diminuição, com pedis-vos
 Talvez, em vergonhosa conferencia,
 A paz, e não a guerra: sois Rainha,
 Sois Senhora absoluta; e neste caso
 Vossa vontade decidir se póde:
 E estai certo, ó Rainha, que o meu peito,

O meu braço, o meu sangue...

Viriacia.

Pois, Sertorio,

O meu sangue, o meu peito, e o meu braço
Arriscarei também: ver-me-heis na guerra
Sempre junto de vós: e que Fortuna
Não será para mim ver-me triunfante,
Para mais generosa, neste dia,
Os meus triunfos repartir convosco!

Sertorio.

Magnanima Rainha, o vosso esforço
Eu o conheço, o inimigo o teme,
A mesma Roma o sabe; mas, Senhora,
A vossa vida, a vossa amavel vida,
Não deveis arriscar: as nossas bastão
So para honrosas victimas da guerra:
Val menos hum exercito no campo,
Do que vós na Cidade: dentro della
Inimigos domesticos não faltão,
Que da vossa presença necessitão:
Não são, menos heroicos os triunfos,
Que se conseguem da perfidia occulta;
Que sobre as Cortes o veneno espalha:
Eingualmente, Senhora, revelado
Me foi dos Deuses, que so sabem tudo,
Que sahir não devia desta Cidade.

Viriacia.

Oh Deuses immortaes! Será possível,
Que nos peitos fieis dos Lusitanos
A feia nodoa da traição cahisse!
Aquelle mesma gente, aquelle povo,

Que

Que jurou nestas mãos fidelidade!
 E que á sua Rainha devem tanto,
 Que ainda não tem as lagrimas enxutas
 Na morte de seu Pai! O seu abrigo,
 O seu único abrigo, o seu remedio,
 O seu escudo, o defensor da Patria?
 Se he tal a minha Sorte, eu ja não quero,
 Ja não quero viver: vinde, Romanos,
 Em mim primeiro exp'rimentai as lanças:
 Tirai d'entre os humanos a mais triste,
 A mais infausta vida.

Sertorio.

Socegai-vos;

Outra gente, sem ser a Lusitana,
 He quem deveis temer: importa muito
 Cuidar na guarnição destas muralhas;
 E muito mais, que toda se componha
 Dos vossos nacionaes: podeis, Senhora,
 Confiando-vos delles, dar sem susto
 As Ordens, que quizerdes; que depende
 Da vossa duração, da vossa vida
 Toda a felicidade Lusitana.

Viriacia.

Que presagas suspeitas me inquietão
 O triste coração! Nesta Cidade
 O Principe cioso, e descontente,
 Sendo quasi hum garante, hum medianeiro
 Entre mim, e Pompeo! Eu dependente
 Das suas tropas! Ah, erueis suspeitas!
 Valei-me, oh Ceos, em taes desconfianças.

Curio.

Senhora, eu vi o Príncipe Corrobo;
 Não há muitos instantes, neste Paço
 Confuso, absorto, pensativo, incerto,
 Ora fazendo acções, ora soltando
 Mal compostas palavras, como aquelle;
 Que revolver costuma na memoria
 Successos grandes, temérasas cousas.

Sertorio.

Não temamos; nos Deoses confiemos:
 E em quanto eu vou examinar a fórma,
 Que Auido terá dado ao nosso campo,
 E a inspirar nos soldados novo alento,
 Sem mais perda de tempo, vós, Senhora,
 Ide incensar os Idolos da guerra;
 Marte nós cobrirá c'o seu escudo:
 Contra elle vai, quem contra nós peleja:
 Valor, presteza, accordo, he so quem fazem
 O bom, ou máo successo das campanhas:
 Compra-se a Fama á custa dos trabalhos:
 São os grandes perigos Pais da gloria.

Viriacia.

Fiai, Senhor, da minha vigilancia
 Os mais possíveis, os mais promptos meios
 De atalhar os enganos, e os assaltos
 Das intestinas sedições, que possão
 Ameaçar levemente esta Cidade.
 Como hum forte soldado, eu mesma armada
 Irei rondar da Patria Laçobriga
 As invictas muralhas, as ameias,
 Té os medonhos fossos, tudo, tudo.

Visitarei eu mesma; a mão, que póde
Com o pezo do Sceptro, tambem possa
Mover a espada, sopear a lança. (1)

SCENA IV.

Sertorio, e Arcás,

Arcás.

HE possível, Senhor, que hajão traideres
Dentro desta Cidade! E que derramem
Occultamente o tragico veneno
Das sedições Romanas!

Sertorio.

O receio
He da prudencia amigo inseparavel:
He meu rival o Principe Corrobo:
Não sei que má vontade lhe descubro
Contra o nosso partido: Arcás, eu temo
(Os Ceos o não permittão) que os Romanos
Ainda tenham nelle hum aliado:
E assim que esta Rainha o desengana,
Tu o verás traidor. Mas Aristia
Tu retira-te, Arcás, que eu ja te busco.

R II SCE:

(1) Vai-se.

ACTO II (1)

S C E N A V.

*Sertorio, e Aristia.**Aristia.*

HUma noticia, que de ouvir acabo,
 De hum frio susto, o coração me gela:
 Dizem, Senhor, que de Pompeo mandado
 Hum heraldo, do campo aqui chegára;
 E que á Rainha huma audiencia pede
 Para tratar, e conferir as pazes,
 Que propõe receoso aos Lusitanos.
 Ah! Se sabe, Senhor, o meu Esposo,
 Que inda dura Aristia, e que respira
 Dentro destes lugares!

Sertorio.

Nada posso
 Dizer-vos, Aristia: sei que os Deoses
 Dos humanos respeitão a innocencia:
 Spis fiel ao Esposo, e elles devem
 Premiar a virtude: as nossas armas,
 E o seu favor teréis.

Aristia.

De vós, e delles
 Todo o favor confio: tudo espero.

Sertoria.

Eu vos deixo, Senhora, porque entendo
 Que assim as vossas magoas lisongeio:
 Não vos quero tirar o triste allivio
 De poder suspirar a vosso gosto. (1)

302 ii A

(1) *Vai-se.*

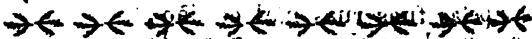
SCE

S C E N A VI.

Aristia so.

HE possível, oh Deoses! que nem tenha
 Tempo para ser triste! Que não possa
 Fartar huma alma triste de tristeza!
 Quem me diria, oh Fortuna instavel!
 Oh tempo enganador! Quem me diria,
 Quando ouvindo os applausos, e os louvores,
 Que tu dourar costumás, conduzida
 Entre os affagos da subtil lisonja
 A ver, e authorizar, por tantas vezes,
 Os grandes espectaculos de Roma!
 (Ingrata Roma!) Sim, quando escutava
 As acções grandes, os heroicos feitos
 Dos Capitães, dos Consules famosos,
 Que formavão a serie esclarecida
 De meus altos Avós! Quando os triumphos,
 Que pelas tuas ruas mal cabião,
 Em dourados paineis hia notando
 Cheia de gosto, cheia de vaidade:
 Quem diria, oh Fortuna! Oh Roma! Oh Templo!
 Que toda essa grandeza era hum ensaio
 Do meu abatimento! Quem diria,
 Que depois de pizar, como Senhora,
 A Capital do Mundo, como escrava
 Peregrinar havia os apartados,
 Desconhecidos montes Lusitanos!
 Quem diria, que a Esposa, a fiel Esposa
 Do Tyranno Pompeo, fosse obrigada

A buscar nos estranhos a piedade,
 Que não achou nos seus, nem nelle mesmo!
 Barbaras Leis, dictames sem justiça;
 Que permittistes o cruel repudio
 Das miseras mulheres! So dictados
 Pelas bocas infames de imprudentes,
 Impios Legisladores. Não sei como
 Tão cobertes de afrontas appareço
 Na face do Universo! Eu corro, eu fujo
 A buscar outro Mundo, onde não haja
 Quem do meu mal se ria: mas primeiro,
 Tu, injusto Rompeo, que me abandonas,
 Dás Deusa te verás desamparado;
 Dos homens perseguido, feito escravo,
 Morto, sem sepultura, e sagabundo,
 A tua negra sombra sem reposito,
 Sem esperança, sem alivio, nunca
 Da presença dos Deuses será digno.



ACTO TERCEIRO.

SCENA I.

Corrobo

Que se veja a grandeza de Corrobo,
 Quasi publicamente atropelada
 Das insolentes pés de hum vil desprezo
 Desprezada, não so, mas queterfita

A

B

E por quem? Por Sertorio! Hum revoltoso,
 Hum rebelde, hum escandalo da Patria,
 De nós malquisto, e entre os seus sem nome!
 Que tolere o final desabrimento
 De huma altiva mulher, de huma Rainha,
 Que inda fora vassalla, se eu não fora!
 Que podia a Coroa disputar-lhe,
 Negar-lhe os meus soccorros! Ah Tyranna!
 Se eu não fora, talvez que nem podesses
 Firmar a planta no degráo primeiro
 Do mal seguro Throno, que hoje occupas.
 Tu verás contra ti o mesmo braço,
 Que ha pouco tempo em teu favor se erguia:
 Hoje será hum raio fulminante;
 Hum raio da vingança, que respiro.

S C E N A II.

Corrobo, e Espano.

Espano.

Senhor, quem vos offende, e vos obriga.
 SA tão ardente, a tão fatal transporte?
 Bem sabeis que o meu zelo...

Corrobo.

Ah charo Espano!
 Sabe que Viriacia... Mas não saibas
 Tambem a minha affronta. Não sei como
 Incendio tal me não reduz a cinzas!
 As implacaveis Fúrias me devorão
 As ciosas entranhas: huma braza
 Tenho por coração: huma faisca

SOL.

Sóto em cada palavra, que artículo:
So relampagos vejo: a meus ouvidos
No troveja a vingança. A ímpia; a ingrata;
A cruel Viriacia....

Espano.

Desprezou-vos?

Eu o sinto, Senhor, por vossa honra.

Corrobo.

A Corrobo, a hum Príncipe, não deve
Responder-se tão mal. Quiz por mil vezes
Dizer-lhe o meu amor: principiava....
E, ella sem me otvir, interrompia
A prática amorosa: até que exposto
Ao que sempre temi, ja não podendo
Soffrer tanto artificio, tudo quanto
Subministra a paixão, Amor fecunda,
Balbuciante lhe disse. Então a ingrata,
Sem querer por-me os olhos, me responde...
(Não posso repeti-lo!) Em fim de todo
As minhas esperanças se acabarão:
Porém o meu amor (ah claro Espano!
Olha, tenho vergonha de dizer-to)
Não se acabou com ellas: inda sinto....
Eu me confundo, eu não me entendo, eu morro.
Amar, e aborrecer como he possível!
Como he possível, sim; que ao mesmo tempo
Me fação guerra, o peito me traspassem
De Amor as settas, e o pinhal do Odio!

Espano.

Inda vós vacillais irresoluto?
Quereis que a Lusitania de vós zombe!

Que-

Quereis ser, ah Senhor! o assumpto, o objecto
 Da irrisão de Roma? Quereis hoje
 Ajudar a Fortuna de Sertorio?
 Essas finezas, que de vós consegue
 Esta altiva mulher, não são, Corrobo,
 Mais que triumphos, que de vós alcança
 Vosso mesmo rival: abandonai-a:
 Se ella vos quer perder, que perdeis nella?
 Não a façais ingrata; se vos foge,
 Fugi-lhe vós tambem, que nesta guerra
 As retiradas tambem são victória.
 Desamparai, Senhor; estes ingratos;
 Não vos sacrificueis: que esperais delles?
 Não he melhor juntar-vós aos Romanos;
 Unir ás de Pompeo as vossas tropas;
 O numero augmentar dos descontentes,
 E talvez dos vassallos? Sim; quem sabe...
 Bem pôde ser que então esta Rainha...

Corrobo.

Sim; estou resolutó: o teu conselho
 Será hoje o Senhor do meu Destino:
 A's tuas sabias direcções me entrego:
 Busca Pompeo: propõe-lhe os meus desígnios:
 De ti confio tudo.

Espano.

A confiança,
 Que vós fazeis de mim, e a que ter devem
 Na vossa approvação os meus antigos,
 Fiéis procedimentos, liberdade
 Para tudo me dá: ja instruido
 Estou das injustiças, que com vosco

(Pra)

Praticou a Rainha; e não soffrendo,
 Que fosseis por mais tempo de huma ingrata
 O público ludibrio, por pessoa,
 Capaz de manejar qualquer destreza,
 Fiz propor a Pompeo da vossa parte
 Hum pacto de amizade: elle gostoso
 Este partido vantajo acceita,
 Com que espera trazer ao nosso jugo,
 Em pouco tempo, as forças Lusitanas:
 E porque sabe, que anda em nossas tropas
 Acaso esta mulher, desconhecida,
 Que se diz ser Romana: generoso,
 Com mil promessas de avultados premios,
 O animo dizpoz de mensageiro,
 Para poder facilitar-lhe o modo
 De encontrar-se com ella, ao mesmo passo
 Que a fallar-vos chegasse.

Corrobo.

Ah charo Espanol!

Que fiéis, que politicas idéas!
 Que providencias, dignas de memoria,
 N'um Principe offendido! Mas que vejo!
 Viriacia!... E com ella, .. oh Ceos! Fuja-
 mos. (1)

(1) Vai-se

SCE

SCENA III.

Viriácia, Sertorio, Curio, e Guardas.

Sertorio.

A S sustado Corrobo de mim fuge:
O meu receio, ó Rainha, he certo:
Mas, Viriácia, não temais, que a falta
De hum frouxo defensor não enfraquece
As nossas forças; temos as que bastão

Viriácia.

Não ha sitio, Senhor, nesta Cidade,
Nem lugar importante, que eu não visse,
Que eu não examinasse: os que a defendem
São soldados fieis, são Lusitanos:
Não he o inimigo o que eu mais temo;
De outro susto maior me bate o peito:
Pompeo está chegando: a recebe-lo
Ja enviei as escolhidas Guardas,
Com que á minha presença neste instante
Será solemnemente conduzido.
Mas elle chega ja. O Ceo me inspire

SCENA IV.

Pompeo, Sertorio, Viriácia, Curio, e Guardas.

Pompeo.

R Espetade, Senhora, o vosso esforço,
E as amaveis Virtudes, que vós cercad;
Hum perpetua paz, hum alliança,
Que os Deoses amão, que as Nações invejão,

Ho-

Hoje, em nome de Roma, vos off'reço:
 Eu ja por vós me interessei com ella,
 Pintando-lhe a grandeza da vossa alma:
 Aquelle povo generoso, e forte,
 Nascido so para dar Leis ao Mundo,
 Quer a vossa amizade, e so pertende
 Que lhe restituais alguns. . . .

Viriacia.

Ouvi-me:

O povo meu, que te erigio Rainha,
 Foi para o conservar independente,
 Foi para o defender, e hei de entregá-lo?
 Hei de prender-lhe as mãos, para lhe pôrem
 Novos grilhões de sujeição Romana?
 Fazer escravo, a quem nasceo tão livre?
 A nossa Lusitania he tão Senhora,
 Como he a vossa Roma: se orgulhosa
 Affecta dictar Leis ao Mundo todo;
 Do alto Capitolio, do meu Throno,
 Das minhas proprias terras, daqui mesmo,
 Posso polir, posso dar Leis aos Povos,
 Que me vivem sujeitos: não pertendo
 Dirigir os alheios: a Justiça,
 A Verdade, a Razão, a Temperança,
 Que fugirão de Roma, aqui se adorão.
 Em fim Pompeo. . . .

Pompeo.

Ah, eu não sei, Rainha;
 Não sei, Senhora, se afiais a espada,
 Que vos ha de ferir! Pensais muito alto,
 E temo a vossa proxima ruina:

Os vossos poucos annos, e os conselhos,
Talvez pouco prudentes, dos que vivem
Dentro da vossa Corte, alguns Romanos,
Que escapados da morte, vagabundos,
E vencidos....

Sertorio.

Quem são esses vencidos?

Este rosto, Pompeo, sim se tem visto
Na frente dos exercitos contrarios,
De sangue, e pó coberto muitas vezes;
Porém nunca medroso, nem voltado:
Essas mesmas campinas, que ja forão
De agonizantes, e de armados corpos
Semeados mil vezes, perguntai-lhe,
Que mãos, que ferros as tingio de sangue;
Perguntai-lhe quem foi, que dos Romanos
Tantas almas mandou ao Reino escuro;
Os Pretores, os Consules serião,
A quem eu vi as costas? Com Sertorio
Cuido que não fallais: os meus soldados,
Sim, os meus Lusitanos, brevemente....

Pompeo.

Basta, Sertorio: sei o vosso esforço:
De todos esses miseros Romanos,
Sei qual fora o Destino; mas, Sertorio,
Vede bem, que he Pompeo, com quem fallastes:
E a vós, Rainha, quero dar-vos tempo
Para pensar melhor: de vans quimeras
Não vos alimenteis: Senhora, vede,
Vede, que o tempo corre...

Viriacia.

A Viriacia,

He todo o tempo o mesmo: eu não procturo
 Fazer guerra a ninguém; a paz desejo;
 Mas huma paz segura, honrada, e livre
 Das vergonhosas condições, que Roma
 Põe a seus alliados: renuncio
 Privilegios, e titulos pomposos,
 Com que a gente insensata engana, e tenta:
 Essa doce amizade dos Romanos
 Não he mais do que hum ferro, com q̄ imprimem
 Na vergonhosa face dos viventes
 A marca vil da escravidão infame
 Dos pobres alliados: essa fera,
 Esse monstro de Roma, cuja boca
 Sempre faminta, sempre ensanguentada,
 Quer tragar as Cidades, e os Imperios,
 Quando he que ha de fartar-se? Por ventura
 Quererá engolir o Mundo inteiro?
 Sim; dizei-me, Pompeo, se os Lusitanos
 Fossem cercar a vossa illustra Roma;
 Matar-lhe as gentes; destruir-lhe os campos;
 Pôr-lhe de duras Leis pezado jugo;
 Com intestinas barbaras discordias
 Envenenar-lhe o Tibre; que dirião?
 Que dirião os vossos Senadores,
 Padres Conscriptos, povos illustrados,
 Que querem ser os sabios do Universo?
 Pompeo, reflecti bem, pensar hum pouco:
 Lisonjeiros partidos não me tentão:
 Protesto conservar livre o meu Reino,

Em quanto tiver vida ; ou sepultar-me
 Com ellé juntamente : em fim , comvosco
 Nem quero a paz, nem me intimidá a guerra.(1)

S C E N A V.

Pompeo, e Sertorio.

Pompeo.

NÃO sei, Sertorio, como vós, sabendo
 O vantajoso, o desigual partido,
 Que temos contra vós, vedes, sem mágoa,
 Correr precipitada esta Rainha
 A' sua perdição? Contra nós, vede,
 Que ja não valem do passado engano
 As trações, e as industrias: estas armas
 Ja valer vos não podem.

Sertorio.

Nem eu devo

Aproveitar-me dellas: este braço,
 Este peito, essa gente, aquelle campo,
 A simples força, a natural defeza,
 A justiça da causa, em fim, aquelles
 Justos Deoses, sagrados Protectores,
 Que se alimentão da verdade eterna,
 Que vós desconheceis, serão as armas,
 Com que vencer espero: tal foi sempre
 O character dos nobres Lusitanós:
 Tal he agora o meu: e vós, bem cedo,
 Vós, bem cedo, vereis nesse theatro
 Das tragedias Romanas, se he preciso

(1) *Vai-se.*

Para Sertorio, o vil estrategema
 Daquella falsa fé, que n'outro tempo
 Já deo (se deo) algum triumpho a Roma.
 Do vosso braço, e do meu braço; o Mundo,
 (Que o Mundo algumas vezes faz justiça)
 O poder, e o valor julgará hoje:
 Julgará qual de nós merece o nome....
 A Deos, Pompeo: no campo nos veremos.

S C E N A VI.

Pompeo só.

Que soberbo character destas gentes!
 Terriveis, perigosos inimigos.
 Que faça o nome so de Roma, ouvido,
 Estremecer o Mundo, e que não faça
 Todo o poder das armas Consulares
 Medo a hum canto da terra, tão pequeno,
 Como he a Lusitania! Que os Romanos,
 Devastando os limites do Universo,
 Venhão, cheios de barbaros triumphos,
 Perder aqui a gloria, que ganhárão
 De Africanas, Asiaticas conquistas!
 Os mais famosos Capitães de Roma
 Todos aqui perdêrão (que vergonha!)
 Ou a vida, ou o nome. Ainda o Tejo
 Corre turvo c' o sangue derramado
 De immensas vidas, de milhões de corpos.
 Porém hoje vereis, ó Lusitanos,
 Geração atrevida, que so sabe
 Pompeo vingar a Pátria: o pouco tempo,
 Que

Que pedi á Rainha, foi somente
Para esperar aqui esta Estrangeira,
Que dizem ser Romana: e de Corrobo,
Principe de Galeces, acceitando
A precisa alliança, espero, espero
Com sua gente forte, dar principio
A' vingança de Roma. Ja, Sertorio,
Ja, soberbo Sertorio, estás vencido,
Sem que Pompeo desembainhasse a espada.
Sim; para que he mancha-la no teu sangue?
Não esperarás tanto: neste dia
Porás nas minhas mãos, sem resistencia,
Os vencidos troféos: dos teus soldados,
Inda hoje mesmo, os preparados ferros.
Serviráõ so para cortar os louros,
De que espero coroar esta cabeça.
Basta escutar-se do meu nome o éco,
Basta a minha presença temerosa
Para attrahir, para vencer as armas
Dos teus mesmos amigos. Com que affronta,
Descoberta a cabeça, o pé descalço,
Com os olhos no chão, com vis cadeias,
Entrarás entre os miseros escravos
Pelas portas de Roma! E com que gosto
Olharáõ para ti esses guerreiros,
De quem triumphaste ja! Mas com que mágoa
Os parentes, e amigos! Será esta
A mulher, por que espero? Assim parece

S C E N A VII.

*Aristia, e Pompeo.**Aristia.*

A Onde vou? Que empenho será este
De me fallar... não sei, não sei que susto,
Que gosto, e que temor, ao mesmo tempo
O inquieto espirito me agita!
Mas que vejo!

*Pompeo.**Aristia!* Como! Oh Deoses!*Aristia.*

Pompeo! Cruel Pompeo, inda tão longe
Me persegues.... fujamos.

Pompeo.

Chara Esposa,
Socegai-vos, detende-vos hum pouco:
Vós neste sitio! Quem vos trouxe a elle?
Peregrina, sem fausto, em terra estranha,
Eclipseado o esplendor d'alta grandeza
Do vosso nascimento! Que imprudencia!
A vossa condição, o vosso sexo,
O nome, a Fama, o credito da Patria
Devieis respeitar: que dirá Roma,
Que dirá Lusitania, vendo a Esposa
De Pompeo neste estado!

Aristia.

E neste estado;
Que dirá Roma, Lusitania, o Mundo,
Vendo os procedimentos inhumanos,

As sem-razões, a pública injustiça,
 Que praticou com frívolos pretextos
 O Esposo de Aristia! Esse guerreiro,
 Que se jacta de Heróe, mais lhe convinha
 A Fama de cruel, de Tigre o nome;
 Deixai, que de vós fuja...

Pompeo.

Amada Esposa,
 Não me fujais: amada Esposa, basta
 A minha confusão para castigo;
 Para desculpa a minha mocidade,
 Então inadvertida: este consorcio
 A meus loucos desejos se propunha,
 Qual soberba montanha, que se erguera,
 Entre mim, e a Fortuna: mas ja agora
 Dos meus erros passados....

Aristia.

Desses erros

Offendidos os Ceos, por sua conta
 Corre a justa vingança: eu sou quem tenho
 Menos que perdoar-vos: os Romanos,
 Cujas barbaras Leis o permitirão,
 Basta que vos desculpem: sim, deixai-me,
 Deixai-me ir acabar, onde não haja
 Quem seja testemunha das affrontas,
 De que vós me cobristes: vede, vede,
 Que inda sou Aristia, e que esse tempo,
 Que tantas vezes me chamastes vossa,
 Ja se acabou: ah! Não queirais, tyranno,
 Segunda vez fazer-me desgraçada:
 Da minha desventura satisfeito

S ii

Fi-

Ficai, que eu vou senti-la. . . .

Pompeo.

Que transporte

Vos perturba, Senhora? Reconheço
Que sou réo ante vós; mas réo de hum crime,
De que os Patrios costumes me livrarão,
Antes de o commetter.

Aristia.

E das promessas

Daquelle eterno amor, que me jurastes,
Tambem as Leis vos salvarão?

Pompeo.

Senhora,

Não mallogreis o instante favoravel,
Que a Sorte nos off'rece. Ah! Crede, Esposa,
Se fordes minha, que serei so vosso:
Triumfastes de mim: fazei agora
Que triunfe comvosco.

Aristia.

E he possivel

Que eu me esqueça, Pompeo, de que me fostes. . .

Pompeo.

A ser victorioso neste dia,
Vós podeis ajudar-me: neste instante
Dei a mão a Corrobo, e nos ligámos
Para esta grande empreza, em que seremos
Senhores da Cidade em poucas horas;
E podeis entregar-vos, sem receio,
A's direcções do Principe Corrobo,
Que vos ha de fallar.

Ari

Aristia.

Que novos sustos!

Pompeo.

Senhora, não temais, que o Ceo nos guia!
Oh instante feliz! Elle parece
Que deste dia me duplica as glorias:
A Fortuna com ellas, para sempre,
Ha de dourar do nosso amor os laços;
Amavel Aristia, a Deos: he força
Que vos perca de vista estes momentos. (1).

S C E N A VIII.

Aristia so.

A Deos, Pompeo: sabe a Fortuna, quando
Tornaremos a ver-nos: tanto gosto
Tanta Ventura, eu não sei se a creia!
Hum coração ferino, hum Tigre humano,
Inda, inda em Pompeo se me figura:
Este mesmo Pompeo compadecido,
Não he outro Pompeo; he esse mesmo,
Que ja me fora ingrato: sim, quem sabe
Se serão estes meus contentamentos
Letras c'ò dedo sobre a agua escritas,
Que inda antes de formadas se confundem!
Depois de ser a fabula de Roma,
Inda serei da Lusitania o risco?
Triste imaginação, não me perturbe
Huma esperança fragil, que começa
Inda agora a nascer. Por hum instante

Dei:

(1) *Vai-se.*

Deixa-me crer no gesto, que me finge
 O meu Pompeo, o meu amado Esposo:
 Deixa-me com tão pouco estar contente;
 Mas a minha alegria he misturada
 Não sei com que tristeza, com que susto!
 Meu coração, (qual vaso, que tivera
 Amargoso licor por muito tempo,
 E que difficilmente se lhe tira
 A força ingrata do sabor primeiro)
 Perder, perder de tudo inda não pôde
 Dos passados desgostos, que o cercarão,
 Que o enchêrão de sustos, as angustias,
 As nódoas, e os sinaes: porém sigamos,
 Sigamos a Fortuna: a ti, Fortuna,
 A ti, Amor, a ti, Pompeo, me entrego.



ACTO QUARTO.

SCENA I.

Sertorio, e Arcás.

Sertorio.

NÃO sei, Arcás, que novos sobresaltos
 Trago no coração. Esta Rainha
 Perturbada, parece que não pôde
 Acabar de dizer tudo o que sente:
 Não sei que tempo, Arcás!

Arcás.

Anciosamente

Vigiei este instante, em que pudesse
 Com vosso achar-me so, para dizer-vos,
 Que hoje Aristia com Pompeo foi vista
 Largamente fallar, como em segredo.

Sertorio.

Que dizeis! Aristia, que affectava
 Temer a sua vinda ha poucas horas!
 Que novos ameaços crescer vejo!
 Que triste aspecto as cousas vão tomando!
 Que negra tempestade vejo armar-se
 Sobre nossas cabeças! Descontentes
 O Principe, e Pompeo! Ah tudo excita
 Os meus justos receios! Mas ás vezes
 Desfazem-se em chuveiros de bonanças
 As pezadas carrancas da tormenta.
 Confiemos nos Deoses. Mas, Aufido,
 Para nós apressado! Que successo
 Póde obriga-lo a tanto!

S C E N A II.

*Sertorio, Aufido, e Arcás.**Aufido.*

HUma noticia;
 Que espalhando se vai de boca em boca
 Entre os nossos soldados, me parece
 Digna de reflexão: publicamente
 Dizem, que hoje a Rainha rejeitára

A

A paz em Roma , que Pompeo lhe off'rece:
 Deveis aconselha-la , e influir-lhe
 Favoraveis tenções a vós , e a ella :
 Não chameis a desgraça , que inda vemos
 Tão distante de nós : as alianças
 Forão sempre as escoras dos Imperios:
 Sem ellas , Roma , a mesma grande Roma ,
 Não chegára a ser grande. Ah ! Não vos cegue
 O gosto de mandar !

Sertorio.

1.
 Auído , a gloria ,
 O valor , a razão , a exp'riencia ,
 Por outro modo a discorrer me ensinão :
 Quem diminue , quem enfraquece os Reinos ,
 São talvez essas mesmas alianças ,
 Que ou temor , ou a illusão vos pinta :
 Se Roma ja he grande , nós faremos
 Que ella seja maior ? Essa amizade ,
 Com que se ajudão mutuamente os povos ,
 Que os contêm moderados nos limites
 De huma justa grandeza , he quem sustenta
 Huma certa igualdade , que se chama
 Entre nós equilibrio : em fim , no Mundo
 Todos devem ter parte ; e Roma nunca
 Distingue a vassallagem da alliança :
 Sempre são seus partidos affrontosos ;
 Quando ja sente a mão enfraquecida
 Com o pezo da espada , então co' a outra
 Semea sedições , maneja industrias ,
 Quaes as que vemos hoje : esse sussurro
 Hum meio he de enfraquecer as forças

Das

Das tropas Lusitanas: sim, Aufido,
Para estas fracas gentes sempre forão
As traições fiadoras das victorias.

Aufido.

Ah eu temo, Sertorio, neste dia
O Principe Corrobo! Elle convoca
Todos seus Capitães a huma assemblea:
Temo a sua resulta: os seus soldados,
Separados dos nossos, fórmão corpo
N'um sitio vantajoso ao nosso campo;
De donde, c'uma vista ameaçadora,
Medindo estão qualquer dos movimentos,
Que faz a nossa gente: em fim receio
Que as nossas forças não possam
Fazer huma pequena resistencia,
Quanto mais conseguir huma victoria.

Sertorio.

He Aufido quem falla? Oh Ceos! Que escuto!
O companheiro, o amigo de Sertorio!
Eu sou, eu sou o Capitão, e o Chefe
Eleito por vós mesmo, por vós mesmo,
Que mandado por mim n'outras empresas,
Fizestes ja, com desigual partido,
Estremecer Pompeo, fugir Metello.
Que vos não baste, Aufido, as manifestas
Provas do meu valor para animar-vos!
E que sobeje so para temerdes
Hum General de Sylla, hum moço incanto,
Qual he Pompeo, qual póde ser Corrobo!
Homens não temem homens; sim: os Deoses
So nos são sup'riores: confiemos,

Con-

Confiemos nos Deoses: se até agora
 Nos forão favoraveis, ah! Que insultos,
 Que grandes erros, que delictos novos
 Podem fazer-nos neste dia indignos
 Da protecção Celeste? Vós se acaso
 Sentis o vosso espirito gravado
 De accusadores, de fiscaes remorsos,
 (Sempre do nosso crime indicios certos)
 Recorrei logo ás súplicas ardentes,
 A's gratas expiações, que eu vos protesto,
 Por estes mesmos Deoses, que este dia
 Ha de fazer a Epoca brilhante
 Dos tempos de Sertorio: ha de eserever-se,
 (Vós o vereis, ó Seculos futuros)
 Para gloria nos Fastos Lusitanos,
 Para deshonra nos Annaes de Roma.
 Aufido, ter valor: vóltai ao campo:
 Ide, esperai, sede huma vez Sertorio;
 E em quanto eu busco as Ordens da Rainha,
 Fico que executeis as que ja tendes.

Aufido.

Estai certo, Senhor, que a obedecer-vos
 Parto, em vós, e nos Deoses confiado.

S C E N A III.

Sertorio, e Arcás.

Sertorio.

TAõ tristes circumstancias são bastantes
 Para abalar o animo mais firme;
A Rainha, sem dúvida, informada

Está de alguma dellas: Aristia....
 Pompeo.... Corrobo.... que resolver pôde
 Toda a prudencia humana? Não suppunha
 Que tão perto de nós se preparava
 O golpe ameaçador; por Viriacia
 He que temo somente. Ah! Que ella chega!
 Deoses, affugentai desta Rainha
 As desgraças, que a cercão! Mas finjamos
 Mais valor do que temos: a esperança
 He a ultima cousa, que em nós morre.

S C E N A IV.

Viriacia, Sertorio, e Arcds.

Sertorio.

Chegou em fim, magnanima Rainha,
 O venturoso instante, em que seremos
 De huma gloria immortal ambos c'roados:
 Espera-nos Pompeo, e os nossos ficão
 Promptos para investir; so me faltava
 Vir á vossa presença: os vossos olhos,
 Os vossos bellos olhos, são as luzes,
 Onde o meu coração ardendo busca
 Purificar-se das terrenas manchas
 De fraco, e de mortal: elles me influem
 Parte do seu espirito: não temo,
 Por vós o juro (se de tal sou digno)
 Não temo a guerra, não me assusta a morte)
 Para vence-lo so basta lembrar-me,
 Que contendo por vós: em vosso nome,
 Que invocarei mil vezes nos assaltos,

To-

Tomarei novo esforço: em fim, Senhora,
 Neste momento, de que pende a gloria
 De toda a Lusitania, a vossa graça
 He o unico auxilio, que procuro;
 He o unico Templo, que visito.

Viriacia.

Virtuoso Sertorio, o vosso esforço,
 As vossas expressões, o vosso zelo,
 As cousas grandes, que a vossa alma encerra;
 Em fim, hum não sei que, que em vós descubro,
 Que vos põe muito além da esfera humana,
 Digno vos faz da doce recompensa,
 Que hum Heroe, como vós, que ama a virtude,
 Póde esperar de huma mulher Rainha.

Sertorio.

Sertorio nada espera; e se esperára,
 So fora amar-vos mais, se mais pudesse:
 Não amo a guerra pelas consequencias
 De importantes despojos, amo a guerra
 Somente porque he guerra, porque he justa,
 Porque vós a fazeis, e mais que tudo,
 Pelos altos estimulos da gloria
 De off'recer hoje aos vossos pés triumphantes
 Rotas bandeiras, destroçadas lanças:
 Aquelle mesmo reverente affecto,
 Que tantas vezes me obrigára a ver-vos,
 He neste instante, (que custoso instante!)
 Que a deixar-vos me obriga: a Deos, Senhora...
 Em fim, a Deos, Rainha.... a Deos.

Viriacia.

Sertorio?

Ser-

Sertorio.

Senhora!

Viriacia.

Oh justos Ceos! Como he possivel.

Que vos veja partir, e que não possa
Tambem acompanhar-vos! Permitti-me
Que morra junto a vós, que ao vosso lado
Vos sustente o broquel, ministre as lanças:
Outras vezes, se acaso no combate
Ameaçado vos vir de mão traidora,
Ou correrei a receber-lhe o golpe,
Ou vos darei sinal, soltando hum grito:
Não he desconfiar do vosso esforço,
He dar-vos huma prova do meu zelo;
Eu quero acompanhar-vos resoluta.

Sertorio.

Socegai-vos, Senhora, a minha vida
Não vale tanto, que nos custe a vossa:
Por mim, por vós, por ella aos Deoses juro;
De vos deixar vingada; mas, Senhora,
O tempo corre, permitti que parta:
Crede, ó Rainha, que vos levo n'alma,
Onde reinareis sempre: não se extendem
A tanto os vís Imperios da Fortuna,
Que lá vos fação guerra: mas a guerra
Torna a chamar-me: he tempo. A Deos, Senhora.

Viriacia.

Mas, Senhor, esperai... Em fim, Sertorio,
Eu fico, e vós partis? Deoses, que pena!
Que extremo de impaciencia! Ah! Que eu não posso
Viver sem vós, nem acabar comvosco!

Ser

Sertorio.

Ja me falta o espirito. Senhora,
Olhai que nos perdemos: permitti-me....
A Deos, Senhora: crede que vos amo.

Viracia.

Posso morrer no vosso amor segura?
Amais quanto dizeis?

Sertorio.

Vós me abonastes.
Ha bem poucos instantes: como posso
Deixar de vos amar, se amo a virtude!

S C E N A V.

Curio com os precedentes.

Curio.

A Pressai-vos, Senhor, que os inimigos
Ja para esta Cidade se encaminhão:
Vede, vede, que he tempo...

Sertorio.

Sim: he tempo:
E aonde ficão de Corrobo as tropas?

Curio.

Marchão com passo vivo as de Pompeo;
Mas ainda em distancia consid'ravel,
Não se distingue bem se as de Corrobo
Virão incorporadas: entre nuvens
Do cego pó, que os esquadrões levantão,
Entre o tropel de Numidas cavallos,
Gemendo vem as gravidas carretas
C'os petrechos de guerra: mais ao longe

Vagarosos, pezados Elefantes,
 Formidaveis á vista, me parecem
 Montanhas, que se movem: treme a terra
 Com tanto pezo: as inquietas lanças
 Dos errantes soldados, representam
 Qual da ondosa grandissima seára
 As fluctuantes, aridas espigas,
 Açoutadas do vento: os nossos ficão
 Medrosos, não de todo, mas turbados:
 Importa muito que volteis ao campo
 A animar nossa gente.

Sertorio.

Sim: eu parto,
 Eu corro a soccorre-los, e a vingar-vos:
 Invencivel Rainha, de Corrobo
 Não temais as traições: vivei segura;
 O coração não mente: os grandes Deoses
 Não enganão os homens: tudo, tudo
 A mais certa victoria nos promette:
 A voz do Ceo escuto; elle me falla:
 O meu rival, o perfido Corrobo,
 Hoje mesmo, hoje mesmo, atado ao carro;
 Servirá de troféo á vossa gloria:
 He preciso partir.

Viriacia.

Partis, Sertorio?

Sertorio.

Fico comvosco, levo-vos comigo. (1)

SCE.

(1) Vai-se.

S C E N A VI.

*Viriacia, e Curio.**Viriacia.*

AH querido Sertorio! Quanto temo
 Teu incerto Destino! Esta Estrangeira,
 Tu me disseste, Curio, que fallára
 Com Pompeo em segredo ha poucas horas.

Curio.

Nada distintamente escutar pude;
 Mas nos alegres rostos se lhes lia
 Hum interno alvoroço, huma esperança
 De exito venturoso no successo,
 Que acantelados entre si tratárão:
 Ficou depois hum pouco pensativa;
 E fazendo observar-lhe os movimentos,
 Sei, que, antes de sahir desta Cidade,
 Fallára com o Principe Cortobo;
 E que vão para o quarto de Aristia
 Gentes desconhecidas concorrendo:
 Da facção de Corrobo se presumem.

Viriacia.

Com Pompeo Aristia! E vacillante
 O Principe Corrobo! De Sertorio,
 O zelo que fará? O que o esforço?
 O que huma Rainha, rodeada
 De traições infieis, de vís enganos:
 Urdidos pelas mãos dissimuladas
 De inimigos domesticos? Injusto,
 Orgulhoso Pompeo, mulher infame,

Cur-

Corruptos Capitães ; armas indignas ,
 Armas so feitas para as mãos daquelles
 Inimigos da honra , e da verdade ,
 A quem o justo Ceo fecha os ouvidos ,
 A quem não vale a protecção dos Deoses.

S C E N A VII.

Elmira, e os precedentes.

Elmira.

A H Senhora ! Perdidos somos todos !
 A Huma tropa infiel de homens armados
 Sahio com Aristia do sen quarto :
 Tumultuariamente correm todos :
 He tudo confusão , desordem tudo :
 Impossivel parece a resistencia ,
 Quanto mais a victoria : oh Ceos ! Fugamos ,
 Procuremos salvar nos ! De Corrobo
 Outro corpo de tropas ás muralhas :
 Dizem que se avizinha.

Variacia.

Ide, apressai-vos, (1)
 Convocai, em meu nome ; toda a gente
 Capaz de tomar armas ; toda, toda
 De ambas os sexos, de ambas as idades :
 Se houver algum tão vil ; que vacillante
 No sacrosanto amor, que á Pátria deve,
 Duvide froxo, irresoluto fique,
 Fazei o que eu fizera : a vossa espada
 Com elle augmenta o número dos mortos :

Tom. II.

(1) Para Curio.

Ide, em quanto eu não vou, e' o meu estampo;
 Com a minha vida, e' o meu sangue todo,
 Encher de inveja a Fama, a Patria de honra,
 Roma de confusão, de gloria o Mundo.

A executar as vossas Ordens parto.
 Encomendai aos Deoses o successo.

SCENA VIII.

Viriacia, e Elmira.

Viriacia.
 Para isto, Fortuna mentirosa,
 Para isto he que fui ... oh Patria! Oh Deoses!
 Oh Lacobriga! Oh sombra ganerosa.
 Do grande Viriato! Vedes, vedes
 A vossa sobeana, a vossa filha
 Cercada desses mesmos deshumanos,
 Que o juge vos puzesão, que tirarão
 A vida ao defensor, que paleijasa
 So pela vossa honra, e não vos move
 O estado; em que estáou? Pois vinde, vinde
 O' assassinos de meu Pai; tirai-me
 C'o a mesma espada a vergonhosa vida,
 Ainda mais cruel, que a mesma morte:
 Mas primeiro estas torres, estes arcos,
 Estes, sagrados Templos, estas mesmas
 Paredes de Palacio, reduzidas
 A cinzas se verão; e as mesmas cinzas,
 Que restarem do estrago, aos Deoses juro
 Defender, até dar o ultimo alento

Que

Que ás vezes o temor faz valetoso:
Faz a consternação desesperados.



ACTO QUINTO.

SCENA I.

Aristia preza conduzida por Guardas.

Aristia.

Onde estou! Que fiz eu! Injustos Deoses!
Que horror! Que susto o coração me agita!
Souhadas alegrias, vans promessas,
Crédulas esperanças, ja de todo
D'ante meus tristes olhos me fugistes:
Para elles não ha mais do que as sombras
Dos infames delictos, que me accusão:
Indignos são de ver os resplandores
Do luminoso dia; nem me atrevo
A ergue-los para o Ceo de envergonhada.
Que facil fui! Que deshumanó has sido,
Imprudente Pompeo! Estas cadeias
São os dourados, venturosos laços,
Com que havia de unir-nos para sempre
A Fortuna, e Amor? Tu me lançaste
Neste profundo abysmo de miséria:
Tu as cruentes Ares erigiste;
Tu me trouxeste ao sacrificio infame
De huma perpétua injúria: sim; tu meste,

T ii

Tu

Tu me fizeste Auctora de huma culpa;
Que, ainda perdoada, não se extingue
Na memoria das gentes.

S C E N A II.

Aristia, Viriacia, e Elmira.

Dizei-me, que motivo....

Aristia.

Amargo lance!

Senhora, a negra mão de antigos Fados,
Que sempre como sombra me acompanhão;
Os olhos me fechou, guiou meus passos
Ao fatal precipicio, em que me vedes
De todo despenhada: eu sou a triste
Esposa de Pompeo, (que nunca o fora!)
Entrei na vossa Corte perseguida;
Porém não aleivosa: mas, Rainha,
Pompeo.... o amor....

Viriacia.

Ja sei: fez-vos traidora:

Ereis Romana, haveis ser ingrata:
Que Leis sagradas, que civis costumes,
Que honrados sentimentos influirão
Na vossa educação! He deste modo,
He deste modo, que a polida Roma
Nutre a sua grandeza! He este o premio
Do brando acolhimento, que encontrastes
Nas minhas terras? Do benigno hospicio,
Que Sertório vos deo, o premio he este?

Lo-

Levai-a; e preza fique, até que ordene
Qual seja o seu castigo.

Aristia.

Basta, basta
Para castigo a minha desventura,
A minha confusão, a minha affronta:
Eu quero ser, grande Rainha, eu quero
Ser a mais empenhada medianeira
Entre vós, e Pompeo: vede, Senhora,
Que ainda pôde ser.....

Viriacia.

Bem vos entendo:
Tomai bem as medidas aos projectos,
Que vos propõe a vossa temeraria,
Orgulhosa esperança: por ventura
Esperais ver Pompeo victorioso
De mim, e de Sertorio? E que imploremos
A vossa protecção? Se a minha Sorte....
Mas inã não he tempo: retirai-vos.

Aristia.

Que confusão! Oh Deoses! Acabai-me! (1)

S C E N A III.

Viriacia, e Elmira.

Viriacia.

JA os Deoses piedosos principião
A ouvir nossos rogos: ja começo
A ver alguns principios de triumpho:
Bastou minha presença na Cidade,

Pa

(1) Vai-se.

Para pôr em socego aos habitantes:
 Desamparando as casas, perturbados
 Fugião, sem saber onde fugião?
 As temerosas Mães, os tenros filhos
 Apertando nos braços, levantavão
 Por toda a parte inconsolavel pranto:
 A tropa, que as muralhas guardava,
 Posto que forte, e bem disciplinada,
 Não esperando a subita, violencia
 Do intestino assalto, peleijava
 Contente de morrer, pois da victoria
 Descobriam todos. Chego; e á vista
 Da consternada gente, sopezando
 A lança, que levava, me convideo
 Para ser a primeira, que atacasse
 Os insolentes, perfidos authores
 Da infame sedição: todos recobro
 O perfido valor: sem consentirem
 Que eu os acompanhasse, arremetterão
 A' gente de Corrobo, que forçava
 A porta principal: em fim ganhámos
 O posto, que perdemos: Aristia,
 Essa indigna mulher no meio delles
 Os animava com razões forjadas
 Nas barbaras politicas de Roma:
 Mas eu estou contente! Justos Deoses!
 Qual será o Destino de Sertorio?
 Ah que se elle não entra em Lacobriga,
 Hoje mesmo triunfante, de que servem
 Todas estas victorias!

Elmira.

Da Fortuna

Porque desconfiais, quando vos mostra
Tão risonho semblante?

Virácia.

Ah minha Elmira!

Quem crê nos falsos risos da Fortuna,
Não a conhece bem. Mas Curio chega.

S C E N A IV.

Virácia, Curio, e Elmira.

Virácia.

QUE notícia nos dais do nosso campo?
Pudestes das muralhas observa-lo?
Distribuístes, Curio, as minhas ordens
Como eu vo-las passei? Como encontrastes
O animo dos nossos? Ficão todos
Promptos, e firmes para a nova empreza!

Curio.

Senhora, a inexpugnável Lacobriga
Gozando fica de huma paz serena:
Os seus alvoreçados habitantes
Subidos nas muralhas, não se fartão
De dar graças aos Deoses; repetindo,
De quando em quando, entre festivos écos,
O vosso grande, e respeitavel nome:
Jurão todos por elle ao vosso lado
Perder antes a vida, do que a gloria
De acabarem com vosso: mas do campo
Nada pôde salvar-se; só se observa

Ao

Ao longe o vulto de hum guerreiro armado,
 Que tão rapidamente se encaminha
 Para esta Cidade, que parece
 Que o chão não trilha, que não rompe os ares.

Viriacia.

Não posso? He tempo de quebrar de todo
 A rédea ao soffrimento: de Sertorio
 Eu mesmo irei saber, qual o Destino,
 Qual a Sorte tem sido: hum so instante
 Sobreviver não quero á sua perda:
 Vou perder-me com elle: sim; no meio
 Das inimigas lanças, juro aos Deoses....
 Porém Arcás cheio de sangue, e pó coberto!
 Esperemos: primeiro quero ouvi-lo.

Arcás.

Venturosa, e magnanima Rainha,
 Somos felices, somos vencedores,
 Fugio, fugio Pompeo; triumphou Sertorio:
 Elle por mim vos manda esta noticia,
 Em quanto a vossos pés não vem trazer-vos
 Os vencidos despojos da batalha.

Viriacia.

Que gosto! Que interior contentamento!
 Ah meu Arcás! Tanta ventura he certa?
 Ah! Dize-me, e Sertorio, o meu Sertorio,
 Inda tardará muito? Vem ferido?

Arcás.

O sangue todo, que lhe tinge as armas,
 He dos seus inimigos: tão illeso
 Volta, como partira: chega ao campo;
 E c' os olhos correndo as nossas tropas,

As observou tão froxas, que parece
Que ja hião vencidas: de Corrobo
As alçivosas gentes se puzerão.
A favor de Pompeu, e parte dellas
Para esta Cidade se apressarão:
Sertorio se perturba; e não podendo
Voltar a soccorrer-vos, porque estava
Em acção de investir contra os Romanos,
Que vinhão procura-lo, vendo quasi
Desanimados ja os seus, e os nossos,
Os Capitães do exercito convoca
Para a frente das tropas; e subido
N'um lugar alto, a todos dominante
De huma voz, que as entranhas penetrará
Do surdo abysmo, em que Plútão se encerra,
Soltou estas palavras temerosas,
Que a ira lhe ensinou mais que a eloquencia:
Amados Lusitanos, companheiros,
Mais do que subalternos de Sertorio,
Que ira dos Ceos, que vil desconfiança
Vos ata as mãos? As mãos, que n'outro tempo
Tão famosos triumphos recolhêrão,
Tantos, toutes Romanos maneatárão;
Tanto sangue esparzirão; tantas vezes
Se erguerão para os Idolos devotos
A dar-lhes graças nos pietosos Templos,
Cujas paredes inta estão cobertas
De pendent despojos! Nestes valles
Inda ao longe parece que se escutão
Os lastimosos, ultimos gemidos
Das miseraz donzellas, que espirarão

Abra

*Abrçadas co' a terra ás mãos infames
 Dos soldados de Galba: ó gente forte,
 Que esperais? Qua temeis? Hum alliado,
 Que havia ser traidor, ja era indigna
 De ser nosso alliado: que perdemos?
 Que nos levou? Tirou-nos a justiça?
 Das mãos a espada? Os corações do peito?
 A protecção dos Deoses? A Fortuna?
 Tudo temos ainda: ainda somos
 Os mesmos que até gora: eu reconheço
 O perigo, em que estamos; mas se he grande,
 Maior será a gloria, que resulta
 De morrer pelejando, que fugindo,
 Haveis de abandonar, (suspirando
 Disse:) a vossa Rainha, e nossa amavel,
 Antiga protectora? Ao mesmo tempo,
 Com o braço estendido, nos mostra
 As tropas dos Romanos, que ja vinhão
 Muito perto de nós; e continúa;
 Esperais que estes barbaros Romanos
 Nos venhão desarmar? Tirar as vidas,
 Como a mansos cordeiros? Que vergonha!
 Vamos, vamos morrer, Para investi-los
 Deo sinal a trombeta Lusitana:
 Avanção todos; cada hum dos nossos
 Hum Sertorio parece: ferem, matão,
 Vencem, triumphão; finalmente, cantão
 A victoria maior, de que tem sido
 De Lacobriga os montes testemunhas:
 Por elles vai fugindo envergonhado
 Pompeo, e algumas dos seus, que mal pudéria*

Escapar a Sertorio: elle não pôde
 Tardar muitos instantes; pois voltava
 Para esta Cidade, receando
 Os insultos das armas de Corrobo,
 Que virá para ella encaminhar-se.

Viriacia.

Ah meu Arcás! Que justos são os Deoses!
 O' Razão, ó Justiça, ó Innocencia,
 Filhas do Ceo, authoras da victoria,
 As mais seguras, e invenciveis armas,
 Com que os Reinos pelejão; alliados,
 Que nunca se corrompem; alicerces,
 Que nunca dão de si: em vós se fundão
 Todas as minhas forças: ja de todo
 As traições, e os enganos se acabarão!
 Ja para o negro Tartaro descêrão
 As vingativas Furias! Vamos, vamos
 O Templo visitar. Mas vem Sertorio!

S C E N A V.

Sertorio, Viriacia, e os precedentes.

Viriacia.

Permitte o Ceo em fim, que torne a ver-vos,
 E a ver-vos vencedor! Estimo em menos
 Todos os interesses da victoria,
 Do que a reputação do vosso nome,
 E a vossa amavel vida; pois sem ella
 Hum so instante a minha não durára.

Sertorio.

Pela vossa, ó Rainha, he que o meu zelo
 Tra-

Trabalhou, e venceu tantos perigos:
Elles foram os creditos, os louros,
A gloria, a Fama, a honra, que podia
Esperar quem não tinha outra esperança,
Do que ver-vos vingada, e do que ver-vos,
Os Deoses me livrarão.

Viriacia.

Masizei-me,
Quem são os prizioneiros? De Corrobo
Como foi o Destino?

Sertorio.

Foi, Senhora,
Qual esperar-se de hum traidor podia:
Igualou na balança a Sorte, e a culpa.
Ja sabeis por Arcás, que este tyranno
Se separou dos mais, vindo atacar-vos
C'uma parte dos seus, sem que eu pudesse
Embaraçar-lhe o passo; mas vencidos
Os perfidos Romanos, tendo a gloria
De ver fugir Pompeo desbaratado,
Voltando a soccorrer-vos, no caminho
Encontro o vil Corrobo, que fugia
Tambem desta Cidade: em fim de medo
Elle, e os seus perturbados não pudérão
Fugir de todo ao impeto dos nossos,
Que entre colera, e gosto, com que vinhão
Da passada victoria, os atacarão
Quasi sem resistencia: huns arrojárão
As armas sobre a terra, outros as armas
Deixão cahir das mãos, pedindo a vida;
Todos em fim se rendem, so Corrobo,

Não

Não querendo viver, desesperado
 Intenta antes matar-se, que render-se:
 Os nossos lho embaraço, e eu lhe mando
 Logo prender as mãos, tirar a espada:
 Prizoneiro o conduzo, e prezo fica
 C'os infelices sócios, que tiveram
 A mesma Sorte: finalmente, delles
 O vosso arbitrio decidir so pôde;
 E na nossa presença, neste instante
 Serão julgados todos: so esperão
 Que mandeis, que appareçam.

Viriacia.

Sim, que venhão;

E tambem Aristia. (1)

S C E N A VI.

*Corrobo com ferros, varias Capitães, com
 os precedentes.*

Corrobo.

A H! Que até foge
 De mim a mesma morte! Amigas Parcas,
 Que tantas almas a Plutão levastes
 Dos companheiros meus, tanto vos péza,
 Tanto vos péza a minha? E tu, Sertorio,
 Tanto nella te vai? As mãos não soltas;
 Com ellas mesmas eu verei se posso
 Quebrar o negro fio, que sustenta
 Huma vida tão triste: acaba, acaba

De

(1) Senta-se.

De triunfar de mim, como triumphaste
 Do duro coração dessa Rainha,
 Que eu não pude abraçar; que não pudrás
 Meus suspiros, e lagrimas morder;
 Faze-lhe o gosto, tira-me do Mundo,
 Em cuja face apparecer não deve
 Hum monstro aos mesmos monstros odioso;
 Que infecta com seu halito maligno
 O ar da Lusitania, a terra toda,
 O mar, e o Céu; até ao mesmo Inferno
 Será minha presença pavorosa;
 Hum tormento de mais aos condemnados;
 Mas he Corrobo tal, que não merece
 Ainda a mesma cólera dos Deuses:
 Não tem Jupiter raios; não tem penas
 O inexoravel Minos, que se postão
 Medir co' minhas culpas: oh se houvesse!
 Oh se houvesse hum lugar fóra do Mundo,
 Aonde respirasse; onde não visse
 Mais do que!... O espirito me falta,
 Acaba-me, Sertorio.

Sertorio.

Não, Corrobo,
 Desgraçado Corrobo, a minha espada
 Não se fez para barbaço cutélo
 De victimas humanas, que não podem
 Empunhar outra espada.

S C E N A VII.

*Aristia, e os precedentes.**Aristia.*

A Cada instante
 Bebendo eston mil mortes! Oh que lento,
 Vergenhoso supplicio! Sem desculpa,
 Sem amigos, sem Patria, sem Esposo,
 Na terrivel presenca da Rainha,
 Que novamente me encherá de injurias!
 Companheira do crime de Corrobo!
 Ah Fortuna! Ah Pompeo!

Sertorio.

Como he possivel
 Que Aristia tambem contra nós fosse!

Viriacia.

Tu, Aristia, observa quão diferentes
 São nossos odrações: o teu respira
 Huma injusta vingança; e o meu perdoa
 Huma infame traição.

Aristia.

Do meu Destino
 Tu es hoje a Senhora: faze agora
 De mim o que quizeres; pois he tua
 A boilhante Fortuna deste dia.

Viriacia.

Não he o meu triumpho o que faz grande,
 Sim a minha piedade unicamente:
 Para vos pendurar he que o estimo:

Não

202 VIRIACIA. TRAGEDIA

Não me quero vingat: para vingança
Basta poder toma-la: eu vos perdoo.

Sertório.

Oh esforço! Oh virtude do Heroismo!

Aristia.

Oh famosa Rainha, digno sangue
Do grande Viriato! Serás sempre,
Onde quer que a Fortuna me acompanhe,
Dos meus louveres o mais alto assumpto,
Nascida para exemplo dos que mandão
Sobre a caduca terra: rodeado
De tão nobres virtudes, o teu Throno
Dure, em quanto do Mundo houver vasallos;
Pois so tu, tu so es. entre os humanos
Alma Real, dignissima de Imperios.

Corrobo.

Que horror! Que pejo dentro d'alma enterr!
N'um mar de indignação fluctua, e bate
O afflieto coração! Em vez de sangue,
Mortal veneno as veias me circula
Ja deste corpo, o espirito raivoso
Quer sahir, e não póde: ja me falta
A luz, a força, o soffrimento; tudo
Me vai desamparando: ja não....
Sobreviver não passo á minha affronta.
Sim, até Aristia testemunha...

Quando espero morrer, se hoje não morro!

Viriacia.

Vivei, vivei; Corrobo, que o castigo
Tereis na propria infamia: dai-lhe as armas;
Soltai, soltai-lhe as mãos: abri-lhe as portas!

Ide

Ide bater ás da soberba Roma,
 A receber em si acostumada
 A traição, e a perfidia: sim; dizei-lhe,
 Que nós os Lusitanos não sabemos
 Abusar da desgraça dos vencidos:
 Que aprendão deste exemplo a ser com elles
 Mais fieis, mais polidos, mais humanos.

Corrobo tomando a espada.

Sim; he tempo. Rainha deshumana,
 Venturoso Sertorio, vede, vede
 Da solta liberdade, que me déstes,
 O uso, que hoje faço: acaba, morre,
 Morre, infeliz Corrobo. Viriacia;
 Ja que não pude . . . , a Deos, n'alma te levo. (1)

Viriacia.

Oh Ceos! Oh Ceos! Que barbara vingança!
 Que impiedade! Tirai d'ante meus olhos
 Tão triste objecto.

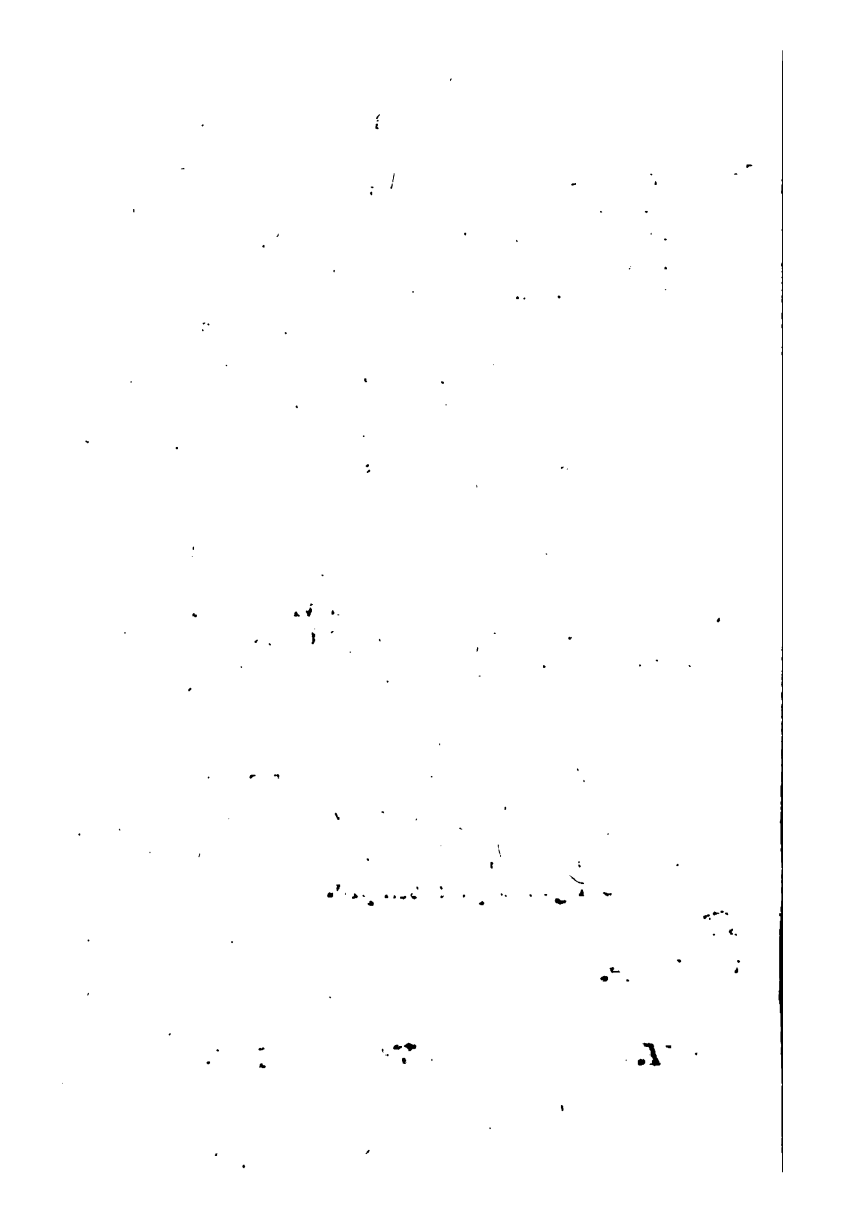
Sertorio.

Vil procedimento.

Viriacia.

Vamos, Sertorio, agradecer aos Deoses
 Tão grandes favoraveis beneficios;
 Ante cujos Altares coroados
 De sacrosanctos louros, ficaremos
 Por Hymeneo ligados para sempre.

(1) *Mata-se.*





MISCELLANEAS

DE

JOÃO XAVIER DE MATOS.

M O T E

*Quanto importa, e quanto val
Para o mal, e para o bem,
Quem de seu hum' casal tem,
Que viva no seu casal.*

GLOZA DO A.

F Abio, que foi Cortezão,
Remediado, e valido,
Quanto dera de haver sido
Antes hum' pobre Aldeão!
Sim teve da sua mão
Pendente o arbitrio Real:
Foi grosso o seu cabedal:
Pôde o que quiz sem demora;
Mas pergunte-se-lhe agora
Quanto importa, e quanto val.

V ii

Que

Que importa o ter governado
 Com ordens vistas, e ocultas?
 Se hoje as que propõe consultas
 São de tão misero estado:
 Antes que o Sceptro, o Cajado,
 Servira como convem;
 Nas Cortes não vive alguém
 Seguro a bem, nem a mal:
 No campo serve hum casal
Para o mal, e para o bem.

Não he melhor ter o amanhã
 Da lavoura, inda que pobre,
 Que vir a parar hum Nobre
 N'um desamparo tamanho?
 Ter de ovelhas hum rebanho,
 Que as pelles, e o leite dem?
 Não ha mais seguro bem:
 Pois quanto ao discurso meu,
 Não sabe o que tem de seu,
Quem de seu hum casal tem.

Estas cousas são tamanhas,
 Medidas pela razão,
 Que a sua ponderação
 Tem povbado as montanhas:
 Mas se acaso são estranhas
 A'quelle, que em caso tal
 Se não vio, fugindo ao mal,
 Eu lhe recomendo aqui,
 (Porque viva para si)
Que viva no seu casal.

M O T E

*Tão costumado a desgraças
Estou vivendo em meus males,
Que mais me assustão os gostos,
Que me atormentão pezares.*

GLOZA DO A.

CRuel Fortuna, ergue a mão,
Fere, mata-me a teu gosto;
Que não se me enfia o rosto,
Nem me bate o coração:
Vejo o raio, ouço o trovão,
Sem que estremecer me façás:
Em vão, em vão novas traças
De assustar buscando vens.
A hum triste, que tu ja tens
Tão costumado a desgraças.

Póde hum gosto acabar
A quem feliz se presume;
Mas a hum triste por costume;
So póde hum gosto matar:
Podes, por me atormentar,
Empenhar tudo que vales;
Que não he crível que abales
A constancia deste peito,
Com que ja tão satisfeito
Estou vivendo em meus males.

Ja com animo sereno

Vejo o teu gesto' medonho:
Sem tremer-me a mão, ja ponho,
A' boca o cruel veneno:
Peno; sem saber que peno,
No meio dos meus desgostos;
Mas se assim os tens dispostos,
Porque algum delles me acabe
De susto; enganas-te, e sabe,
Que mais me assustão os gostos.

Quando nelles imagino,

Que so assim posso te-los,
So em cuidar que hei de ve-los,
Falta-me a luz, perco o fim:
Muda, muda o teu Destino;
Que para me atormentares,
São estes maiz singulares,
E fica desenganada;
Fortuna, do pouco, ou nada,
Que me atormentão pezares.

M O T E

*No Templo do Deos Cupido ;
Com incessante porfia,
Em seus profanos Altares
Toda o mortal sacrifica.*

G L O Z A D O A :

MArcia, esses factos, que estão
Pintados de Amor no Templo,
Se eu pudera, para exemplo
Riscára co' a propria mão:
Em lugar delles então,
Para mais honra de Guido
Tenho huma estatua erigido
A' tua belleza rara,
So fora a que collocára
No Templo do Deos Cupido.

Alli de nenhuma sorte
A louca Venus pintára ;
Nem a historia recordára
Desse adultero Mavorte ;
De Dido a barbara morte ,
De Eneas a tyrannia ,
E o mais que o pinoel fingia ;
Sem nascer de amor sizudo ,
Por isso reprovo tudo
Com incessante porfia,

Sem

Sem recorrer a ficções,
Menos a histórias incertas,
Pintára puras offertas
De mais limpos corações:
O meu livre das paixões
De espiritos populares;
Do Templo em Santos Lugares
Ardêra, que fora horror
Queimar tão casto penhor
Em seus profanos Altares.

Aos pés da tua figura
Fora o meu Altar mais certo,
Por ir ahí de mais perto
Contemprar-te a formosura;
Altar de nova estrutura,
Que a mais destra mão fabrica,
E de materia tão rica,
Qual ao culto corresponde;
Que eu não sacrificio, aonde
Todo o mortal sacrifica,

M O T E

*Da escravidão do Deos cego
 Ja livre os grilhões penduro:
 Oh quem mais cedo podera
 Desatar o laço duro!*

:GLOZA DO A.

EM fim ja de Amor isenta
 Tenho a doce liberdade;
 E quero em tranquillidade
 Ouvir de longe a tormenta:
 Ja agora de balde intenta
 Captivar-me de outro emprego;
 Pois não arrisca o socego,
 Que tantos ais lhe custou,
 Quem huma vez escapou
Da escravidão do Deos cego.

Esses ferros, que arrastei
 Ja hoje sem prejuizo,
 Tantas vezes quebro, e pizo,
 Quantas por gosto os beijei:
 Depedaçados irei
 Leva-los ao mais seguro
 Lugar, porque o santo, e puro
 Desengano para exemplo
 Conbeça, que no seu Templo
Ja livre os grilhões penduro:

Alli deixo ao Passageiro
Pendente o fatal despojo,
Porque enfrie o cego arrojio
De ser como eu prisioneiro:
E este aviso derradeiro
Dar-lhe mais cedo quizera,
Porque ha mais tempo vivera
Livre do amoroso enredo;
Porém não pôde mais cedo:
Oh quem mais cedo podera!

O jugo de Amor tyranno
Ja sacudi, ja la vai,
Sempre assim me conserva
Santo feliz desengano:
Em fim saiba esse inhumano,
Que escarneo, que murmuro
De seu poder mal seguro;
E que pôde huma alma forte
De Amor, a pezar da Sorte,
Desatar o laço duro!

M O T E

*Amor anda pelo fino,
 Que he cego, não traz bordão:
 Quem tiver bom coração,
 Accomode este menino.*

G LO Z A D O A.

AMor ao Mundo sahio
 Vendo bem, e assim viveo,
 Até que lhe aconteceu
 Cegar depois que te vio:
 Desesperado partio,
 E fez-se então mais malino;
 Em fim todo o seu destino
 He tomar de tí vingança:
 E so pôr ver se te alcança,
Amor anda pelo fino.

Mil settas do arco sacode,
 La vão mil almas render;
 E tudo so para ver
 Se contigo acertar pôde:
 Suspira; e se alguém lhe acode,
 Se acaso te deo, então
 Pergunta, e ouvindo que não,
 Pede que onde estás, o leve;
 Que ir sozinho não se atreve,
Que he cego, não traz bordão.

Assim vai matando a gente:

Olha que encargos, tyranna,
Es a culpada, e inda ufana
Vês morrer tanto innocente?
Ah! Que huma alma delinquente.
Não está segura, não;
E elle tem tanta razão,
Que do mal, que te fizer,
Até sentirá prazer
Quem tiver bom coração.

Porque o cegaste, não creias
Que já não pôde forjar
Settas para te atirar,
Para te prender cadeias.
Póde por outras idéas
Vingar o teu desatipo;
E póde haver tão malino,
Tão forte, e destro sujeito,
Que á força, dentro em teu peito,
Accommode este menino.

M O T E

*Bem pôde o Tempo tirar
O tempo de te não ver,
Que o tempo de te querer
Não pôde o Tempo tirar.*

G L O Z A D O A :

Tire o Tempo, sempre opposto
A's humanas pertençaes,
A gloria a mil coraçãoes,
Martyres do seu proprio gosto:
Da Ventura, em que os tem posto,
Faça o gyro desandar;
Mude-os do estado, e lugar,
Usando as acções mais cruas;
Que estas cousas, pois são suas,
Bem pôde o Tempo tirar.

Mas nesta alma, que te adora,
Onde meu Bem sempre estás,
Nenhuma ruina faz
Do Tempo a mão gastadora:
Se não posso a toda a hora
Presente esses olhos ter,
Nem por isso has de temer
Que possa o Tempo triumphar;
Pois levo em te contemplar
O tempo de te não ver.

Todo este tempo aproveito,
 Por mais que o Tempo resista;
 Pois se te perco de vista,
 Logo te encontro no peito:
 Nelle, a pezar de hum effeito,
 Que sinto, e não sei dizer,
 Sempre dominio has de ter,
 Que não acha o meu cuidado,
 Tempo mais bem empregado,
 Que o tempo de te querer.

O Tempo, a Fortuna, a Morte,
 Tyrannos contrarios são;
 Porém não os teme, não,
 Amor, que Amor he mais forte;
 Contra Amor, o Tempo, e a Sorte,
 Póde o braço levantar;
 Mas nunca d'alma arrancar
 Paixão, que della nasceo;
 Que o que Fortuna não dep,
 Não póde o Tempo tirar.

M O T E

*Todo este monte não tem,
Como Anfriso, outro Pastor;
Nem que tenha tanto amor,
Nem que saiba amar tão bem.*

G L O Z A D O A.

AH Michalia, que desprezes
O pobre Pastor Anfrizo!
Por não ter, como tem Nizo,
Largas terras, gordas rezes!
He desgraça, que mil vezes
Todos lamentar-me vem:
Desgraçado Anfrizo, a quem
Tão pouco o Ceo concede;
Que so para o dar, de seu
Todo este monte não tem.

Mas troca, Michalia ingrata,
De Amor os bens verdadeiros
Por lavouras, e carneiros,
Bens, que o Tempo desbarata:
Embora a Anfrizo maltrata:
Trata a Nizo com favor:
Como Nizo, outro Senhor
De gados podes achar;
Mas nunca para te amar,
Como Anfriso, outro Pastor.

Faze, faze o que quizeres,
Que ou ames a Nizo, ou não;
Vale este meu coração
Muito mais que os seus haveres:
Amor firme não o esperes,
Salvo se em meu peito for;
Que não ha outro Pastor,
Quando em querer bem se empenha,
Nem que mais desgraça tenha,
Nem que tenha tanto amor.

Ja por gabar-me, não digo
Que na luta, e baile espanto,
E que Nizo, quando canto,
Não tem que fazer comigo;
Mas so vaidoso me obrigo
Ir á posta em querer bem,
Pois neste monte ninguem
Acharás, posto que pobre,
Nem de coração mais nobre,
Nem que saiba amar tão bem.

M O T E

*Quando te não conhecia,
Nada de ti se me dava;
Sem pensamentos dormia,
Sem cuidados acordava.*

G LO Z A D O A.

N Algum tempo, ah tempo amado!
De enganos me não mantinha,
Não tinha amor; e se o tinha,
Era somente ao meu gado:
Neste monte sem cuidado
O meu rebanho trazia:
Eu me deitava, eu m'erguia
De toda a Aldea bem quisto;
Mas sabes quando foi isto?
Quando te não conhecia.

Quantas vezes, na floresta,
Lambendo-me o meu rafeiro,
Passei quasi hum dia inteiro
Sem me lembrar de outra festa:
No baile depois da sésta
Mui poucas vezes entrava:
O peito não se alterava,
Não se entristecia o rosto:
So isto me dava gosto,
Nada de ti se me dava.

Não he hoje assim, tyranna,
 Que por ti deixando o gado,
 Troquei pelo meu cuidado
 O socego da cabana:
 A hora, o dia, a semana,
 Sem que huma so vez me ria,
 Passo a noite, passo o dia,
 Olha como estou diff'rente
 Do tempo, em que docemente
 Sem pensamentos dormia.

Dormia ao suave canto
 Do passarinho innocente,
 Hoje se durmo, he somente
 Ao triste som do meu pranto:
 Acórdo, o rosto levanto:
 Desse amor, de quem zombava,
 Temo, as settas, temo a aljava:
 Não era assim algum dia;
 Pois quantas vezes dormia
 Sem cuidados acordava.

M O T E

*Tomdra quem me dissera,
Com toda a sinceridade,
Se prevalece a mentira
Contra a força da verdade?*

G L O Z A D O A.

Este crê que a falsidade
Póde subsistir mil annos,
Sem que a sombra dos enganos
Se atreva á luz da verdade:
Aquelle se persuade
De que á verdade sincera
Nunca a ~~vão~~ não prevalecêra.
Da abominavel Mentira:
Qual dos dous he que delira,
Tomdra quem me dissera?

Mas se eu sei que facilmente
O que he réo, por justo passa,
E o justo soffre a desgraça,
Que he so propria ao delinquente;
Que arbitro mais competente
Póde haver em toda a idade,
Que esta constante verdade:
Ella decide a questão,
E nos falla ao coração
Com toda a sinceridade.

Assim como succedendo

Vai á noite o claro dia,

Assim a noite sombria

Vai o dia interrompendo:

Huma vez resplandecendo

Nasce a verdade, outra espira;

Succede-lhe o engano, e gyra

A densa nevoa do engano:

Agora contempla humano,

Se prevalece a mentira.

Ditoso aquelle Paiz,

Onde a mentira não tem

Lugar, porque alli ninguem

A verdade contradiz:

Detestavel, e infeliz

O terreno, onde a maldade

Com tão céga authoridade

Deo tanta força á mentira,

Que se atreve, que conspira

Contra a força da verdade.

O mesmo Mote por outro modo.

GLOZA DO A.

NAõ sei que ha tempos diviso
No semblante de Filena!
Não sei que gesto, que pena!
Que mysterioso sorriso!
Hum juizo, outro juizo
Torno a formar, se eu pudera,
Mil perguntas lhe fizera,
Mas temo a irada resposta:
Se ja de mim se desgosta,
Tomára quem me dissera?

Mas em fim determinado,
Ou ella se enfade, ou não,
Vou perguntar-lhe a razão
Do seu novo desagrado.
Filena, meu Bem, que enfado
Perturba a serenidade
Desse teu rosto? A verdade
Não me occultes mais instantes,
Se inda fallas como d'antes
Com toda a sinceridade.

Se contigo malquistar-me

Quer alguém, vê que te engana;
 Porque.... mas ah que a tyrannã
 Fugio, não quiz escutar-me:
 Mil vezes irá culpar-me
 Como cega, e cheia de ira:
 Não fora assim, se me ouvira
 Com semblante mais humano;
 Porque so dura o engano,
 Se prevalece a mentira.

Virá tempo, em que Filena,

Dentro do seu coração,
 Conheça a industria da mão,
 Que a verdade lhe envenena:
 Como ficará de pena,
 De confusão, de piedade
 Quando vir que a falsidade,
 Que mil vezes a cegou,
 Em vão de enganos se armore
 Contra a força da verdade.

M O T E

*Se te aborrece o querer-te,
He forçoso o desprezar-te;
Ensina-me a aborrecer-te,
Que eu não sei senão amar-te.*

G L O Z A D O A

Eu ja quiz ver se podia
Trocar em odio este amor;
E armei-me do teu rigor
Contra a minha sympathia:
Muitas vezes conhecia
Que perço pouco em perder-te;
Quiz deixar-te, quiz não ver-te;
Porque não ver-te, ou deixar-te
Talvez pudesse agradar-te,
Se te aborrece o querer-te.

Sei que me aborreces tanto,
Que o meu mal he o teu sustento:
Sei que o teu divertimento
He ver correr o meu pranto:
Eu me confundo, eu me espanto
De inda não poder deixar-te;
E que o meu amor em parte
O teu rigor adoçando,
Te queira mais inda, quando
He forçoso o desprezar-te.

Des:

Desprezar-te razão era,
 Mas amor não he razão,
 Nem tem mais Lei, que a paixão;
 Que domina o home', e a fera:
 Não posso, que se pudera,
 Deixaria de querer-te,
 Mas se acaso de offender-te
 Podes, tyranna, obrigar-te,
 Tu para tudo tens arte,
Ensina-me a aborrecer-te.

Mas nem teu genito inimigo
 Teria tanto poder;
 Sim, que tu não posso aprender
 A ser ingrato contigo:
 Das regras, de Amor, que sigo,
 Não haverá quem me aparte;
 E as de offender-te, ou deixar-te,
 Nunca ja mais seguirei,
 Nem taes lições tomarei;
Que eu não sei senão amar-te.

M O T E

*Ja sei, ingrato, ja sei,
Que essas lagrimas fingidas
Erão de appetite cheias,
Porém não de amor nascidas.*

GLOZA DO A.

Enganada a fantasia

*Me trouxe a minha innocência,
Em quanto em ti apparecia:
Verdade me parecia,
Porém ja chegou o dia,
Em que me desenganei;
E os desenganos comprei
Bem á custa dos meus damnos,
Pois todos os teus enganos
Ja sei, ingrato, ja sei.*

N'outro tempo so de ver

*Arrazar teus olhos de agoa,
Sentindo não sei que mágoa,
Toda me deixei render:
Hoje bem podem correr
Delles agoas repetidas,
Nunca de mim serão cridas;
Que fora muita innocencia
Poder menos a exp'riencia,
Que essas lagrimas fingidas.*

Correrão affortunadas,
 Porque em ~~seu~~ ~~polo~~ ~~tanto~~,
 Que alcançarão com seu pranto
 Cousas bem mal empregadas.
 Sahirão acompanhadas
 De palavras de veras;
 Ja com elles não me enfiarás
 Que as lagrimas, e as razões
 Vinhão cheias de ~~tristezas~~
 Erão de appetite cheias.

Desculpa-te o'os desdichas,
 Que vieste da minha parte,
 Que para tudo teus arts,
 E nisto inda mais a tens:
 Desengana-te, se vens
 Com mais lagrimas fingidas,
 Que ellas por mais repetidas
 Que appareção, sim serão
 Nascidas de outra paixão,
 Porém não de amor nascidas.

M O T E

*Vai, afflicto coração,
Conta bem o que padeces,
Para ver se assim mereces
Tenhão de ti compaixão.*

G L O Z A D O A.

Coração, se ainda aquella,
Que te maltratou, duvida
De que he mortal a ferida,
Que te fez, por ser tão bella;
Voa, vai diante della,
E bem que o farás em vão
Cheio de dor, e afflicção,
Para essa chaga malina,
Vai pedir-lhe a medicina,
Vai, afflicto coração.

De queixas enchendo os ares,
Coração, por onde fores,
Com suspiros sécca as flores,
Com pranto accrescenta os mares:
Quando á presença chegares
Dessa gloria, que appeteces,
Sólta a voz, accende a fragoa,
Repete-lhe a tua mágoa,
Conta bem o que padeces.

Mostra á formosa homicida
 Co' as roxas azas cruzadas,
 Que inda as levas salpicadas
 Do sangue d'atroz ferida:
 Mostra a chamma, que accendida
 Nas Aras do peitô off'reces;
 E pois so lhe desmereces,
 Faze, faze, coração,
 Esta ultima oblação,
Para ver se assim mereces.

Se inda assim for tão tyranna,
 Que de ti nenhum dó tenha,
 Vai-te queixar a huma penha,
 Será talvez mais humana:
 Fogê dessa tigre Hircana,
 Vai contar tua afflicção
 A outras fêras, que são
 Nascidas nas toscas grutas,
 Póde ser, sendo tão brutas,
Tenhão de ti compaixão.

M O T E

Amor perfeito não dura.

G L Ó Z A . D O A .

Tudo em chegando a tocar
 A linha da perfeição,
 Por natural condição
 Entra logo a declinar:
 No amor inda este desar
 Cada dia mais se apura:
 A exp'riencia o segura
 A' custa de tantos ais;
 Que em fim, como tudo mais,
Amor perfeito não dura.

Por outro modo.

Póde alguma vez amor
 No Mundo achar-se perfeito,
 Quando se encontra em Sujeito,
 Que seja do meu humor;
 Mas busca-lo sem temor
 Em feminil creatura,
 Mais do que engano, he loucura;
 Que principalmente nella,
 Por mais que seja a cautela,
Amor perfeito não dura.

M O T E

Do Tejo as arêas da cura.

G L O Z A D O A

O Mais rico original
 Em ti, Marcia, o Ceo descreve:
 No rosto espalhou-te a neve,
 Nos dentes poz-te o cristal:
 Para os beiços de coral
 Foi descobrir hum thesouro,
 E para o cabello louro,
 Com que prende os alyedrios,
 Formou em delgados fios
 Do Tejo as arêas da cura.

Por outro modo.

SE puzeres, Nymfa impia,
 Termo aos antigos pezares:
 De hum pescador, que em teus mares
 Passa a noite, passa o dia,
 Dar-te-hei toda a pescaria,
 Que apanhar no Lima, e Douro:
 Dar-te-he de mais hum thesouro:
 Que de morgulho perfurado,
 Ver-me-has de buscar ao fundo
 Do Tejo as arêas da cura.

M O T E

De Anarda os olhos formosos.

G L O Z A D O A.

VErdes, graciosos outeiros,
 Que em desigual compostura
 Retrataís vossa figura
 Nas aguas destes ribeiros:
 Vossos risonhos pinheiros,
 Vossos pampanos viçosos,
 Vossos frutos saborosos,
 E o mais, por que a vista estende,
 Nada me alegra, não vendo
 De Anarda os olhos formosos.

M O T E

Nos dotes, que o Ceo te deu.

G L O Z A D O A.

Não te dou, Nympha excellente,
 Finas pedras Orientaes,
 Nem pedras ricas metaes,
 Por quem tanto sua a gente:
 Pedras, que naturalmente
 Pouco a pouco o mar lambeo;
 São as que Amor escolheu
 Para ti; que a Natureza
 Te deu toda a mais riqueza.
 Nos dotes, que o Ceo te deu.

M O T E

Em sinal da escravidão.

GLOZA DO A.

REndi-me com tanto acerto,
 Hum Divino rosto vendo,
 Que mil vezes me arrependo
 Do tempo, que fui liberto:
 Por mais cultos, que lhe offerto;
 Poucos acha o coração;
 E com tanta sujeição
 A liberdade se enlea;
 Que eu mesmo beijo a cadeia
Em sinal da escravidão.

M O T E

Morrando estou de saudades.

GLOZA DO A.

AH! Que contra o meu desejo
 Fugindo o meu Bem me vai?
 Detem-te, espera: . . . mas ai,
 Já se foi, já o não vejo:
 Que faço, que não forcejo,
 Por ir com elle? Deidades,
 Dessas mudas soledades
 Ide buscar-me o meu Bem:
 Ide, que elle he só, por quem
Morrando estou de saudades.

M O T E

Nada dô que vejo quero.

GLOZA DO A.

MOstrou-me a Fortuna abertas
As portas dos seus thesouros:
Mostrou-me as palmas, os louros,
Fez-me mil milhões de offertas:
Fortuna, tu não acertas,
Lhe disse de hum tom severo,
Porque os altos deus, que espero,
Cruel, não nos podes dar:
Torna o thesouro a fechar:
Nada do que vejo quero.

M O T E

Fez da côr da minha sorte.

GLOZA DO A.

QUando os olhos vou erguer
Para es pôr nos teus Divinos,
Lembrão-me mil desatinos,
Que sinto, e não sei dizer:
Tu, que sabes comprehender
Este genero de morte,
Perdoa-me algum transporte,
Que vires nos olhos meus;
Culpa os Ceos, porque esses teus
Fez da côr da minha sorte.

M O T E

Paixão de amor o que he.

GLOZA DO A.

Mil vezes de amor zombava,
 Quando te não conhecia,
 Porque inda então não sabia
 O que esta paixão custava:
 Alegre o tempo passava,
 Sem saber o que era fé;
 Mas depois, tyranna, que
 Em teus olhos me empreguei,
 Inda mal que tanto sei,
Paixão de amor o que he.

Por outro modo.

GLOZA DO A.

Arrastar duros grilhões,
 Dar mil gemidos, mil brades,
 Sentir, como os condemnados,
 Infernaes tribulações,
 Fazer mil considerações:
 Do que ouve, e do que vê,
 Negar o mesmo que crê,
 Morrer todos os instantes,
 Eis-aqui, tristes amantes,
Paixão de amor o que he.

MOTEO

No meio de tanto fogo:

GLOZA DO A.

POr toda a parte espalhando:
Os meus suspiros ardentes
Vou, não so ás vivas gentes,
Mas verdes troncos queimando:
Com elle o ferro abrando,
Derrete-se a pedra logo,
So a meu ardente rogo
Aquella tyrannã, aquella....
Endurece, esfria, gela
No meio de tanto fogo.

COLXEA

A's doces prizaões de Amor
Entreguei a liberdade.

GLOZA DO A.

Dize, seja como for,
Se das snais te queres rir,
Faze muito por fugir
A's doces prizaões de Amor:
Guarda esse rico penhor
Da preciosa vontade;
Para que correndo a idade
Não digas, como eu já disse,
Em negra hora infelice
Entreguei a liberdade.

COLXEA

*Amor, para me prender,
Os teus olhos me mostrou.*

GLOZA DO A.

POr vingar-se Amor quiz ver
Se perder-me saberia:
Que industrias não buscaria
Amor para me prender!
Principiou a bater
Mil ferros, que encadeou;
Chaves algumas forjou;
Porque tudo mallogrando,
Não me prendeo senão quando
Os teus olhos me mostrou.

COLXEA

*Inda que a fonte tem limos,
Quem tem sede sempre bebe.*

GLOZA DO A.

GRaças a Deos! conseguimos
Descobrir neste alto monte
Para beber huma fonte,
Inda que a fonte tem limos:
Com sede, e com calma vimos,
No rosto se nos percebe;
Vai, no tarro a agua recebe,
Que a necessidade ensina,
Que da fonte mais molina,
Quem tem sede sempre bebe.

E N D E I X A S

I

Albano, que amava
 Dinamene bella,
 Andava por ella
 Sempre a suspirar.

Fugindo da gente,
 Porque não queria
 Outra companhia
 Mais que o seu pezar.

Nas margens desertas
 Do Tejo saudoso
 Se vai desgostoso
 Sozinho encostar.

Contando ás herminhas
 Da fresca espessura
 A pótica Ventura
 Que teve em amanc.

Do peito desata,
 Em seu desalepto,
 Suspiros ao vento,
 Lagrimas ao mar.

E como que estava
 Já perto da morte,
 Em vão desta sorte
 Se entrou a queixar.

Gentil Dinamene,
 Honra desta Aldea,
 Do bosque, e da ardea
 Nympha-Futaba.

Por tí ha mil dias
 Que morro, vivendo pro I
 Porque vá morrendo
 Sem nunca acabar.

Depois que os meus olhos
 Nos teus compraguei
 Ver outros olhos sei
 Que os posso alegrar.

Se os meus te aborrecem
 Porque não choras,
 Põe-lhe os teus piedosos
 Faze-os enaugar.

Se he que então me aborrecem
 Que he de mais do que
 Não corras de gosto
 Vendo-te a abraçar.

Se sabes que eu morro,
 Porque não me acodes?
 Pois bem sei que podes
 Dar vida, e matar.

Amor nem com todos
 Se empenha de véras;
 Que amor tem as feras,
 Sem saber amar?

Bem sei que hum Pastor,
 A quem tudo falta,
 A Nympha tão alta,
 Não deve aspirar.

Mas não ama o cospo,
 Ama a alma forte,
 E Amor, como a morte,
 Nos sabe igualar.

Se não tenho gado,
 Que offerrecer te possa,
 Se não tenho choça
 Para te abrigar;

De puros affectos,
 Cardido rebanho,
 Formasei tamanho
 Como terra; e mar.

E estas innocentes
 Entranhas mil vezes,
 Em lugar de rezes,
 Sobre o teu Altar,

Irei, Nymfa, eu mesmo,
 C' o peito ja roto,
 Alegre, e devoto
 A sacrificar.

E se for possivel,
 Depois desta vida,
 A' minha alma unida
 A tua ha de andar

Mais dizer queria
 De seu mal tyranno;
 Mas não pode Albano
 Adiante passar.

Das tremulas mãos
 Cabio-lhe o encosto,
 Sem o triste rosto
 Poder levantar.

Porém Dinamene,
 Que ouvindo estivera
 Quanto elle dixeram
 Choro de pezar.

Fez tão pouco caso
De seu mal ouvir,
Que em vez de o sentir,
Se poz a cantar.

II

Pastora, a mais bella,
Que nessa espessura
Permittio Ventura
Fosses minha Estrella.

Não são as que eu vejo
No Ceo tão brilhante,
Nem estão tão distantes
Para o meu desejo.

Mas se tão formosa
La do Ceo cahiste,
Porque não sahiste
Como elle piedosa.

Se teu rosto a palma
De Angelico tem,
Mostra que es tambem
Angelica minima.

E se prezo vivo
Dessa formosura,
Trata mais brandura
Com quem está cativo.

A tua inclemencia
 Odiosa não seja,
 Que, onde amor sobeja,
 Sobeja a violencia.

A minha saudade!!
 Capaz he de tudo,
 Que he mal mais agudo,
 Que a tua crueldade.

E neste excessivo
 Mal, em que discorro,
 De não ver-te morto,
 De odorar-te vivo.

Ah se tu estiveres
 Dentro neste peito,
 Do mal, que lha has feito,
 Tu te arrependêras!

Mas ai que en me engano!
 Dentro nelle estás:
 Apalpa, e verás,
 Que he, o teu Albano.

Dá-lhe este conforto,
 Acode a seus ais:
 Vê se tarda mais,
 Que o achas ja morto,

Se este amor não queres,
 E o bem me demoras,
 Direi que as Pastoras
 Também são mulheres.

III

Andais enganados,
 Corações humanos,
 Que Amor não tem culpa
 Dos vossos enganos.

Quem d'elle se queixa,
 No mal, que padace,
 Quanto mais o culpa,
 Menos o conhece.

Eu, que recebi
 Feridas tainhas
 Que inda verto sangue
 Das rotas entranchas

Nem por isso volto
 Contra elle os tiros
 Antes dou por elle
 Mui grossos culhões

Não ha maior erro
 Que o filho innocente
 Pagar os delictos
 Da mãi delinquente.

Ella lhe accomoda
 Nas mãos delicadas
 O arco sonoro,
 As settas douradas.

As settas lhe aponta,
 O corpo lhe ampara,
 O braço lhe curva,
 O tiro dispara.

Porém como ás cegas
 O simples rapaz
 Faz quanto a Mãe quer,
 Não sabe o que faz;

Comigo mil vezes
 Baldou estes meios,
 Porque andava armado
 De antigos receios.

Té que hum certo dia,
 Que eu tenho em memoria,
 Dispoz-me batalha,
 Conseguiu victoria.

Das armas do filho
 Não se quiz valer,
 Que tem outras armas
 Para se vencer.

Hum formoso resto,
Hum riso modesto,
Hum volver de olhos,
Hum mudar de gesto,

As armas so forão
Da sua conquista;
Porque pode menos
O ferro, que a vista.

Se a bella figura
De Venus então
Gemer não fizera
O meu coração;

Não cuides, se as pontas
Do arco ajuntáras,
Que nelle hum so tiro,
Cupido, acertáras.

Este anda mostrando
As chagas do peito,
Dizendo, que es tu
Causa deste effeito.

Aquelle pragueja
Os grilhões dourados,
A todos contando,
Que lhe são pezados.

Hum

Hum diz que padeca
Frenético mal,
Nascido de hum fogo,
Ciume infernal.

Outro, na balança
De huma dor immensa,
Vai pezando as faltas
Da má recompensa.

Que culpa tens tu,
Menino innocente,
Do mal que discorre
Esta louça gente?

Não serás Virtude
Praticada assim,
Para quem abusa
Do teu justo fim;

Mas para quem sabe
Dirigir seus passos,
São tuas cadeias
Os mais doces laços.

Vive Amor; e reina
So nos corações
Daquelles, que sabem
Conter as paixões.

Será o teu nome
Todos os instantes
Por mim defendido
Dos loucos amantes.

Tecer-te-hei grinaldas
Com mãos cuidadosas
De candidos lírios,
De purpureas rosas.

De innocentes rolas
Cem formosos pares
Banharão de sangue
Teus puros Altares.

Este sacrificio,
Doce Amor, aceita
A quem por seu gosto
Tanto se sujeita.

Ajudem-me todos
A dar-te louvores,
E formem-se as queixas
Da Mãe dos amores.

De Amor não culpeis
Os farpões tyrannos,
Que Amor não tem culpa
Dos vossos enganos.

M O T E

A ti so, e a mais ninguem.

GLOZA DO A.

MArcia, os mãos versos, que estão
Escritos neste volume,
Mais digno de arder no lume,
Que de vir á tua mão:
Foi gastar o tempo em vão,
De que me arrependo bem:
A culpa o meu Fado a tem;
Pois inda então não sabia,
Que fazer versos devja
A ti so, e a mais ninguem.

SONETO

A' Estatua Equestre.

SE queres ver huma Memória estranha,
(Remoto povo) arma veloz Navio;
Demanda as praias do famoso Rio,
Cujo nome tomou de hum Rei de Hespanha:

Não são despojos miseros que apanha
Barbara mão de vencedor Gentio,
São os triumphos de hum Monarca pio,
Representados n'uma so. façanha:

São de hum Conquistador, sem ser Guerreiro,
Pacíficas acções, Obras felices,
Sobre as ruínas de hum Imperio inteiro;

He finalmente (ah! se agora o visses!)
Modêlo Augusto de hum José Primeiro,
Fiel Retrato de hum segundo Ulysses.

SONETO

1870. 10. 1870.

A Sombra de altos Cedros levantados,
Entre as quatro Estações, e os doze Mezes;
Sobre hum montão de logas, e de Armezes,
Descançar vejo os Seculos passados:

Huns empanhando estão Sceptros dourados,
Outros abrindo os Fastos Portuguezes: . . .
Os nomes lem desses Heróes, mil vezes,
Santos nas leis, nas Guerras esforçados:

Mais antigas acções de Heróes admirão,
Com que se honrara o Seculo de Augusto,
Por quem os nossos tempos não aspirão:

Porém, naquella Estatta, e neste Busto,
Esses ditos Seculos não vivão:
Hum Ministro tão sabio, hum Rei tão justo.

SONETO

Ao mesmo.

Não he do Estagnario a mão perita,
 Que admiro, ó Rei, na tua Copia Augusta;
 Fecunda idéa proporções ajusta;
 Braço Real empresas facilita;

Não he a massa enorme, a que acredita
 O respeito da máquina robusta;
 O que ella representa, he que me assusta,
 Que a ver me moys, que a fallar me incuta,

Estatuas de alguns Reis tem visto a Historia,
 E haver ja não devia entre os humanos;
 De taes Estatuas, de taes Reis memoria;

O que faz immortaes os Soberanos,
 He saber como tu encher de gloria
 A carreira incangavel dos seus annos.

E estas innocentes
 Entranhas mil vezes,
 Em lugar de rezes,
 Sobre o teu Altar,

Irei, Nympha, eu mesmo,
 C' o peito ja roto,
 Alegre, e devoto
 A sacrificar.

E se for possivel,
 Depois desta vida,
 A' minha alma unida
 A tua ha de andar

Mais dizer quezia
 De ser mal tyranno;
 Mas não pode Albano
 Adiante passar.

Das tremulas mãos
 Cabio-lhe o encosto,
 Sem o triste rosto
 Poder levantar.

Porém Dinamene,
 Que ouvindo estivera
 Quanto elle dissem
 Chão de pezar.

Fez tão pouco caso
De seu mal ouvir,
Que em vez de o sentir,
Se poz a cantar.

II

Pastora, a mais bella,
Que nessa espessura
Permittio Ventura
Fosses minha Estrella.

Não são as que eu vejo
No Ceo tão brilhantes,
Nem estão tão distantes
Para o meu desejo.

Mas se tão formosa
La do Ceo cahiste,
Porque não sahiste
Como elle piedosa.

Se teu rosto a palma
De Angelico tens,
Mostra que es tambem
Angelica nãa.

E se prezo vivo
Desa formosura,
Trata mais brandura
Com quem está cativo.

MEMORIE

Em ti a mão da natureza encerra...

SONETO

Quantas vezes me vem ao pensamento
 Quanto tens pelos ventos repartido
 Nos olhos por-me as setas de Cupido,
 E a voz de Osiris me abrindo no peito?

Por ti absorto e tímido me respeito,
 Anda em tocas as gentes dividido,
 Em fim, não há mais em nós sem sentido,
 Que se não veja a tua poder sujeito!

Honra e sobriedade a tua memória,
 Triunfa, que se alguma te faz guerra,
 Terás, por campo, o mundo na victoria.

Enche de pastos o Céu, de asombros a terra:
 Que quanto ha em epifora na gloria,
 Em ti a mão da natureza encerra.

SONETO

Cherando Vênus por seu filho andava,
 Não ha muitos instantes, e dizia,
 Que húmas grandes alviças daria,
 A quem lhe descubrisse, onde elle estava.

Para se conhecer, os sinais dava;
 A todos affirmando, que trazia,
 Fogo nos olhos, em que o Mundo ardia,
 No hombro tenro, e nu, pendente a aljava.

Eu, sabendo qual era o seu destino,
 Da mãe desconsolada enxugo o pranto;
 Comigo a levo, onde elle está, lhe ensino;

Vênus olhou, e cheia de alto espanto,
 Vio estar o Deus de amor, o seu menino,
 Elevado nas glorias do seu canto.

SONETO

Humas vezes, não sei porque motivo,
Me sinto andar, assim como pasmado,
Outras vezes de todo sepultado
No desacordo, não pareço vivo:

La torno em mim, e fico pensativo
No destino infeliz do meu cuidado:
De hum triste sono, funebre, e pezado,
De novo, outra vez torno a ser cativo.

Os olhos fecho, a languida cabeça
Para a parte humas vezes se reclina,
Outras vezes para os hombros se atravessa:

Ser triste, e desgraçado, em mim foi sina;
Pois quem tão mal do berço assim começa,
So tem na sepultura a medicina.

SONETO

ERguei-vos, Nymfas, madrugai, Pastores,
E la de cima do mais alto outeiro
Vede raiar os novos resplendores
Do melhor dia, desde que ha Janeiro:

Vede queimar-me, em fervido brazeiro;
Cupido as settas, em lugar de flores;
Porque completa mais hum anno inteiro,
A que nasceo para matar de amores:

Semeai em seti nome, se quizeres
Ver do anno a colheita mais distincta;
Com auxilio de Pan, favor de Ceres,

Em quanto eu peço a Amor, que me consinta,
Que tem se dos vossos, e dos meus prazeres,
O nome escreva da immortal Jacinta.

SONETO

Muita, que vba ha tanto tempo errante
 Nas azas da mortal melancolia,
 Dizer não pôde, quanto pede hum dia,
 Que assinalou vosso natal brilhante;

Por mais que sobre as nuvens se levante,
 Como vê, suffocada na agonia,
 Pouças vezes o rosto da alegria,
 Treme so de lhe ver o bom semblante;

Ella sim, tinha o animo disposto
 Para teçer á tua vida hum canto,
 Digno de apparteer neste meu rosto;

Mas o costume de chorar he tanto,
 Que se tenho algum gosto, sabe o gosto,
 Disfarçado nas lagrimas do pranto.

SONETO

Fileno, essa paixão modera, e esfria;
 Que ja he contumacia a persistencia;
 E de amor, nos triumphos, a violencia,
 Passa de ser victoria a ser porfia:

Ah! Deixa essa cruel, deixa essa impia,
 Que assim lhe honjeas a inclemencia;
 Pois talvez seja culto a desistencia,
 Onde foi sacrilegio a idolatria:

Não dobres, não, a hum pedernal o joelho,
 Que faz a adoração barbaridade;
 Melhor o sentes tu, que em o aconselho:

Negá-lhe o culto, volta-o á amizade;
 E vendo o seu rigor, e o meu conselho,
 Mais que esse engano, adora esta verdade.

S O N E T O

Fileno, acorda tu, e durma a fria,
A crua Diamene muito embora;
O seu amor confunde, o teu melhora,
Que nem o préza, nem o merecia:

Deixa ficar no sono em que jazia,
Não a desperte o teu amor ja agora;
Porqué hum igual descuido em quem adora,
Não he sono somente, he lethargia:

Insensivel ao teu merecimento,
E entorpecida de hum quebranto enorme,
Não dá de amor mais leve movimento:

Recebe pois este importante informe;
E então darás ao Mundo o documento,
Que sabes despertar, quando ella dorme.

S O N E T O

DEixa Eneas a Dido, é da saudade,
Consequindo triunfos a memoria,
Troca pela de amor mais alta historia
Nos caminhos, que abrig á Heroicidade:

Porém quando lhe desse a qualidade
De Heroe completo a successiva gloria,
Bastaria a seu nome esta victoria,
Para o ir collocar na eternidade:

Do antigo Lácio na Região procura
Ir buscar mais victorias, n'outra empreza;
Que a de Carthago assim ja tem segura:

Prosiga a viagem, próve a fortaleza;
Que não teme os poderes da ventura,
Quem domina os imperios da belleza.

SONETO

Sempre me pareceo que neste dia,
 De Dinâmene visse o bello rosto;
 Mas sempre hum infeliz acha desgosto,
 Onde imagina achar doce alegria!

Não sei que amavel, terna sympathia
 A bem querer-lhe ja me tem disposto!
 Mas a tão bello natural composto
 He divida a mais firme idolatria:

Minha alma he dos seus olhos prisioneira,
 E deste cativeiro lhe redundo,
 Escravidão gostosa, e lisonjeira:

No suave prazer todo se funda
 De te-la visto ja a vez primeira;
 Mas quando a tornarei a ver segunda?

S O N E T O

NA razão superior que em vós se alcança,
Não se queira a justiça da ventura,
Pois so no vosso merito segura,
Sem os perigos do favor, descança:

Da vossa felicissima bonança,
Por mais que a Inveja sordida murmura,
O legal simulacro então procura:
Sustentar o equilibrio da balança:

De litigar-se a causa não se entenda
Menos justiça em vós; se assim não fosse,
Não se apurára no crysol do pleito:

Foi preciso durar esta contenda;
Porque o dar-se-vos logo o bem da posse,
Paracta equidade, o que he direito.

S O N E T O .

SE eu pudera ; meu bem , neste retiro
Explicar da minha alma o desalento ,
Bastarão para vozes do tormento
As eloquentes frases de hum suspiro :

Mas a violenta dor he tal , que infiro
Do meu peito será punhal cruento ,
Pois se hum ai quero dar , no sentimento
Suffocada a mesma alma , nem respiro :

Eu me sinto mortal ; mas desta sorte
Melhor exprimo a dor , sem outro ensaio ,
Que diga a pena , que encareça o córte :

Mas , se he a ruina quem abona o raio ,
Que melhores imagens para a morte ,
Que os afflictos silencios de hum desmaio .

F I M .

TA-

SONETO

Chorando Vênus por seu filho andava;
 Não ha muitos instantes, e dizia,
 Que húmas grandes alviçaras daria,
 A quem lhe descobrisse, onde elle estava.

Para se conhecer, os sinais dava;
 A todos affirmando, que trazia,
 Fogo nos olhos, em que o Mundo ardia,
 No hombro tenro, e nu, pendente a aljava.

Eu, sabendo qual era o seu destino,
 Da mãe desconsolada enxugo o pranto;
 Comigo a levo, onde elle está, lhe ensino;

Vênus olhou, e cheia de alto espanto,
 Vio estar o Deus de amor, o seu menino,
 Elevado nas glorias do seu canto.

TABELLA

I

Já ia vão sete lustros, que este monte, 3.
Já me não enganais, rostos fingidos, 4.
Já me não venço, Amor, de hum gesto lindo, 7.

N

Nunca mais tornarei a ver teu rosto, 15.
Não vades hoje ao campo, ó Lavradores, 20.
N'um frôcco Amor á vista dos Pastores, 22.
Não foi, Marilia, a tua formosura, 27.
N'um valle, cujo nome não sabia, 44.

O

Ora aqui, ora alli, ferindo a gente, 34.
O roxo Bêcho, que espremeado estava, 38.
Os rijos ventos, que as prizões quebrarão, 41.
Os versos que cantei já n'outra hora, 48.

P

Para que em mim os olhos teus pozestes, 14.
Pódem contra leões, contra serpentes, 37.
Pobre, ou rico, vassallo, ou Soberano, 47.

Q

Qual depois de horrôsa tempestade, 17.
Qual muda rez de pés, e mãos ligada, 18.
Qual o menino, pela mão levado, 30.
Quiz ver o Sol de noite, o Luar de dia, 33.
Quem corre apoz do bem, que não alcança, 35.
Querendo erguer, em honra deste dia, 40.
Que dons, dignos de ti, em recerça, 46.

N

Se quem te vê, bellissima tyranna, 11.

T

Temão embora a morte os que afferrados, 21.
Trazei do Ceo medicinal virtude, 32.

Vai,

TABELLA

V

- Vai, 6 card^o Limano, que a ventura, 10.
Vai, Genoveva: os favoraveis ventos, 21.
Vão de valor, vão de Fortuna armados, 26.
Vós, arenosas Escalabitanas, 28.
Vinde, ó Anjo da paz, e da alliança, 50.

O D E S.

- Infeliz instrumento, 51.
Socega-te, e respira, 54.
Fez-me calvo este monte, 58.
Tu, brilhante Chimera, 69.
Alviçaras humanos, 61.
Musa minha, voemos, 64.

C A N Ç Õ E S.

- Tu que tens feito na minha alma assento, 89.
Aquelle, que buscando, 98.
Ja sobre os Horizontes, 102.
Quem são? Quem são aquelles exemplares, 108.
Illustre D. Gastão, sabio Coutinho, 111.

I D Y L L I O S.

- Hum dia ao pôr do Sol, hum triste dia, 74.
Não são dos passarinhos os reclamos, 78.
Gostosa companhia, 81.

E P I C E D I O.

- Da chara vossa Irmã, Illustre Conde, 86.

T R A G E D I A S.

- Penelope, traducção, 129.
Viriacia, ficção, 227.

M I S C É L L A N E A S.

Motes alheios glosados pelo A.

- Quanto importa, e quanto val, 301.
Tão costumado a desgraças, 303.

No

T A B E L L A

No Templo do Deos Cupido, 305.
 Da escravidão do Deos cego, 307.
 Amor anda pelo tino, 309.
 Bem pôde o Tempo tirar, 311.
 Todo este monte não tem, 313.
 Quando te não conhecia, 315.
 Tomára quem me dissera, 317.
 Se te aborrece o querer-te, 321.
 Já sei, ingrato, já sei, 323.
 Vai, afflicto coração, 325.
 Amor perfeito não dura, 327.
 Do Tejo as arêas de ouro, 328.
 De Anarda os olhos formosos, 329.
 Nos dotes, que o Ceo te deu, ibid.
 Em sinal da escravidão, 330.
 Morrendo estou de saudades, ibid.
 Nada do que vejo quero, 331.
 Fez da cor da minha Sorte, ibid.
 Paixão de amor o que he, 332.
 No meio de tanto fogo, 333.

C O L X E A S.

A's doces prizões de Amor, 333.
 Amor, para me prender, 334.
 Inda que a fonte tem limos, ibid.

E N D E I X A S.

Albano, que amava	}	335.
Dinamene bella		
Pastora a mais bella,	}	339.
Que nessa espessura		
Andais enganados,	}	341.
Corações humanos.		

TABELLA

Dos Sonetos novamente accrescentados.

SÉ queres ver huma Memória estranha, pag.
347.

A' sombra de altos Cedros levantados, 348.

Não he do Estatnario a mão perita, 349.

Os ares enchão de mortaes gemidos, 350.

Esse fogo de Amor, em que alguma hora, 351.

Quiz Amor resumir n'um so sogetto, 352.

Chorando Venus por seu filho andava, 353.

Humas vezes, não sei porque motivo, 354.

Erguei-vos, Nymfas, madrugai, Pastores, 355.

Musa, que vça ha tanto tempo errante, 356.

Fileno, essa paixão modera, e esfria, 357.

Fileno, acorda tu, e durma a fria, 358.

Deixa Eneas a Dido, e da saudade, 359.

Sempre me pareceo que neste dia, 360.

Na razão sup'rior que em vós se alcança, 361.

Se eu pudera, meu bem, neste retiro, 362.

PROTESTAÇÃO.

AS palavras Numen , Fado , Destino, Divindade, etc. empregadas somente para melhor exprimir a ficção Poetica , não tem alguma cousa de commum com os internos sentimentos do Author , que como obediente filho da Igreja em tudo se submette ás determinações della.

Top
True ~~very~~ slightly

AP-230

II

